

MIRIAM MOREIRA DE MELLO

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

FUNDAMENTOS E INTERVENÇÕES DA PSICOLOGIA NO ESPORTE
COLETIVO NO ESTADO DE SÃO PAULO: ANÁLISE DE UM DOCUMENTO

CAMPINAS -SP

2001

MIRIAM MOREIRA DE MELLO

FUNDAMENTOS E INTERVENÇÕES DA PSICOLOGIA NO ESPORTE COLETIVO
NO ESTADO DE SÃO PAULO: ANÁLISE DE UM DOCUMENTO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, como requisito final, para obtenção do título de Doutor em Educação Física, Área de Concentração: Educação Motora.

Orientador: Prof. Dr. Wagner Wey Moreira

CAMPINAS-SP

2001



UNIDADE	BC		
N.º CHAMADA:	T/ UNICAMP		
	M489f		
V.	Ex.		
TOMBO BC	44702		
PROC.	16-392101		
C	<input type="checkbox"/>	D	<input checked="" type="checkbox"/>
PRECº	R\$ 11,00		
DATA	14/10/2001		
N.º CPD			

CM00157637-0

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA-FEF-UNICAMP

M527f

M489f

Mello, Miriam Moreira de

Fundamentos e intervenções da psicologia no esporte coletivo no estado de São Paulo: análise de um documento / Miriam Moreira de Mello.-- Campinas, SP : [s. n.], 2001.

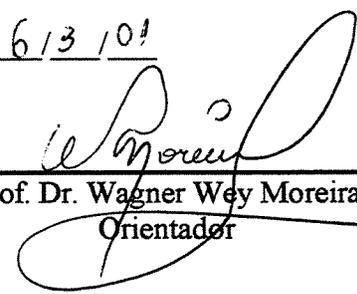
Orientador: Wagner Wey Moreira

Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física

1. Psicologia. 2. Esporte. 3. Esporte-Psicologia. 4. Psicanálise. 5. Terapêutica no esporte*. I. Moreira, Wagner Wey. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

Este exemplar corresponde à redação final da Tese de Doutorado defendida por Miriam Moreira de Mello, na Área de Concentração em Educação Motora, e aprovada pela Comissão Julgadora em 22 de fevereiro de 2001.

Data: 6/3/01



Prof. Dr. Wagner Wey Moreira
Orientador

Às minhas filhas, Daniela, Fernanda e Giulia, cuja
grandiosidade luminosa permitiu-me adentrar a
escuridão e sair dela.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Nelson e Maria Ignêz, que iniciaram a construção da minha subjetividade.

Ao Wagner, meu orientador, por estar comigo o tempo todo. Minha gratidão e admiração.

Aos meus amigos, por tudo. Não vou nomeá-los, eles sabem quem são e que sem a presença deles, este trabalho não teria sido realizado.

Às minhas filhas, pela Vida.

SUMÁRIO

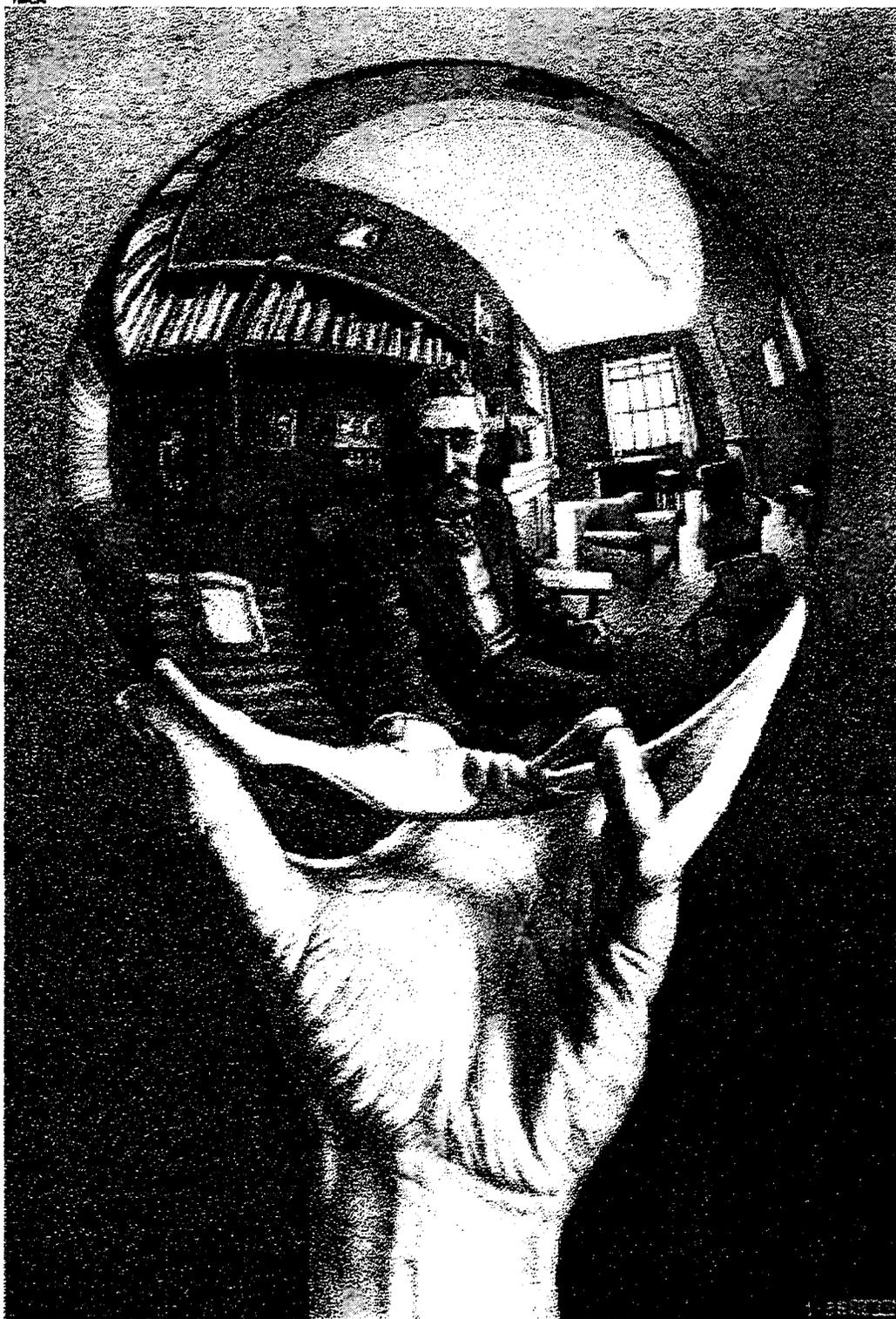
INTRODUÇÃO	1
1 PSICOLOGIA: CAMPO DE DISPERSÃO	7
1.1 A questão da diversidade	7
1.2 Contextualização da Psicologia Científica	11
1.3 O humanismo renascentista e os primórdios da psicologia	15
2 DA SUBJETIVIDADE	23
2.1 A construção da subjetividade	23
2.2 A subjetividade: entre o coletivo e o privado	37
2.2.1 Da subjetividade privada	38
2.2.2 A criação dos grupos e a subjetividade coletiva	43
2.3 Grupos e instituições na experiência humana	48
3 GRUPOS ESPORTIVOS	55
3.1 O fenômeno esporte	60
3.2 A Psicologia no Esporte	72
3.2.1 Histórico	74
3.2.2 O psicólogo do esporte	81
3.2.3 Reflexões sobre a Formação do Psicólogo do Esporte	91
4 METODOLOGIA	95
4.1 Método	95
4.2 Sobre os dados	98
4.3 Levantamento de categorias	100
5 ANÁLISE DOS DADOS	105
5.1 Ausência de formação específica em psicologia do esporte no Brasil	105
5.2 O trabalho do psicólogo no mundo do esporte	107
5.3 Estratégias de intervenção do psicólogo no mundo do esporte	116
5.4 Conhecimento do mundo do atleta: influências internas e externas	124
5.5 O fascínio do/no mundo do esporte: uma preocupação	133
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	143
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	151

RESUMO

Nesse trabalho, organizamos e sistematizamos um conjunto de conhecimentos sobre a prática do psicólogo no âmbito esportivo. Diante da ausência de formação específica em Psicologia do Esporte no nosso país e da dispersão no espaço da Psicologia, o objetivo deste trabalho foi levantar os fundamentos que estão dando sustentação às intervenções dos psicólogos atuantes em equipes esportivas. Utilizamos como fonte principal para obtenção dos dados o livro Psicologia do Esporte: interface, pesquisa e intervenção. A leitura dos artigos levou-nos à identificação das seguintes categorias: 1ª- ausência de formação específica em psicologia do esporte no Brasil, 2ª- o trabalho do psicólogo do esporte no mundo do esporte, 3ª- estratégias de intervenção do psicólogo no mundo do esporte, 4ª- conhecimento do mundo do atleta: influências internas e externas, 5ª- o fascínio no mundo do/no esporte: uma preocupação. A 5ª categoria, apesar de não estar explícita nos discursos individualmente, pareceu-nos de suma importância, motivo pelo qual realçamos sua argumentação à parte. O ideal estático de beleza, força física, força psíquica, destino, onipotência, narcisismo - estereótipo de heróis – vai sendo desmontado para dar lugar à subjetividade formada no e para o coletivo, reconhecida em sua dimensão dialética: benéfica-maléfica, vencedora-perdedora, construída-destruída, presente-ausente. Metamórfica. A psicologia no esporte exercida por profissionais formados à luz da unicidade da Psicologia no interior da dispersão e que conceba a subjetividade complexa, porque não idealizada é, ainda, uma possibilidade. O que temos, enquanto realidade e atuação nesta área, é uma retomada do humanismo e seus ideais estáticos de atletas, situados nos clubes, nas federações e nos times em situação de disputas nacionais, internacionais ou olímpicas.

ABSTRACT

In this work, we organized and systematized a group of knowledges under the psychologist practice in the sportive ambit. In front the lack of specific formation in sportive psychology in our country, and the dispersion on space of psychology, the purpose of this work is to rouse the foundation, who are giving sustentation to psychologist's interventions acting in sportive teams. We used the book *Sport's psychology: interface, research and intervention* as a main source to obtain informations. The reading of articles took us to the identification of the following categories: 1° lack of specific sportive psychology formation in Brazil; 2° the work of psychologist in the world of sport; 3° strategies of psychologist's interventions in the world of sport, 4° knowledge of the athlete's world: internal and external influences; 5° the fascination in the world of sport: a worry. The fifth category, in spite of not being explicit in the individual spechcs, seems to be very important reason for what we reassure our argumentation. The statics ideal of beauty physical strength, psychic strength, destiny, narcissism, omnipotence - heroes stereotype - has been ruined to give place to the subjectivity formed in and to the public, recognized in your dialethic dimension: beneficial/maleficial, winner/loser, built/destroyed, present/absent. Metamorphic. The psychology of sport, performed by professionals roused under the lights of Psychology unicity, in the inner of dispersion and that conceive the complex subjectivity, because it's not idealized is, even, a possibility. What we have, as reality and actuation in this field, is the recapture of humanism and statics purposes of athletes, located in clubs, federations and teams under national, international or Olympics disputes.



ESCHER, M. C. (1898-1972)
1935, "*MÃO COM ESFERA REFLETINDO*"
Litogravura, 31,8x21,4

INTRODUÇÃO

Este trabalho é o resultado de uma mudança de trajetória no projeto original da pesquisa. Inicialmente, o projeto visava o estudo da corporeidade vinculado à minha experiência com transplantados de medula óssea porque nas fantasias do receptor, o doador deveria ser alguém que ele desejasse e com quem tivesse boas relações; os pacientes transplantados insistiam sobre suas semelhanças com seus doadores, que poderia ser uma denegação¹ do caráter estrangeiro da medula. No caso de sucesso, há uma necessidade explícita de banalizar o doador da medula e sublinhar o papel ativo de seus corpos na cura. No caso de fracasso (quando ocorre rejeição) as idéias do transplantado são de que a medula não poderia ser tão boa, uma vez que lhe trouxe distúrbios.

Assim, fosse em razão do sucesso, fosse em situação de fracasso, uma das partes da relação transplantado-doador sempre estaria isenta de crítica quanto aos aspectos positivos de sua corporeidade e psicologicamente, salvaguardado da possibilidade da experiência do fracasso.

O contato com esta realidade ajudou-me a reconhecer outros espaços nos quais a Psicologia estava em relação direta com o corpo enquanto lugar do fracasso e do sucesso e nos quais a corporeidade sustentava parte das atitudes, emoções e afetos mobilizados em sujeitos e em grupos: o da, atualmente tão em voga, Psicologia do Esporte.

A formação dos psicólogos tem sido bastante discutida nos últimos anos em função da ampliação das áreas de atuação desse profissional. Em algumas áreas, no

caso específico aqui analisado, o Esporte, não está claro o delineamento do que faz esse profissional, que capacitação ele necessita para atuar nesta área, onde adquirir, qual a sua contribuição específica, seu papel. Diante dessa nebulosa situação de formação e prática profissional impuseram-se algumas perguntas: O que justifica a inserção do psicólogo nesse espaço? Por que o psicólogo e não um outro profissional treinado numa equipe esportiva? Essas questões e a informação obtida através de leituras de que os psicólogos do esporte ou se formavam fora do país, ou eram autodidatas, suscitaram a busca de aprofundamento para uma preocupação que já “carregava” da clínica, pertinente à fundamentação das práticas de atuação e intervenção dos psicólogos. Nessa busca, foi necessário voltar-me para as matrizes do pensamento psicológico, rever a construção da subjetividade e tentar compreender como o fenômeno auto-ajuda adquiriu a proporção que assistimos hoje, no desenvolvimento da história de uma Psicologia.

Diante da falta de clareza no que diz respeito à formação do psicólogo do esporte, o objetivo desse trabalho é verificar entre os psicólogos atuantes em equipes esportivas do estado de São Paulo, quais os fundamentos que estão dando sustentação à suas atuações práticas, a partir da produção de conhecimentos de um grupo de profissionais.

O trabalho está dividido em cinco capítulos, a saber:

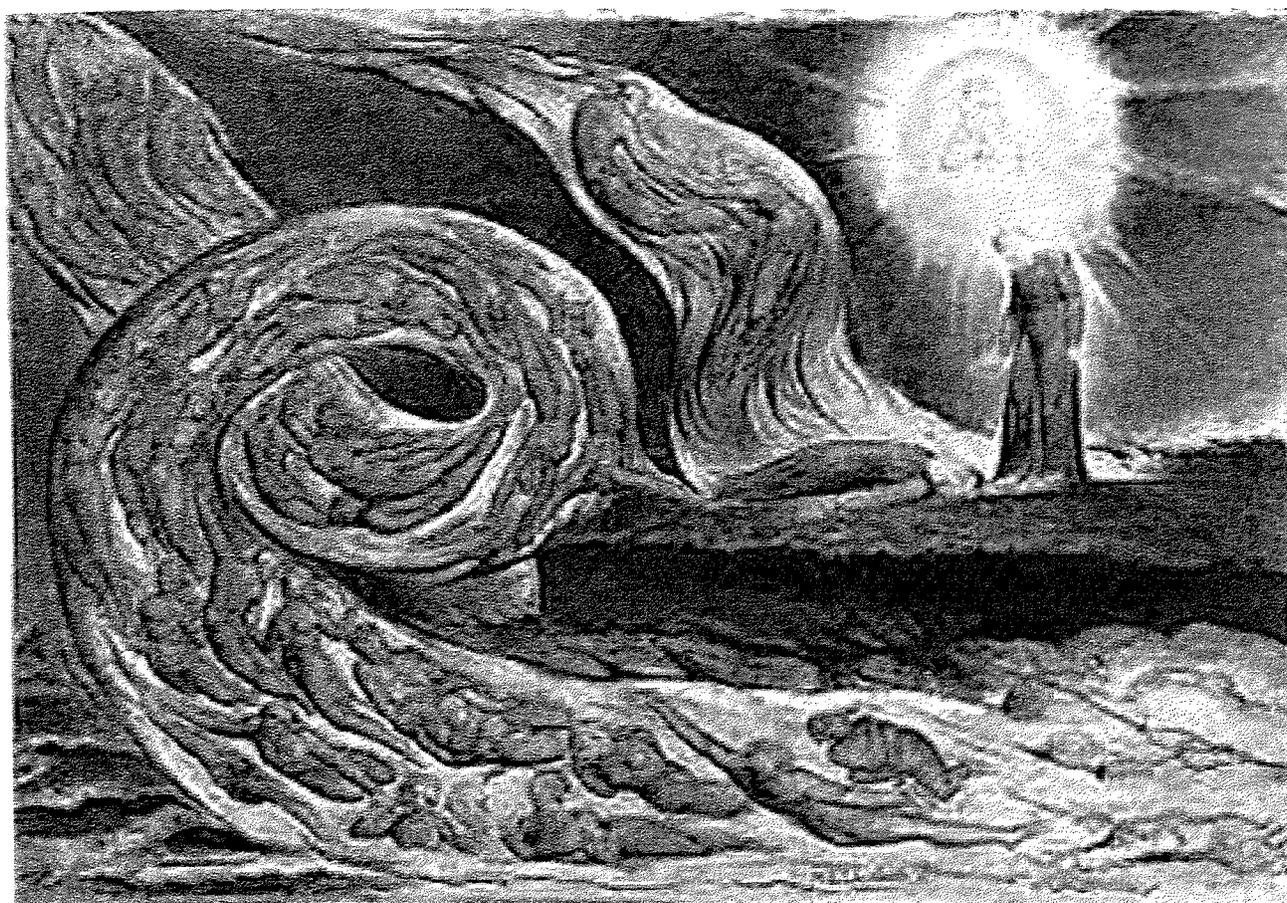
O primeiro capítulo é dedicado ao estudo da dispersão no espaço de conhecimento da Psicologia (o que tem permitido a sua sobrevivência). O segundo volta-se para a compreensão da subjetividade e formação dos grupos. O terceiro capítulo trata mais especificamente dos grupos esportivos, cuja dinâmica tem sido um

¹ Denegação ou negação - processo pelo qual o sujeito, embora formulando um dos seus desejos, pensamentos ou sentimentos até então recalcado, continua a defender-se dele negando que lhe pertença (Laplanche e Pontalis, 1991:293).

grande desafio para técnicos, atletas e profissionais do/no âmbito esportivo, aprofundando os estudos sobre o fenômeno esporte e a psicologia do esporte. O quarto capítulo descreve os procedimentos de coleta e estratégias metodológicas de análise. Considerou-se aqui, como objeto para levantamento das categorias analisadas quatro grandes grupos: ausência de formação específica em psicologia do esporte no Brasil; o trabalho do psicólogo no mundo do esporte; estratégias de intervenção do psicólogo no mundo do esporte; conhecimento do mundo do atleta: influências internas e externas. Esses grupos foram retirados da leitura dos textos publicados no livro - Psicologia do Esporte: interfaces, pesquisa e intervenção -organizado por Katia Rubio, considerando esses textos como informantes do que psicólogos e profissionais que atuam no esporte consideram o campo de ação e as formas de intervenção.

Uma quinta categoria, criada a *posteriori*, é resultado da leitura dos textos e da análise aplicada sobre eles. Esta categoria encontra-se destacada das outras, uma vez que, em sua formulação e análise esboçam-se as primeiras conclusões e críticas aos aspectos abordados nos textos.

Nas considerações finais encerraremos nosso percurso, discutindo sobre a inserção do psicólogo no espaço de uma psicologia voltada para o esporte e por que o psicólogo.



BLAKE, WILLIAM (1757-1827)
(1824-1827) "*Círculo da Luxúria: Francesca da Rimini (Dante: A Divina comédia, Inferno, Canto 5)*"

1 PSICOLOGIA: CAMPO DE DISPERSÃO

Verdade

*A porta da verdade estava aberta,
mas só deixava passar meia pessoa de cada vez.
Assim não era possível atingir toda a verdade,
porque a meia pessoa que entrava
só trazia o perfil da meia verdade.
E sua segunda metade
voltava igualmente com meio perfil.
E os meios perfis não coincidiam.
Arrebentaram a porta. Derrubaram a porta.
Chegaram ao lugar luminoso
onde a verdade esplendia seus fogos.
Era dividida em metades
diferentes uma da outra.
Chegou-se a discutir qual a metade mais bela.
Nenhuma das duas era totalmente bela.
E carecia optar. Cada um optou conforme
seu capricho, sua ilusão, sua miopia.*

Carlos Drummond de Andrade

1.1 A questão da diversidade

A psicologia, enquanto ciência, nasceu, cresceu e sobrevive da articulação polêmica de formas de pensar e existir em sociedade. Contrariamente às outras ciências, não possui um objeto único de estudo e nem uma única forma de abordá-lo (um único método “verdadeiro”). Se considerarmos a psicologia como um todo, encontram-se em seu campo de estudo uma multiplicidade de fenômenos (que vão da cognição e comportamento individual e/ou social passando pelas relações humanas até práticas de dinâmicas de grupos) como a mente, o inconsciente, o comportamento, a percepção, as motivações e emoções, as atitudes, a personalidade, os distúrbios psicológicos, as relações humanas e os grupos sociais. Às vezes, volta-se para a biologia, para a genética, para a fisiologia, outras, para a filosofia, sociologia, lingüística, semiótica; às vezes, interessa-se pelo indivíduo, outras, pelo grupo; às

vezes, enfatiza primordialmente o “interior”² dos indivíduos como determinante de seus atos, outras, concentra-se na influência do ambiente e da educação sobre o comportamento humano. Assim, o que caracteriza a psicologia é a diversidade. Diversidade teórica, diversidade metodológica, diversidade prática, diversidade de crenças e de culturas.

Figueiredo (1992) refere-se a essa característica da psicologia como o “estado fragmentar do conhecimento psicológico” e reafirma a expressão utilizada por Luiz Alfredo Garcia-Roza da psicologia como um -“espaço de dispersão”- ou seja, o conhecimento psicológico não é uno, único, coerente, geral, nem totalmente integrado. *“A ocupação do espaço psicológico pelas teorias e sistemas não deu lugar à formação de um continente, mas sim de um arquipélago conceitual e tecnológico”* (Figueiredo, 1992:7). O que observamos são diferentes formas de pensamento em psicologia: “linhas” ou “correntes” de pensamento, às vezes também chamadas “abordagens”. Se concebermos a psicologia como um espaço, poderemos observar que, às vezes, essas diferentes linhas se originaram de um mesmo ponto e depois assumiram trajetórias diferentes. Outras vezes, tiveram origens em pontos diferentes, mas suas trajetórias convergiram em um determinado ponto; ou, ainda, foram originadas em pontos diferentes e seguiram para pontos também diferentes, sem que suas trajetórias se encontrassem. Por todas essas trajetórias possíveis, é que se poderia definir a psicologia como um espaço de dispersão. Independente da valoração positiva ou negativa que se possa ter a partir dessa situação, o que se propõe é que essa é uma característica fundamental da psicologia. Uma maneira de encontrarmos sentido nesse caos aparente, seria estudando a origem de toda essa dispersão, de todas essas convergências e divergências existentes na psicologia (Figueiredo, 1991;1992).

Assim, os diferentes sistemas de pensamento psicológico visam objetos diferentes, possuem maneiras diferentes de abordá-los, diferentes objetivos e padrões.

² Interior aqui se refere a características individuais, herdadas geneticamente, o que é próprio do indivíduo, de sua constituição particular.

“As noções de “realidade”, de “psiquismo”, de “comportamento, etc...variam; igualmente varia o que se entende por “teoria”, por “conhecimento” e por “verdade”; em decorrência, variam os critérios de avaliação do conhecimento e dos métodos e procedimentos adequados”(Figueiredo, 1992:12).

Como as divergências não poderão ser resolvidas através de pesquisas, pois cada pesquisa será realizada a partir de seus próprios pressupostos, Figueiredo (1991; 1992) propõe a reflexão sobre as origens das diferentes teorias e práticas psicológicas.

Para se referir às origens dessas diferentes formas de pensamento em psicologia, Figueiredo (1992:19) utiliza a expressão “matrizes do pensamento psicológico”, que define como: *“grandes conjuntos de valores, normas, crenças metafísicas, concepções epistemológicas e metodológicas que subjazem às teorias e às práticas profissionais dos psicólogos”*.

Com essa definição, pretende explicar que, ao longo de sua história, a psicologia foi sendo construída sob diferentes influências sociais, culturais, políticas e históricas, as quais determinaram as diferentes trajetórias que tais correntes de pensamento foram assumindo. O conhecimento das matrizes permitiria o confronto, a aproximação ou contraposição das diferentes correntes, escolas, facções e seitas existentes no espaço psicológico. Nas palavras de Figueiredo (1992:15), uma reflexão das matrizes do pensamento psicológico possibilitaria *“uma ampliação da nossa capacidade de pensar acerca do que acreditamos, acerca do que fazemos e de quem somos”*.

De acordo com Figueiredo (1992) e Santi (1998), ao longo da História, transformações econômicas, sociais, culturais, políticas, provocaram modificações no modo de se pensar a existência e as subjetividades. Assim, questões relacionadas aos vários aspectos do ser humano se modificaram, no que diz respeito aos valores e normas (por exemplo: Como o homem deve se comportar?, Como e sobre que

condutas exercer um autodomínio?, Como moderar-se, conter sua natureza, na convivência com os outros?), crenças metafísicas (por exemplo: Quem é o homem?, Como se constitui sujeito? O que o caracteriza? Qual o propósito da vida? Como é a existência humana?), concepções epistemológicas e metodológicas (por exemplo: Como se obtém o conhecimento? Qual a confiabilidade de um dado conhecimento? Quais os procedimentos mais adequados que o homem deve utilizar para conhecer a si e ao mundo?). Uma vez que as repostas para essas e outras perguntas variaram ao longo da História, isso levaria aos diferentes modos de pensarmos nossas experiências e existência, determinando as diferentes trajetórias que a construção do conhecimento psicológico foi assumindo. O conhecimento dessas matrizes ajudaria na compreensão daquilo que, apenas aparentemente, seria sinal de caos e desorganização.

Quando ignoramos essas matrizes, a dificuldade para enfrentar a constatação de que a psicologia é um espaço em que a diversidade predomina pode gerar muita angústia e a reação à essa angústia, de acordo com Figueiredo (1991; 1992), pode se manifestar de duas formas diferentes : ou passamos a acreditar que só existe uma psicologia “verdadeira”, rejeitando, em princípio, todas as outras, sem a preocupação em conhecê-las (seríamos então os “dogmáticos”, na terminologia deste autor) ou ignoraríamos que elas são, em muitos casos, radicalmente diferentes e incompatíveis (porque originaram-se de matrizes totalmente diferentes), acreditando, erroneamente, que todas elas pretendem as mesmas coisas, adotando-as todas, como se as diferenças não existissem (seríamos os ecléticos). Essas atitudes são consideradas inaceitáveis para o psicólogo (pois acaba permanecendo aprisionado no senso comum), porque impedem o crescimento e desenvolvimento da psicologia e dos psicólogos, uma vez que só pode haver crescimento quando alguma coisa se confronta com seu diferente, com o “Outro”, com aquele ou aquilo que não somos nós, com a “alteridade” (Figueiredo, 1991; 1992). A proposta deste autor é que se enfrente essa questão da diversidade característica da psicologia produzindo conhecimento.

Assim, precisamos buscar respostas para as perguntas que envolvam nosso objeto de estudo e profissão, com base em recursos e referências oferecidos por uma ou mais teorias, pensando e estabelecendo relações entre as proposições teóricas e a nossa prática profissional.

Para que isso possa resultar em avanço do conhecimento em psicologia, é importante, ao mesmo tempo, haver reflexão constante sobre as várias teorias e sistemas de pensamento existentes, pois é essa reflexão que garantirá a possibilidade de contato com o outro, com o diferente. Refletir sobre as nossas teorias e as dos outros significaria, portanto, a possibilidade de crescimento. Refletir sobre os pressupostos das nossas e das outras teorias poderia permitir um aprofundamento dos nossos pressupostos, uma vez que os veríamos em comparação³ com os dos outros. Esse trabalho de reflexão provavelmente nos levaria à identificação das várias matrizes diferentes que subjazem às diversas teorias, o que seria importante para nos orientar a respeito de quantas teorias ou abordagens poderemos adotar, pois é ela que poderá dizer quais abordagens são conciliáveis (possuem pressupostos semelhantes), portanto podem coexistir; quais são incompatíveis (pressupostos totalmente diferentes); não podem ocupar a mesma posição em um único pensamento (Figueiredo, 1991; 1992).

1.2 Contextualização da Psicologia Científica

“O desenvolvimento de uma ciência e, sobretudo as grandes transformações que nela se registram dependem tanto de fatores internos como de fatores externos. Os primeiros revelam-se tanto em termos da própria dinâmica peculiar aos conceitos e problemas com que ela opera, como das mudanças que e processam em outros domínios científicos, com a proposição de conceitos novos que logo se transladam para os demais campos do saber. No tocante aos fatores externos, eles se originam das condições sociais dominantes e, em particular, das condições econômicas. Precisamente configuram-se esses fatores assim distribuídos, nas perspectivas

³ Comparação aqui está sendo utilizado para fins de ampliação do próprio conhecimento a partir do conhecimento do outro, diferente do meu.

internalista e externalista tão proclamadas pelos historiadores e pelos filósofos da ciência” (Penna, 1987:27).

Os projetos de psicologia como ciência independente começaram a florescer a partir do século XIX.

O processo de criar uma nova ciência é bastante complexo; implica em demonstrar que ela tem um objeto próprio e métodos adequados ao estudo desse objeto. Tarefa bastante difícil para a psicologia, uma vez que, temas como o comportamento e a alma estavam dispersos entre especulações filosóficas, ciências físicas e biológicas e ciências sociais. Todos os grandes sistemas filosóficos, desde a Antigüidade, incluíam noções e conceitos relacionados ao que hoje faz parte do domínio da psicologia científica: comportamento, emoções, alma (Figueiredo, 1994).

Segundo Figueiredo (1991; 1994), nossa noção de subjetividade privada (nosso reconhecimento enquanto sujeitos livres, diferenciados, com desejos e pensamentos próprios, diferentes ou semelhantes aos demais membros da sociedade) data aproximadamente dos últimos três séculos: da passagem do Renascimento para a Idade Moderna.

A partir do Renascimento consolidou-se a cisão entre o ser humano e o mundo, entre um mundo interno e outro externo, a percepção de um “eu” individual fechado, separado e em oposição a um mundo externo (os objetos e as outras pessoas). *“Desde a colocação do eu no centro do mundo por Descartes, diversos caminhos se desenvolveram na história do pensamento e dos costumes; estes caminhos freqüentemente cruzam-se, misturam-se e voltam a distanciar-se”* (Santi, 1998:96).

A partir do século XVII, já é possível apontar a dupla filiação das psicologias contemporâneas: alto nível de elaboração dessa experiência subjetiva privada e a crise

dessa experiência, com o reconhecimento de que o sujeito se constitui no interior de certos limites, não é tão livre como julga, nem se apresenta único, como crê. Daí a necessidade de ir além da experiência imediata (a vivência do sujeito) para compreendê-la e explicá-la melhor (Figueiredo, 1991; Figueiredo & Santi, 1998).

Para a constituição da psicologia, no final do século XIX, foi necessária a constituição e a crise da noção de subjetividade (século XVIII). Esta crise está estreitamente relacionada à história do humanismo moderno, que acreditou que o homem era o centro do universo e livre para determinar seu destino.

Na segunda metade do século XIX as psicologias procuraram de diversas formas responder às demandas surgidas desta crise: *“A psicologia nascerá de um processo histórico-social que, simultaneamente, institua cisões na experiência subjetiva e fracassava na manutenção destas mesmas cisões”* (Figueiredo, 1996:19).

A história nos mostra que as grandes irrupções da experiência subjetiva privada ocorrem em situações de crise social, quando uma tradição cultural (valores, normas e costumes) é contestada e surgem novas formas de vida.

“Os estudos psicológicos científicos começaram e se desenvolveram sempre marcados por essa contradição: por um lado, a ciência moderna pressupõe sujeitos livres e diferenciados - senhores de fato e de direito da natureza; por outro, procura conhecer e dominar essa própria subjetividade, reduzir ou mesmo eliminar as diferenças individuais, de forma a garantir a “objetividade”, ou seja, a validade intersubjetiva dos achados. Em contraposição, como veremos adiante, muitos psicólogos repudiam essa meta de conhecer para dominar os meandros da subjetividade e afirmam, ao contrário, que o que interessa é conhecer esses aspectos profundos e poderosos do “eu” para dar-lhes voz, para expandi-los, para fazê-los mais fortes e livres. É claro que os que pensam assim querem fazer da psicologia uma “ciência” sui generis não só por ter um campo e objeto próprios, mas por adotarem, em relação às demais ciências, outros métodos e outras metas” (Figueiredo e Santi, 1998:56).

Segundo Figueiredo & Santi (1998), Wundt, Titchener e os psicólogos funcionalistas tomaram como ponto de partida a experiência imediata⁴ para oferecer explicações fisiológicas, biológicas ou socioculturais. Com o comportamentalismo de Watson, a experiência imediata é totalmente desprezada, não há o menor interesse na vivência do sujeito, na sua experiência imediata - a finalidade da psicologia agora seria o estudo do comportamento observável, com o objetivo de prevê-lo e controlá-lo de maneira eficiente - independentemente do que o sujeito pensa, crê, sente ou deseja (interessam os estudos dos comportamentos adaptativos e adotando exclusivamente os métodos objetivos).

“O comportamentalismo, na verdade, não é um projeto de psicologia científica, mas o projeto de uma nova ciência - a ciência do comportamento - que viria ocupar o lugar da psicologia. Essa nova ciência deveria ser, segundo Watson, uma ciência natural, um ramo da biologia. O comportamentalismo leva às últimas conseqüências a tarefa científica de ir além da experiência tal como se dá. Essa é uma tarefa de desiludir e, sem dúvida, o comportamentalismo a cumpre rigorosamente: toda a rica experiência subjetiva dos indivíduos é expulsa da ciência do comportamento, todas as nossas crenças de que somos seres livres, autoconscientes, responsáveis e únicos são ridicularizadas; somos apenas organismos sujeitos às leis gerais do comportamento na sua interação com o ambiente” (Figueiredo & Santi, 1998:69-70).

O fato de o comportamentalismo negar a experiência imediata, não significa que ela deixa de existir. Ele nega-a, mas não a explica, não a compreende. Como ela não deixa de existir por causa disso, ninguém consegue se identificar com a imagem de homem proposta pelo comportamentalismo watsoniano.

“Todos sentem que, apesar da crise e das dúvidas, há uma experiência da subjetividade individualizada que, embora em crise, não pode ser simplesmente negada. É o reconhecimento da experiência imediata subjetiva que sustenta o esforço dos psicólogos que definem a psicologia como estudo da subjetividade individualizada e da experiência imediata” (Figueiredo & Santi, 1998:70).

⁴ Experiência imediata é a experiência tal como o sujeito a vive antes de se pôr a pensar sobre ela, antes de comunicá-la, antes de conhecê-la. É, em outras palavras, a experiência tal como se dá.

1.3 O humanismo renascentista e os primórdios da psicologia

“A originalidade do Renascimento está em construir uma nova imagem do mundo a partir da permanência de elementos do passado. É em nome do humanismo que o homem, mesmo temeroso, começa a separar-se da grande ordem do universo, para ser o seu espectador privilegiado. Mais do que isso, ele é o organizador dessa ordem. No plano religioso, isso se traduz na Reforma, que não reconhece intermediários-os padres ou o papa - na comunicação com Deus. O homem, e só ele, é responsável por seus atos, perante sua consciência e a divindade” (Abrão, 1999.130).

No Renascimento, nasce o humanismo moderno. Podemos observar claramente a mudança na concepção do lugar do ser humano no mundo. O humanismo é a atitude que se situa precisamente numa perspectiva antropocêntrica, exprimindo valores de equilíbrio, harmonia, ordem, proporção e medida, sendo empenhada em exaltar a beleza e o calor da vida humana. O homem, fonte última dos valores, deveria voltar-se para o seu desenvolvimento criativo e moral, de maneira significativa e racional, sem qualquer referência ao sobrenatural. As possibilidades do ser humano nortearam-se pelo otimismo e foram enaltecidas (Figueiredo, 1994).

O Renascimento, movimento que se alastrou pela Europa ocidental e perdurou por mais de dois séculos, tendo dominado plenamente entre 1400 e 1600, buscava uma revivificação das capacidades do ser humano, um novo despertar da consciência de si próprio e do universo (Sichel, 1977). *“Foi o movimento responsável pela recriação do homem, do tempo em que o homem foi, na verdade, recriado mais glorioso que antes, com o corpo desnudo e sem pejo, o braço vigoroso, não enfraquecido pelo jejum, estendido para a vida e para a luz”* (Sichel, 1977:7).

Começou com uma revivificação quase fanática da cultura clássica; vasculhando velhos textos, re-descobriam o ideal artístico do universo greco-romano.

“Como outros movimentos, teve precursores, mas diferentemente dos outros, não foi delimitado por nenhum objetivo particular, e a onda fertilizante que varreu a Itália, a Alemanha, a França, a Inglaterra e, em grau muito menor, a Espanha, deixando atrás de si um mundo novo, parece-se mais com um fenômeno da Natureza do que com uma corrente da história- mais uma atmosfera envolvendo os homens do que um rumo definido à sua frente. O novo nascimento foi a resultante de um impulso universal, e tal impulso foi precedido de algo semelhante a uma revelação do intelecto e das possibilidades do homem” (Sichel,1977: 7).

Não podemos esquecer de destacar, entre os fatores desencadeantes desse movimento, a centralização no poder da realeza, a invenção da imprensa, a liberdade da razão, a cisão Igreja/Estado, o fortalecimento do Estado contra a fragmentação do poder feudal.

“(…) os “excluídos” da ordem predominante povoaram as cidades, que ressurgem na Europa a partir do século X, juntamente com o comércio. Dizia-se então que o “ar da cidade é livre” porque seus habitantes não estavam submetidos ao jugo feudal. Essa liberdade urbana foi conquistada ao longo dos séculos, por uma combinação de lutas e negociações com os senhores feudais, que continuavam dominando o campo. Cidades mais poderosas, enriquecidas pelo comércio e pelo artesanato, dispunham de poder militar para impor à nobreza circundante o respeito pelos seus direitos, que se originavam muitas vezes da “compra” pelos burgueses (habitantes do burgo), do cancelamento de suas obrigações feudais. A aristocracia tendia a se endividar junto aos mercadores e, quando não conseguia saldar suas dívidas, aceitava renunciar a certos direitos que constituíam obrigações de seus ex-vassalos” (Singer,1994:18).

No interior mesmo da Idade Média se preparava o Renascimento, com o nascimento das cidades e rotas terrestres de comércio, a expansão marítima, a diminuição do poder da igreja, a invenção da imprensa e o advento da reforma (a efervescência cultural e política levou a críticas profundas à Igreja Romana, culminando na Reforma Protestante, baseada na idéia de liberdade de crença e de pensamento. À Reforma, a Igreja respondeu com a Contra-Reforma e com o recrudescimento do poder da Inquisição).

“A Idade Média Central (séculos XI-XIII) foi, grosso modo, a época do Feudalismo. (...) De fato, utilizando material histórico que vinha desde o séculoIV, o feudalismo, nascido no século X, conheceu o seu período “clássico” entre o século XI e o XIII.

Assim reorganizada, a sociedade cristã ocidental conheceu uma forte expansão populacional e uma conseqüente expansão territorial, da qual as Cruzadas são a face mais conhecida. Incentivada pela maior procura de mercadoria e pela maior disponibilidade de mão de obra, a economia se revigorou e se diversificou. A produção cultural acompanhou essa tendência. Aquela foi, portanto, em todos os sentidos, a fase mais rica da Idade Média (...)

Mas dessa maneira a própria essência do Feudalismo – sociedade fortemente estratificada, fechada, agrária, fragmentada politicamente – foi atingida. De dentro dela, e em concorrência com ela, desenvolvia-se um segmento urbano, mercantil, que buscava outros valores, que expressava e ao mesmo tempo acelerava as transformações decorrentes das próprias estruturas feudais. Assim, desta sociedade feudo-burguesa, na qual o segundo elemento lenta mas firmemente ia sobrepujando o primeiro, emergiam as cidades, as universidades, a literatura laica, a filosofia racionalista, a ciência empírica, as monarquias nacionais” (Franco, 1986:13-14).

Segundo Sichel (1977), Renascimento é um termo vago que tem servido para revestir muitos fatos: o reflorescimento da erudição, a renovação da arte, a revolta contra os escolásticos, a expansão do pensamento humano e a expansão do mundo além dos mares. A esse movimento foram atribuídas várias causas externas (Sichel, 1977): a morte do feudalismo; a tomada de Constantinopla pelos turcos, em 1453, que pôs termo ao Império Romano do oriente e que dispersou pelo mundo seus sábios, tendo feito navegar para o Oeste, em direção à Itália, uma carga gloriosa de manuscritos e esculturas, fruto de pilhagens e a invenção da imprensa.

“(...) esses acontecimentos exteriores foram apenas os sinais visíveis de uma grande força motivadora interior; da reafirmação da natureza e de seus direitos contra o ascetismo; da demanda desinteressada do conhecimento pelo conhecimento – não a demanda do escolástico pelas conseqüências lógicas, ou a do alquimista, que considerava a ciência como um meio para encontrar a pedra filosofal, mas algo muito maior. (...) A beleza se manifestou novamente ao homem - a beleza e a alegria que ele aprendera a considerar como inimigas mortais do Cristianismo” (Sichel, 1977:8).

O Renascimento tomou formas diferentes em países diferentes; porém, o laço que tornou um só os muitos “Renascimentos” foi a busca da unidade. Em muitos homens que tentaram aplicar o conhecimento à vida e se denominaram Humanistas, dentre eles -Erasmus- exímia figura do humanismo cristão renascentista - a ambição

pelo conhecimento estava condicionada ao pensamento de fundí-lo com o Cristianismo.

Evidentemente, essas transformações políticas e econômicas implicaram em mudanças de modo de vida das pessoas. Nesse sentido, houve uma ampliação da consciência de si e do mundo e foi intensificado o desejo de definir suas relações com ele. Associada a grande valorização do homem, estava a idéia de que ele teria que buscar uma formação, pois deveria se constituir enquanto humano. Se o destino não estava predestinado, o homem deveria formar-se, educar-se, individualizar-se.

“a Reforma e o Protestantismo (...) libertaram a consciência individual das instituições religiosas e da Igreja e a expuseram diretamente aos olhos de Deus; o Humanismo Renascentista,(...) colocou o homem(sic)no centro do universo; as revoluções científicas,(...) conferiram ao Homem a faculdade e as capacidades para inquirir,investigar e decifrar os mistérios da natureza; e o Iluminismo (centrou-se) na imagem do Homem racional, científico, libertado do dogma e da intolerância, e diante do qual se estendia a totalidade da história humana, para ser compreendida e dominada” (Stuart Hall, 1998.26, apud Chagas, 1999:23).

As sementes do Humanismo, regadas e adubadas na Renascença, sofreram muitas mutações no decorrer dos séculos seguintes; o uso da palavra Humanismo foi tomando outros sentidos, de acordo com a ênfase (pragmática ou naturalista) dos que se denominavam “humanistas”.

No século XX, partindo da existência de um fundo comum no emprego desse termo, chegou-se numa definição mais “compreensiva”:

“Um antropocentrismo refletido que, partindo da consciência do homem, tem por objeto a valorização do homem; exclusão feita daquilo que o aliena de si próprio, seja ao submetê-lo às verdades e aos poderes supra-humanos, seja ao desfigurá-lo por qualquer utilização infra-humana” (Lalande, 1996:481).

Podemos perceber que esta tendência fundamental pode conduzir a doutrinas bastante diferentes, não só de acordo com a extensão do campo ao qual ela se aplica

(estético, moral, epistemológico, pedagógico), mas ainda segundo a forma de adoção do “antropocentrismo”: simplesmente como método, ou constituindo-se em sistema; e conforme o caráter provisório ou definitivo da “exclusão” do supra-humano.

“A nova valorização do ser humano e a imposição de que ele construa sua existência e descubra valores segundo os quais viver, aliada a toda dispersão e fragmentação do mundo, levarão à tentativa de criação de mecanismos para o domínio e formação do eu. É na formação destes procedimentos - “modos de ser” - que poderemos começar a reconhecer os rumos que levarão à Psicologia” (Santi,1998:27).

Na formação da subjetividade em nossa sociedade industrial, o que vai modelar as posições subjetivas de cada indivíduo, são formas padronizadas tentando produzir uma subjetividade serializada. Nas palavras de Guattari (1998):

“A “fabricação” de um sujeito passa doravante por longos e complexos caminhos, engajando, através da família, da escola, sistemas “maquínicos” tais como a televisão, os mass mídia, o esporte... Insisto no fato de que não é apenas o conteúdo cognitivo da subjetividade que se encontra aqui modelado mas igualmente todas as suas outras facetas afetivas, perceptivas, volitivas, mnêmicas” (Guattari, 1998:190-191).



BLAKE, WILLIAM (1757-1827)
(1794) "O Livro de Urizen (Versão - ou paródia - do Gênesis, de autoria de Blake)"

2 DA SUBJETIVIDADE

2.1 A construção da subjetividade

“O sujeito, tradicionalmente, foi concebido como essência última da individuação, como pura apreensão pré-reflexiva, vazia, do mundo, como foco da sensibilidade, da expressividade, unificador dos estados de consciência. Com a subjetividade, será dada, antes, ênfase à instância fundadora da intencionalidade” (Guattari, 1998:35).

De acordo com Figueiredo & Santi (1998) nossa noção de subjetividade privada surgiu a partir do Renascimento, a partir da experiência de perda das referências, da tradição, dos valores tradicionais em todos os campos do conhecimento, à condição de desamparo advindas da falência do mundo medieval e a dispersão do Ocidente para o mundo.

“A perda de referências coletivas, como a religião, a “raça”, o “povo”, a família, ou uma lei confiável obriga o homem a construir referências internas. Surge um espaço para a experiência da subjetividade privatizada: quem sou eu, como sinto, o que desejo, o que considero justo e adequado? Nessa situação, o homem descobre que é capaz de tomar suas próprias decisões e que é responsável por elas. A consequência desses contextos é o desenvolvimento da reflexão moral e da tragédia” (Figueiredo & Santi, 1998:20).

Enquanto na Idade Média o homem sentia-se como um ser dependente de um Deus criador - fonte explicativa de tudo, inclusive do conhecimento - (pensamento teocêntrico)- no Renascimento, ao contrário, o contato com a diversidade das coisas, dos homens e das culturas impôs novos modos de ser; o mundo passou a ser cada vez mais considerado como objeto de uso, e menos como sagrado. A perda desse sentimento de comunhão com um Deus criador, ao mesmo tempo em que trouxe uma intensa sensação de liberdade e que possibilitou uma abertura sem limites para o

mundo, também deixou o homem perdido e inseguro, pois não teve mais um ponto “externo a ele” onde se apoiar (Santi, 1998).

O primado da individualidade do homem tornou-o cada vez mais o centro dos valores e do conhecimento (pensamento antropocêntrico). Surgiu a experiência da subjetividade privada, em que nós nos reconhecemos como sujeitos livres, diferentes, capazes de experimentar sentimentos, ter desejos e pensar independentemente dos demais membros da sociedade. O homem passou a ser sujeito da sua história, sendo livre para escolher o caminho que desejasse seguir.

“Essa escolha implica em uma construção da identidade, e todos os exemplos mostram-nos como isso exige um esforço brutal, quase sobrehumano; o homem deve dominar a dispersão que o mundo é. O carnaval de Rabelais será contido, o corpo e suas funções serão calados em favor da coesão e da ordem do sujeito” (Santi, 1998:28).

Assim, enquanto na Idade Média a pessoa não era livre, apenas cumpria os desígnios de Deus, no Renascimento, por sua vez, Deus fez o homem livre para que ele possa ser julgado; portanto, se ele escolher o caminho do bem, pode ser recompensado, mas ele pode ser desviado pelas tentações e dispersões, sendo responsabilizado e punido por isso (a grande dúvida do homem passa a ser a construção de uma identidade). Podemos inferir que esta foi a época das identificações.⁵ Uma das saídas para a constituição de uma identidade coesa, que não se deixe levar pela dispersão, encontra-se no pensamento religioso, através de um procedimento vislumbrado no século XVI por Santo Inácio de Loyola, nos Exercícios Espirituais (manual de instruções, uma técnica para dirigir a ação de volta à Deus).

⁵ *Identificação: processo que tem como objetivo ocultar, dissimular a incompletude, a falta que ameaça aparecer. A não aceitação da finitude e imperfeição leva o ser humano a criar em si mesmo as qualidades e atribuições do objeto, através da identificação. Estado de fusão entre o Eu e o Outro. A fusão não permite a individualidade. Identidade: conjunto de representações de si, capacidade de auto-avaliação, são auto-julgamentos sobre si-mesmo e a percepção tida das relações com outros indivíduos. A identidade é construída a partir da articulação entre as identificações e as relações objetivas (dependência simultânea de um Outro nesta criação); esse Outro seriam as instituições sociais tais como a família, escola, grupos sociais, etc., que orientam os projetos identificatórios. A identidade está sujeita a reformulações a partir do momento em que as referências sobre as quais foi construída se modificarem- a partir de alterações advindas do jogo que se estabelece entre o eu e o não-eu.*

“Santo Inácio converteu-se à religião já adulto. Ele havia sido militar, e uma das características mais marcantes que impôs a seu sistema foi a disciplina. Tendo fundado a Companhia de Jesus, imprimiu um traço distintivo dos jesuítas até hoje, sua iniciativa prática e pregação militante. Santo Inácio parte do mundo renascentista, reconhecendo a liberdade humana, mas constata a perdição do homem e buscará mostrar-lhe o caminho do reencontro com a ordem. Seu procedimento, propriamente humanista, faz escola até hoje: o homem é livre para ser o que é e parece estar perdido; ele precisa e pode, portanto, dirigir sua livre vontade ao caminho correto para se encontrar” (Santi, 1998:28-29).

Os exercícios constituíam uma série de procedimentos com a duração de quatro semanas, cujo cumprimento rigoroso deveria levar à iluminação. Se ao final das quatro semanas a iluminação não chegasse, isso não se deveria a uma falha do método, mas, certamente, a pouca fé e fraqueza da vontade do exercitante. Esse procedimento era acessível a todos. Aqui estão alguns trechos das *Regras para sentir verdadeiramente como se deve na Igreja militante*, escrito em 1534 ([1534] 1996).

1ª regra. Renunciando a todo o juízo próprio, devemos estar dispostos e prontos a obedecer em tudo à verdadeira esposa de Cristo Nosso Senhor, isto é, à santa Igreja hierárquica, nossa mãe. (p.188)

9ª regra. Louvar finalmente todos os preceitos da santa Igreja, e estar disposto para procurar razões em sua defesa, e nunca para os criticar. (p.190)

13ª regra. Para em tudo acertar, devemos estar sempre dispostos a crer que o que nos parece branco é negro, se assim o determina a Igreja hierárquica; persuadidos de que entre Cristo Nosso Senhor –o sua Esposa– não há senão um mesmo Espírito, que nos governa e dirige para a salvação das nossas almas. Porque é pelo mesmo Espírito e mesmo Senhor, autor dos dez mandamentos, que se dirige e governa a santa Igreja, nossa Mãe. (p.191-192)

18ª regra. Embora devamos estimar acima de tudo o serviço de Deus nosso Senhor por puro amor, devemos, contudo, louvar muito o temor da divina Majestade. Porque não somente é piedoso e santíssimo o temor filial, mas até o mesmo temor servil, o qual ajuda muito a sair do pecado mortal, quando o homem não alcança coisa melhor ou mais útil. E quando sai dele, facilmente o ajuda a alcançar o temor filial, que é totalmente querido e agradável a Deus, por ser inseparável do divino amor. (p.193)

Podemos perceber que o reconhecimento da liberdade humana serviu apenas para se lhe atribuir a causa da perdição humana. A salvação do homem estava em abrir mão de forma absoluta dessa liberdade, transferindo-a para a autoridade religiosa com toda a boa-vontade e determinação. Nas palavras de Santi (1998): “*A submissão do sujeito deve ser absoluta, esse é o preço a pagar pelo repouso numa certeza sem conflitos. Exige-se disciplina, dedicação e, sobretudo, que se abra mão da própria experiência imediata em favor da palavra da Igreja*” (Santi, 1998:31).

Esse discurso de que o caminho da verdade é acessível a qualquer um, desde que todos são livres para dirigir sua vontade ao caminho correto, parece ter favorecido a inspiração de um gênero de literatura – a literatura de auto-ajuda - conhecida como psicologia popular, muito usada nos dias de hoje, como auxílio e guia de incentivo e orientação para a vida de muitas pessoas.

“Santo Inácio antecipa de forma espantosa alguns dos mais importantes pensadores do século XVII: Descartes e Hobbes⁶; mais perto de nós, antecipa também as Psicologias humanistas ou de auto-ajuda e ainda alguns cultos religiosos e procedimentos de Marketing” (Santi, 1998:31).

Com um discurso veiculado para a criatividade e a liberdade total, na verdade está se excluindo formas de expressar a criatividade e a vontade pessoal; partindo-se do pressuposto de que todos somos iguais, temos as mesmas chances, as mesmas capacidades e necessidades; de que estamos em condições de igualdade em todas as dimensões, basta querermos admitir nossa impotência frente a uma autoridade maior e seguirmos as regras daqueles que já trilharam o caminho que desejamos para

⁶ Tanto Descartes quanto Hobbes, acreditam que o homem deve seguir o caminho da racionalidade, porém, o princípio de Hobbes é justamente não desprezar a animalidade do homem; o que caracteriza e diferencia Hobbes é a sua visão da natureza humana (expressa em sua obra mais importante, *Leviathan*, de 1651): o homem é um ser de certa forma desconectado com as leis naturais, aquilo que mais o caracteriza. Sua razão, fala e desejo de poder é o que mais o afasta dessa natureza, em especial quando há um mau uso, um excesso no exercício destas faculdades- é justamente por isso que o homem é inapto para a vida social- deve o homem abrir mão de suas aspirações de sobrepor-se aos demais com a condição de que estes façam o mesmo, submetendo-se a um poder central que regulará suas ações. Em um Estado assim constituído, não há lugar para vontades particulares.

alcançarmos a felicidade, sem preocupação com a individualidade do sujeito; parece uma tentativa de impossibilitar o indivíduo de conseguir imprimir sua ‘marca pessoal’ em suas relações, tanto pessoais como profissionais. Seria uma forma de manter a ilusão de liberdade e de singularidade de cada um, uma vez que demanda submissão do sujeito a um conjunto de regras de gerenciamento da própria vida? Seria uma maneira de contribuir para a alienação da consciência do homem enquanto ser-no-mundo, dotado de intencionalidade? Em que medida isto é determinante na constituição da subjetividade?

As adversidades do mundo contemporâneo, a incerteza diante do futuro, parecem ter contribuído para uma volta do sujeito a si próprio, na tentativa de sobreviver subjetivamente ao seu mal-estar. *“Portanto, a auto-ajuda, ao que se entende pelas suas proposições textuais, de modo geral, promove uma idealização que vem intensificar a desintegração da vida comunitária à medida que reforça o individualismo”* (Chagas, 1999:34).

De acordo com Figueiredo & Santi (1998), esse tipo de psicologia, economicamente vantajosa a uma ideologia produtora de ilusão, é prejudicial aos seres humanos na medida em que aumenta sua alienação (individual, social, histórica, econômica e cultural).

No processo de massificação em que estamos inseridos e com a necessidade premente do imediatismo, a tecnologia (incluindo os meios de comunicação de massa) aparece, em muitos casos, como sendo a responsável por descobrir e apresentar respostas às ansiedades humanas, com fórmulas prontas e tidas como eficazes. São lançadas no mercado, sob variadas formas, manuais de auto-ajuda com “informações” sobre novos tipos de medicamentos, práticas para viver melhor, dicas de como fazer amigos, conseguir empregos, segurar o marido, divorciar-se com tranquilidade, etc.,

como se todas as fórmulas pudessem ser utilizadas por todos os indivíduos, da mesma maneira e com a mesma eficácia. Onde está o sujeito? Onde se encontra a individualidade e a história vivida de cada um? Tudo isso é amplamente divulgado pelos meios de comunicação de massa (programas de televisão e rádio, pela rede mundial de acesso a informações por computadores, consultas esotéricas pessoais, por telefone e outros meios não tão divulgados). Cabe-nos indagar, onde está a consciência?

“A aventura da consciência, ligada à aventura do pensamento, é ao mesmo tempo determinada e determinante no seio da aventura humana. Esta dupla aventura não se arrisca só às recaídas e regressões; arrisca-se também às ilusões da falsa consciência, que é pior que a inconsciência, porque está convencida de ser a consciência. Os progressos da consciência estão ligados aos do conhecimento. Mas, os progressos do conhecimento não arrastam necessariamente os da consciência. Assim, os formidáveis progressos do conhecimento científico foram ambivalentes do ponto de vista da consciência. Suscitaram tomadas de consciência fundamentais, mas também determinaram regressões de consciência e falsas consciências: tudo o que divide e compartimenta os conhecimentos, tudo o que lança na sombra o sujeito e a própria consciência não pode deixar de atrofiar a consciência” (Morin,1988:182).

Através do processo de se ensinar como as pessoas devem reagir sob a influência de diferentes estímulos, há a possibilidade de manipulação de si mesmo. Utilizando-se da imitação, pois se deu certo com outros, também dará certo comigo, só é necessário achar aquele “problema” semelhante ao meu (a identificação demanda muito menos esforço do que a busca constante da identidade e da integridade). Muitos livros ensinam o indivíduo como se comportar a fim de causar boa impressão do valor de sua própria personalidade, como um pacote; ou do valor da mercadoria que ele vende (o indivíduo, às vezes, acredita que está aprendendo a manipular; ignora que está sendo objeto de manipulação para aprender a manipular aquilo que interessa ao poder que ele aprenda). A ideologia subjacente à essas “teorias” é o liberalismo, que fundamenta-se na idéia de que cada indivíduo é um ser moral que possui direitos inalienáveis, derivados de sua própria humanidade. Nas palavras de Bock (1997:40):

“O individualismo, valor central da ideologia liberal, expressa um pensamento sobre o homem, onde este não é concebido como ser social, mas sim como possuidor de direitos naturais e de propriedades universais. Os indivíduos possuem características e atributos que se configuram de modo particular, determinando seu lugar social, seu sucesso ou fracasso na sociedade. Dadas condições adequadas e liberdade aos indivíduos, estes são os únicos responsáveis pelo seu desenvolvimento” (Bock, 1997:40).

Aproveitando-se dessa ideologia, a mídia, cuja tendência é versar sobre o sensacional, manipula as informações oriundas de todos os campos do conhecimento e existência dos seres humanos, da realidade vivida, para a “construção de uma realidade”.

“Nossa sociedade não é de espetáculos, mas de vigilância; sob a superfície das imagens, investem-se os corpos em profundidade; atrás da grande abstração da troca, se processa o treinamento minucioso e concreto das forças úteis; os circuitos da comunicação são os suportes de uma acumulação e centralização do saber; o jogo dos sinais define os pontos de apoio do poder; a totalidade do indivíduo não é amputada, reprimida, alterada por nossa ordem social, mas o indivíduo é cuidadosamente fabricado, segundo uma tática das forças e dos corpos. Não estamos nem nas arquibancadas, nem no palco, mas na máquina panóptica, investidos por seus efeitos de poder que nós mesmos renovamos, pois somos suas engrenagens” (Foucault, 1977: 190).

Podemos associar às idéias deste texto de Foucault, algumas questões que permeiam a realidade no mundo do esporte hoje: O que está sendo vigiado através do espetáculo? Onde se encontra a subjetividade dos atletas? Qual a “realidade” do atleta profissional? Que “corpos” são esses, viris, fortes e saudáveis, transitando livremente entre o Olimpo e o mundo real, que têm o poder, o saber, o fazer? Como está sendo tratado o atleta, como meio ou como fim?

Tratar como fim é colocar o bem do sujeito como objetivo primeiro da ação, da nossa atividade profissional.

A psicologia, por se parte integrante da nossa cultura, vem se tornando cada vez mais popularizada, e é cada vez mais freqüente observarmos as teorias psicológicas sendo assimiladas pelo senso comum e pensando acerca de si e dos outros com termos emprestados das escolas psicológicas (Figueiredo & Santi, 1998).

Parece que, o fato de nomear os problemas, para o senso comum, é resolvê-los. Isso fica muito claro, por exemplo, durante as aulas, quando os alunos de psicologia ao tomarem contato com premissas teóricas, especialmente as psicanalíticas, ao compreenderem os estágios psicosexuais do desenvolvimento, venham com questões do seguinte teor: se eu disser para minha amiga que ela está no estágio fálico, que o problema dela é a não resolução do complexo de Édipo, vai resolver o problema dela?

“Ao serem incorporadas à vida cotidiana de algumas camadas da população, “as psicologias” convertem-se quase sempre numa visão de mundo altamente subjetivista e individualista. Com isso queremos dizer que mesmo as teorias psicológicas que não se restringem à experiência imediata da subjetividade individualizada, como, por exemplo, a psicanálise, ao ser assimilada pela sociedade, têm se tornado uma forma de manter a ilusão da liberdade e da singularidade de cada um, em vez de compreender e explicar o que há de ilusório nessas idéias. É assim que a psicologização da vida cotidiana tem nos levado a pensar o mundo social e a nós mesmos, a partir de uma visão bem pouco crítica. A psicologia popularizada tem servido para sustentar a palavra de ordem “cada um na sua, pensando os seus problemas e defendendo os seus interesses e a sua felicidade”. Certamente a tendência que tem mais crescido e aumentado seu mercado recentemente é o das “terapias de auto-ajuda”. Numa mistura de concepções do senso comum ou baseadas em teorias psicológicas, em pressupostos humanistas sobre a liberdade do homem e num estilo de administração empresarial nitidamente comportamentalista, esse discurso (que soa como o de um pastor protestante americano, e isto é mais do que uma coincidência) prega um paradoxal reforçamento do “eu” com sua submissão a um conjunto de regras de gerenciamento da própria vida” (Figueiredo & Santi, 1998:87-88).

Se não ultrapassarmos a experiência imediata, não formos capazes de questioná-la, tentar explicá-la e compreendê-la em maior profundidade, talvez não estejamos fazendo psicologia científica. Ao contrário, longe de tentar desfazermos ilusões, muitas vezes poderemos estar contribuindo para que as ilusões de liberdade e singularidade

sobrevivam num mundo em que, concretamente, há cada vez menos liberdade e cada vez mais massificação.

“Em uma sociedade em que o ser humano sofre restrições constantes à sua singularização, práticas que o levem a um mergulho em si mesmo podem trazer satisfação imediata, sensações de encontro com a felicidade e com fragmentos perdidos na sua história de vida. Porém, a totalidade almejada é negada nas relações concretas e o mergulho em um si mesmo descolado do mundo engana-o, aliena-o, deixando-o no mesmo lugar, sem transformar o real, que faz parte da constituição da sua subjetividade; entregue ao instituído, viverá abstratamente sua “transformação pessoal”. Muitas destas práticas alienantes fazem parte, hoje, do exercício profissional de inúmeros psicólogos” (Castelo Branco,1998:31).

O terapeuta que se apresenta como aquele que orienta, que move, que submete o outro, que traz a causa da modificação, não parece buscar a desalienação do sujeito, mas sim confirmá-la, pois coloca o conhecimento e a ação nas mãos dele – terapeuta -, colocando o indivíduo como objeto destes: conhecimento e ação. O indivíduo deve renunciar à direção de si mesmo, seja porque se considere incapaz de resolver determinado problema, seja porque atribua a outrem maior autoridade ou condições para resolver o seu problema. Concordamos com Ávila (1995), quando afirma que:

“... todo o processo exige que o indivíduo se assuma como sujeito. Não há possibilidade alguma de análise, se o indivíduo mantiver-se alienado, em uma relação de subordinação e dependência, onde competiria ao outro, analista, o movimento e a ação” (Ávila, 1995:4).

Do ponto de vista de Rosemberg (1992), a psicologia, ao rechaçar a dimensão espiritual do homem, como se a espiritualidade não fizesse parte do comportamento humano - não tendo nada a ver com psicologia, enquanto ciência positivista - em nome de uma cientificidade, abriu uma fenda que na verdade caberia à ela preencher. É uma necessidade do ser humano reconhecer-se dentro do universo, encontrar uma explicação para a sua própria existência. Vitor Frankl (1989), psiquiatra austríaco, desenvolveu a Logoterapia, um sistema de psicoterapia que propõe que a busca do homem é a busca de um sentido para a sua vida. A logoterapia veio resgatar a dimensão espiritual do ser humano e tentar situar o psicólogo em relação ao valor espiritual da vida.

Observamos, pelos elementos expostos até agora, que as diversas escolas e sistemas de psicologia existentes hoje, devem ser confrontadas no plano tanto da ética, quanto metodológico. Não podemos esquecer, que o objeto da psicologia é a experiência subjetiva dos indivíduos e que, “... *embora a sugestão tenha a sua eficácia, nem tudo se resolve com sugestão. Ao contrário, tanto a procura como a oferta de soluções imaginárias são da ordem do sintoma*” (Figueiredo,1996:71).

A crítica que estamos fazendo aqui em relação a psicologização da vida cotidiana, que tem como uma de suas formas de manifestação a auto-ajuda, é que ela intensifica e reforça o individualismo, negando qualquer compromisso com a vida coletiva. Tem servido de sustentação ao lema “cada um na sua, pensando os seus problemas e defendendo os seus interesses e a sua felicidade” ou ainda, “isso não é problema meu” como resposta a tudo que o outro tenha a dizer sobre a sua subjetividade; ou, “isso não é problema seu”, em oposição ao que o outro venha a dizer a respeito da minha subjetividade. Ora, se o outro, exatamente o diferente de mim é que me faz pensar sobre a minha identidade, se esta se revela e só pode se manifestar na diversidade, podemos pensar ser pura ilusão acreditarmos nessa nossa soberania e, agindo assim, negando a existência da subjetividade do outro, não estamos construindo (no sentido de ampliação de nossas potencialidades) e revendo diariamente a nossa identidade, mas, ao contrário, estamos nos contentando com as nossas identificações que nem nossas são, pois são minuciosamente escolhidas pelos mecanismos de poder de nossa sociedade.

“(...) o homem converteu-se em um ser social, porém, com os referenciais voltados para si, ou seja, um ser individual não necessariamente comunitário. Portanto, a auto-ajuda, ao que se entende pelas suas proposições textuais, de modo geral, promove uma idealização que vem intensificar a desintegração da vida comunitária à medida que reforça o individualismo” (Chagas, 1999:34).

Os psicólogos que definem psicologia como o estudo da subjetividade individualizada e da experiência imediata, insistem na necessidade de a psicologia dedicar-se ao estudo dessa experiência imediata dos sujeitos, sem aprofundá-la. Embora o objetivo desses psicólogos seja a compreensão dos seres humanos mediante a captação de suas vivências, de suas experiências imediatas, subjetivas e individualizadas, acreditamos que a instauração do saber não é o simples reconhecimento de um dado. Supõe uma iniciativa e uma decisão de ordem metodológica, porque a idéia do saber científico inclui o caráter ilusório da experiência imediata; o imediato não é o verdadeiro - a ciência só se torna possível quando se vai além da experiência imediata - e o que nos leva além do imediato é o método, que possibilita a análise do dado imediato. Ou, nas palavras de Japiassu (1982:59):

“... o método comporta quatro elementos fundamentais: a) certo corte da realidade, através de uma abstração conveniente, o que implica numa “redução” da realidade a um esquema ideal mais ou menos simplificado; b) procedimentos de investigação adaptados à realidade assim “reduzida”; c) procedimentos representativos, isto é, uma linguagem empírica permitindo expressar com precisão as investigações e seus resultados; d) enfim, procedimentos explicativos, isto é, uma linguagem teórica permitindo reencontrar, por via dedutiva, os dados empíricos e, assim, explicá-los.

Desse modo, podemos perceber que a psicologia não deve se restringir à experiência imediata (seu ponto de partida), mas precisa ser capaz de compreendê-la e/ou explicá-la.

Cabe ressaltar, que no âmbito do desenvolvimento desta área, destacam-se os estudos do humanismo, no sentido de resgatar o interesse para o estudo do ser humano a partir de suas qualidades, de seu potencial.

O movimento humanista ganhou importância quando seus expoentes (Rogers, Maslow, May) começaram a articular suas concepções teóricas de homem e desenvolvê-las em hipóteses e proposições científicas acerca do comportamento.

Este corpo emergente de teoria reintegra os componentes cognitivo e afetivo da formação do homem e faz uma abordagem que enfatiza a necessidade que tem o cientista de entender seu sujeito procurando compreender como esse sujeito sente e faz a experiência do mundo.

As terapias humanistas salientam a tendência natural do ser humano para o crescimento e auto-realização; tentam ajudar para que as pessoas conscientizem-se de seus “eus” reais e para que realizem opções deliberadas, com relação às suas vidas e comportamento, em vez de deixarem que eventos externos determinem seu comportamento. Na prática terapêutica o objetivo da terapia humanista é ajudar o ser humano a tornar-se mais plenamente a pessoa que é capaz de se tornar, fazendo cada vez mais pleno uso de seu variado potencial. A ênfase está sobre o que o indivíduo está experienciando aqui e agora, em vez de no passado. O objetivo do terapeuta humanista é facilitar a exploração dos pensamentos e sentimentos do próprio indivíduo e auxiliá-lo a chegar às suas próprias soluções (Myers, 1999).

Uma das primeiras terapias humanísticas foi a terapia centrada no cliente, ou não-diretiva, desenvolvida na década de 40, por Carl Rogers. O conceito central na teoria de personalidade de Rogers é o de *self*, ou auto-conceito (Rogers usa os termos de forma intercambiável). O *self* consiste de todas as idéias, percepções e valores que caracterizam o “Eu”; ele inclui a consciência de “o que eu sou” e “o que posso fazer”. Este *self* percebido, por sua vez, influencia tanto a percepção do mundo pela pessoa quanto seu comportamento no mundo (Myers,1999). O auto-conceito não reflete, necessariamente, a realidade; uma pessoa pode ser altamente bem-sucedida e respeitada, mas ainda assim ver-se a si mesma como um fracasso.

Para Rogers (1970:91-92), “(...) o centro da personalidade é positivo, fundamentalmente socializado, dirigido para diante, racional e realista. (...) O núcleo da personalidade do homem é o próprio organismo, que quer essencialmente estas duas coisas: conservar-se a si mesmo e ser social”.

Na concepção de Rogers o ser humano, livre de toda ameaça e com possibilidade de escolha, caminha em direção ao seu processo interior, o que lhe possibilita uma vida plena – processo que implica a expansão e a maturação de todas as potencialidades de uma pessoa.

Ainda dentro da perspectiva humanista, dando mesma ênfase ao potencial de crescimento de pessoas saudáveis, Maslow, autor da teoria da auto-realização, construiu uma hierarquia de necessidades básicas e aborda o crescimento psicológico em termos de satisfação bem-sucedida de necessidades mais “elevadas” e satisfatórias - afirma que a busca de auto-atualização não pode começar até que o indivíduo esteja livre da dominação de necessidades inferiores, tais como a necessidade de segurança e estima.

“Um pensador psicológico que salientou continuamente as dimensões positivas da experiência humana, o potencial que os homens e mulheres são capazes de atingir. Maslow foi uma inspiração para quase todos os psicólogos humanistas (...) um pensador original e um pioneiro na psicologia do potencial humano” (Fadiman e Frager, 1979:277).

Maslow desenvolveu suas idéias através do estudo de pessoas saudáveis e criativas, em vez de casos clínicos oriundos da psicopatologia. Ele baseou sua descrição da auto-realização no estudo de pessoas que pareciam notáveis por suas vidas ricas e produtivas: *“As pessoas que lograram sua individuação, aqueles que atingiram um alto nível de maturação, saúde e realização pessoal, têm tanto a ensinar-nos que,*

por vezes, parecem quase ser uma estirpe ou raça diferente de seres humanos” (Maslow, 1968:100).

As psicologias humanistas influenciaram muito da psicologia popular de hoje; muitas pessoas absorvem um pouco do que Rogers e Maslow ensinaram: que um autoconceito positivo é a chave para a felicidade e o sucesso, que aceitação e empatia ajudam a acalantar sentimentos positivos sobre si mesmo, e que as pessoas são basicamente boas e capazes de auto-aperfeiçoamento (Myers, 1999).

O princípio de que as pessoas são basicamente boas, é debatido até mesmo dentro da psicologia humanista. O psicólogo humanista Rollo May (1977) discordou do otimismo de Rogers. Para ele, nós, seres humanos, que constituímos a cultura, somos tanto o bem como o mal. O indivíduo carrega a marca da cultura. Esta marca deixa sua estampa no aparelho psíquico, por isso essa realidade tem que ser levada em consideração. Não podemos subestimar a importância das diferenças culturais no psiquismo individual.

Para May, uma das características do ser humano é a capacidade para transcender a situação imediata e concreta e para experimentar-se, ao mesmo tempo, como sujeito e objeto. Ou, nas palavras de May (1977:16), *o dilema humano é o que decorre da capacidade que tem o homem de sentir-se, simultaneamente, como sujeito e objeto.*

O que May critica em Rogers é a ênfase excessiva sobre o subjetivo, o pólo da liberdade do dilema humano e a negligência do ser humano como objeto determinado, também é um erro. O erro, para ele, consiste no pressuposto de que podemos evitar o dilema adotando um dos pólos: *“No processo dialético entre esses dois pólos reside o desenvolvimento, assim como o aprofundamento e a ampliação da consciência humana”* (May,1977:29).

Trouxemos algumas contribuições desses psicólogos humanistas, uma vez que, parece haver um elo de ligação entre as influências das psicologias humanistas e a propagação do fenômeno auto-ajuda, no pressuposto de que o ser humano é absolutamente bom e, portanto, capaz de transcender as potencialidades naturalmente existentes.

Myers (1999) levanta algumas possíveis razões para que a mensagem da psicologia humanista tenha sido tão bem recebida: talvez seja o foco sobre a percepção e interpretação única dos indivíduos acerca dos eventos, o papel da experiência privada no estudo da personalidade. Talvez seja o fato de que sua ênfase no eu individual espelhe e reforce os valores culturais ocidentais. À medida que cresce o individualismo autoconfiante, com uma prioridade conferida à identidade e às aspirações pessoais cada vez maior, a mídia popular vem celebrando o individualista determinado.

2.2 A subjetividade: entre o coletivo e o privado

“Já nas sociedades arcaicas os mitos, os ritos de iniciação tinham por tarefa modelar as posições subjetivas de cada indivíduo no interior de sua faixa etária, de seu sexo, de sua função, de sua etnia (...) Nas sociedades industriais desenvolvidas encontra-se o equivalente desses sistemas de entrada em agenciamentos subjetivos, mas sob formas padronizadas e produzindo apenas uma subjetividade serializada. A “fabricação” de um sujeito passa doravante por longos e complexos caminhos, engajando, através da família, da escola, sistemas “maquínicos” tais como a televisão, os mass mídia, o esporte... insisto no fato de que não é apenas o conteúdo cognitivo da subjetividade que se encontra aqui modelado mas igualmente todas as outras facetas afetivas, perceptivas, volitivas, mnêmicas”(Guattari, 1998:190-191).

Cabe ressaltar aqui a observação de que a subjetividade, até o Renascimento, era coletiva, no sentido em que o homem buscava fora de si a medida e a sanção de suas faltas e dos seus méritos; era o coletivo que indicava, dirigia, regulava, modelava as

subjetividades. O psiquismo de um indivíduo não estava organizado em faculdades interiorizadas, mas dirigido para uma gama de registros expressivos e práticos, diretamente conectados à vida social e ao mundo externo (Santi, 1998).

De maneira generalizada, a grande mudança da subjetividade coletiva para a subjetividade privada parece ter advindo da colocação do homem no centro do mundo e de suas reflexões, dotado de intencionalidade e autonomia, com domínio absoluto sobre seu destino. De acordo com Morin (1986:116):

“A civilização ocidental, dissociando o ser humano do mundo objetivo, pôs em ação uma dialética permanente que podia tomar a forma de uma dualidade dramática. Assim, a brecha pela qual a magia volta é aberta pelo desenvolvimento mesmo da civilização. O desenvolvimento do indivíduo apresenta, cada vez com maior inquietude ou virulência, o problema da subjetividade em um universo que é cada vez mais concebido objetivamente pela ciência, porque não há ciência da pessoa, não há ciência do futuro da pessoa” (Morin, 1986:116).

A transformação das mentalidades e dos hábitos coletivos é que determinam, até certo ponto, a construção das subjetividades.

“De uma maneira mais geral, dever-se-á admitir que cada indivíduo veicula seu próprio sistema de modelização da subjetividade, quer dizer, uma certa cartografia feita de demarcações cognitivas, mas também míticas, rituais, sintomatológicas, a partir da qual ele se posiciona em relação aos seus afetos, suas angústias e tenta gerir suas inibições e suas pulsões” (Guattari, 1998:22).

2.2.1 Da subjetividade privada

Sentir que parte de nossas experiências são íntimas, que mais ninguém tem acesso a ela, é uma experiência bem nítida para nós, fácil e natural. No entanto, nem sempre foi assim. Como já dissemos anteriormente, a experiência de sermos sujeitos

capazes de decisões, sentimentos e emoções privados parece ter se desenvolvido, se aprofundado e se difundido amplamente numa sociedade com determinadas características. Entre essas características, são relevantes as situações de crise social, por exemplo, quando uma tradição cultural é contestada e surgem novas formas de vida. Nessas situações, somos obrigados a tomar decisões para as quais não conseguimos apoio na sociedade.

“ A perda de referências coletivas, como a religião, a ”raça”, o “povo”, a família, ou uma lei confiável obriga o homem a construir referências internas. Surge um espaço para a experiência da subjetividade privatizada: quem sou eu, como sinto, o que desejo, o que considero justo e adequado? Nessa situação, o homem descobre que é capaz de tomar suas próprias decisões e que é responsável por elas. A consequência desses contextos é o desenvolvimento da reflexão moral e do sentido da tragédia” (Figueiredo & Santi, 1998:20).

A possibilidade de mantermos nossa privacidade passou a ser altamente valorizada por nós e relacionada ao nosso desejo de sermos livres para decidir nosso destino. A imagem generalizada que temos de nós mesmos hoje é de sermos absolutamente conscientes, moralmente autônomos, de termos o controle de nossas vidas, de nossos sentimentos e desejos.

Segundo Chauí (1997), embora a subjetividade se manifeste plenamente como uma atividade que sabe de si mesma, isso não significa que a consciência esteja sempre inteiramente alerta e atenta, o que nos permite distinguir graus de consciência, como: consciência passiva (quando não temos uma percepção muito clara do que acontece à nossa volta), consciência vivida, mas não reflexiva (quando não conseguimos separar o eu e o outro, nos tomamos como referência para percebermos os outros e as coisas), consciência ativa e reflexiva (quando reconhecemos a diferença interno-externo, entre nós e os outros) - é a existência da consciência como subjetividade ativa, sede da razão e do pensamento, capaz de identidade consigo mesma, virtude, direitos e verdade.

O eu é uma vivência e uma experiência que se realiza por e através de comportamentos, no gesto, na ação; o sujeito (a consciência ativa e reflexiva) é o entendimento propriamente dito; a pessoa e o cidadão são a consciência como agente (moral e político), como práxis;

“É o sujeito que reconhece-se como diferente dos objetos, cria e descobre significações, institui sentidos, elabora conceitos, idéias, juízos e teorias. É dotado da capacidade de conhecer-se a si mesmo no ato do conhecimento, ou seja, é capaz de reflexão. É saber de si e saber sobre o mundo, manifestando-se como sujeito percebedor, imaginante, memorioso, falante e pensante” (Chauí,1997:118).

A consciência reflexiva ou sujeito do conhecimento é aquele que reflete sobre as relações entre atos e significações e conhece a estrutura formada por eles (a percepção, a imaginação, a memória, a linguagem, o pensamento).

E o inconsciente? Não seria um grau, mas um “espaço” nos estratos psicológicos, algo que a consciência desconhece e sobre o qual nunca poderá refletir diretamente. De acordo com Freud, a maior parte da consciência é inconsciente; ali estão os principais determinantes da personalidade, as fontes da energia psíquica, as pulsões ou instintos. Eis que foi retirada a bela imagem que possuíamos de nós mesmos como seres conscientes racionais e com a qual, durante séculos, estivemos encantados.

“A Psicanálise descobriu uma poderosa limitação às pretensões da consciência para dominar e controlar a realidade e o conhecimento. Paradoxalmente, porém, nos revelou a capacidade fantástica da razão e do pensamento para ousar atravessar proibições e repressões e buscar a verdade, mesmo que para isso seja preciso desmontar a bela imagem que os seres humanos tem de si mesmos. Longe de desvalorizar a teoria do conhecimento, a psicanálise exige do pensamento que não faça concessões às idéias estabelecidas, à moral vigente, aos preconceitos e às opiniões de nossa sociedade, mas que os enfrente em nome da própria razão e do pensamento. A consciência é frágil, mas é ela que decide e aceita correr o risco da angústia e o risco de desvendar e decifrar o inconsciente” (Chauí,1997:169-170).

Outrossim, não podemos ignorar que o ser humano traz consigo uma dimensão que não pode ser descartada, pois lhe é inerente, que é a sua condição social e histórica, sob o risco de termos uma visão distorcida de seu comportamento.

A subjetividade é sempre mediada pela cultura. No entendimento da formação das subjetividades, não podemos desconsiderar o fato de o homem não sobreviver, a não ser em relação com outros homens; desde o nascimento, ou até mesmo antes, o homem está inserido num grupo social.

“O mais humilhante - ou o mais comovente, depende do ângulo de visão- reside no fato de que, mesmo se fosse possível conservar a vida por algum processo miraculoso, ainda assim seria preciso receber de outros a faculdade de ser humano, de pensar, de inserir-se em uma cultura” (Silva,1988:07).

Safra (1999) afirma que o encontro do corpo da criança com o corpo da mãe é um encontro com os ancestrais. O corpo materno é lugar de muitos. Ele carrega os traços daqueles que foram significativos na história da mãe (incluindo o pai e os ancestrais do pai), a tradição sociocultural do grupo étnico ao qual ela pertence e o ambiente sociocultural em que se encontra a família.

“Um indivíduo que pode se beneficiar de experiências satisfatórias, sintônicas e estéticas com um outro significativo, pode também caminhar da realidade subjetiva em direção à compartilhada, para eventualmente se beneficiar dos objetos culturais. Neste ponto, um objeto não é uma coisa, mas sim presença de outro humano. Os objetos passam a falar de experiências, concepções e histórias humanas, o que abre horizontes significativos de interação e enriquecimento do “self” (Safra,1999:106).

Desde os primórdios, somos marcados pelo fato de estarmos sempre dentro de uma relação. É a relação com outro humano significativo que permite ao indivíduo caminhar da realidade subjetiva em direção à vivência compartilhada, para eventualmente se beneficiar de outras experiências, concepções e histórias humanas, abrindo horizontes significativos de interação e enriquecimento do *self*.

“Na questão do estabelecimento do público e do privado como sentido de si mesmo está um dos pontos contundentes da natureza humana, ou seja, a criação da singularidade de si no mundo com outros e a criação dos “muitos” em si no campo da singularidade do self. Uma vez que o self esteja bem constituído, em um registro, a pessoa é única e singular, enquanto, em outro, ela é muitos. Esses “muitos” são seus ancestrais, sua história com todos que a auxiliaram, com suas presenças atuais ou simbólicas, na constituição de si mesma” (Safra,1999:145).

A impregnação em nossa cultura da idolatria da individualidade distanciou-nos profundamente da nossa própria natureza humana - somos seres singulares que abrigamos o coletivo. A consciência dessa dimensão é mantida por outras culturas, onde o mito da individualidade não foi tão prevalente, como, por exemplo, na filosofia russa:

“O ser humano para ser real necessita de ser, ao mesmo tempo, um e muitos,entretanto, não é meramente a essência comum e universal de todos os seres humanos, tomada deles como uma abstração. O ser humano é universal, mas também individual, é uma entidade que contém todos os indivíduos humanos em si. Cada um de nós, todo ser humano, é essencialmente e realmente enraizado e também partilha do universal ou absoluto ser humano” (Solovyov,1878:118, apud Safra,1999:145).

A realização do si - mesmo inclui tanto o privado quanto o coletivo, quando um dos dois falta, existe sofrimento e uma vivência de não existência e de não realização do *self*. Nosso sentimento de realização e a constituição da nossa subjetividade implicam em podermos criar nosso lugar na sociedade através da singularidade do nosso gesto.

“Com a evolução do self, à medida que a pessoa caminha rumo ao campo social, há a necessidade de que o indivíduo possa articular, ao mesmo tempo, a vida privada e a vida social, para encontrar, no campo social, inserções que preservem o seu estilo de ser e a sua história. É o momento da participação na sociedade por meio do trabalho, do discurso, da obra, da ação política, ou seja, da capacidade criativa acontecendo no mundo com os outros. Pela ação criativa no mundo, o homem colabora com a durabilidade do mundo e com o processo histórico da sociedade. Este é um fenômeno que precisa acontecer de maneira que o indivíduo realmente apresente a si mesmo nas ações no campo social” (Safra,1999:146)

No caso do atleta, a compreensão de sua ação, de sua prática, é o que lhe permitiria maior autonomia e onde estaria se afirmando enquanto subjetividade. Criando, ele vivencia tanto uma identidade individual quanto coletiva. Parte de sua identidade coletiva constrói-se tanto pelo reconhecimento de parceiros, quanto de adversários.

Assim, o espaço do Esporte é o espaço potencial, espaço dos símbolos, que tanto liga quanto separa o sujeito do objeto-mundo. Nas palavras de Jovchelovitch (2000:74): “(...) *é da essência da atividade simbólica- a atividade do espaço potencial- o reconhecimento de uma realidade compartilhada - a realidade dos outros*”.

Ao estabelecer o espaço potencial como “lócus” da realidade compartilhada, não se pode deixar de apontar que o espaço potencial é também o de reconhecer-se na realidade compartilhada.

2.2.2 A criação dos grupos e a subjetividade coletiva

Os grupos sociais se formam porque certas necessidades básicas não podem ser satisfeitas, a não ser através da pertença a entidades mais importantes; por exemplo, as necessidades de afiliação e de rivalidade grupal⁷. Conseqüentemente, se quisermos compreender o comportamento individual, devemos analisá-lo em função do contexto social no qual esse comportamento individual se integra.

“Os grupos constituem as matrizes do controle social, os meios concretos onde se efetua a aprendizagem ou, por vezes, o surgimento de modelos; os campos determinados onde se articulam os status e os papéis e onde interatuam os indivíduos que os assumem” (Maisonneuve, 1988:58).

⁷ Por exemplo, a afiliação e rivalidade entre times esportivos.

Tradicionalmente a função do grupo seria apenas a de definir papéis e, conseqüentemente, a identidade social dos indivíduos, além de garantir a sua produtividade, pela harmonia e manutenção das relações apreendidas na convivência. No entanto, existem teorias que enfatizam o caráter mediatório do grupo entre indivíduos e a sociedade enfatizando o processo pelo qual o grupo se produz; são abordagens que consideram as determinantes sociais mais amplas, necessariamente presentes nas relações grupais (Lane & Codo, 1997).

O termo grupo tem uma acepção muito ampla e, com freqüência, bastante confusa. Dentre as inúmeras definições sobre grupos, nas diferentes áreas do conhecimento, utilizaremos os conceitos formulados pela psicologia social, pela forte influência que teve na psicologia do esporte, tema do nosso trabalho. Na psicologia social, o termo grupo tem uma definição mais específica - refere especialmente a um conjunto de pessoas que participa de um sistema de organização:

“Um grupo social-psicológico é um sistema organizado de duas ou mais pessoas de tal modo inter-relacionadas que o sistema desempenha alguma função, tem um conjunto padrão de relações de papel entre os seus membros e um conjunto de normas que regula a função do grupo e de cada um dos seus membros” (Mc David & Harari, 1980:272).

Vivemos e nos desenvolvemos como um elemento de um grupo, e, no grupo, nosso comportamento individual é um simultâneo ser e vir-a-ser, em função de nossa interação com os outros. A interação nos permite falar de grupos, mas não é suficiente para distinguirmos o grupo de certas situações coletivas (o caso das multidões, dos públicos, das categorias sociais, etc):

“... é a existência de uma estrutura interna que rege o jogo das interações e a persistência das normas que caracteriza o grupo social. Essa estrutura consiste num sistema – rudimentar ou complexo, latente ou explícito – de status e de papéis

articulados entre si, sistema que dá consistência ao grupo e lhe permite manter-se e funcionar” (Maisonneuve,1988:59).

Os grupos diferem entre si por suas atividades e objetivos, pelo número de pessoas que o integram, pelo tipo de envolvimento (grupos afetivos), pelo grau de organização, pelo modo de reunião, por serem espontâneos ou artificiais, por serem de contato direto ou indireto, entre outras modalidades. A estrutura de um grupo está baseada na maneira pela qual ele se organiza no sistema de relações. Tal sistema é evidenciado porque cada membro desempenha um ou vários papéis, tem determinado status, segue as normas e adota os objetivos do grupo.

Bion (1970) contribuiu significativamente para o delineamento de uma teoria psicanalítica dos grupos, a partir da hipótese (que não pode ser encarada como uma formulação rígida) das suposições básicas que fundamentam o comportamento do grupo (propósito para o qual o grupo se reúne). Para ele, o grupo reage emocionalmente a uma das três suposições básicas: dependência, acasalamento, luta-fuga. Quando um grupo reúne-se para desenvolver um trabalho, seja de que natureza for (terapêutico, de aprendizagem, institucional), está sujeito à manifestação de certos estados mentais compartilhados, que se opõem ao cumprimento da tarefa designada e que constituem suposições básicas. Os fenômenos de suposição básica que fundamentam o comportamento do grupo estão associados às emoções como ansiedade, medo, amor, ódio e outros semelhantes. Podemos observar todos estes fenômenos presentes no torcedor?

“Todas as suposições básicas incluem a existência de um líder, embora no grupo de acasalamento, o líder seja inexistente, isto é, futuro. Esse líder não precisa ser identificado com qualquer indivíduo do grupo; não necessita ser nem mesmo uma pessoa, mas pode identificar-se com uma idéia ou um objeto inanimado” (Bion,1970:151).

A primeira suposição (dependência) é a de que o grupo se reúne a fim de ser sustentado por um líder de quem depende para nutrição, tanto material quanto espiritual, e proteção (seria o craque, o capitão do time?).

Na segunda suposição (acasalamento) o sentimento característico do grupo é a esperança e, para que esse sentimento de esperança seja sustentado é essencial que o líder do grupo, diferentemente dos líderes do grupo de dependência e do grupo de luta-fuga, seja futuro. Será uma pessoa ou uma idéia que salvará o grupo, há uma expectativa messiânica com relação às soluções que possam vir a ser trazidas por algo ou alguém que ainda não chegou ao grupo e que será gerado pelo pareamento entre dois elementos do grupo, incluindo ou não o analista. Importante ressaltar que a esperança messiânica tem de permanecer irrealizada, pois os grupos de suposição básica não toleram a idéia nova, uma vez que o seu surgimento ameaça o *status quo* (a busca pelo título?).

A terceira suposição básica (luta-fuga), é de que o grupo reúne-se para lutar com ou por alguma coisa ou dela fugir. Um grupo neste estado só aceita um líder cujas exigências sobre o grupo sejam sentidas como concedendo oportunidades para a fuga ou para a agressão e, se fizer exigências que não sejam essas, será ignorado (os adversários?).

“No pequeno grupo terapêutico, quando o grupo de dependência acha-se ativo, a tendência é produzir um subgrupo que assume então a função de interpretar o líder do grupo de dependência – geralmente situado no analista – para o grupo. No grupo de luta-fuga, um subgrupo semelhante desempenha uma função similar” (Bion, 1970:145).

Contrapondo-se aos estados mentais citados anteriormente estaria o do grupo de trabalho, quando predomina o estado racional, colaborativo, de prontidão para a realização da tarefa.

Bion (1970) considera que tanto a mentalidade do grupo de trabalho quanto a dos grupos de suposição básica são dotações etológicas do ser humano, por ser ele um animal gregário, e co-existem no acontecer grupal.

Ao tentar definir um bom espírito de grupo, Bion (1970) considera relevantes os seguintes aspectos: um propósito comum e o reconhecimento, por parte dos membros do grupo, de seus limites, da posição e da função que cada um de seus membros ocupa, tendo em vista os grupos maiores; o caráter flexível do grupo-a capacidade de absorver novos membros e deixar partir outros, sem medo de perder a individualidade grupal- (a questão das contratações nos times); reconhecer o valor do subgrupo para o funcionamento do grupo principal (ataque, defesa, meio de campo); valorizar cada membro do grupo, considerando que a necessidade de cada um se limita pelas condições impostas pelo próprio grupo (as posições de goleiro, centro-avante, etc.); enfrentar os descontentamentos internos e procurar resolvê-los (a questão dos salários, privilégios nos treinos, realce na mídia).

Em relação ao tamanho do grupo, Bion (1970:18) considera como sendo no mínimo três. *Dois membros têm relações pessoais; com três ou mais, há uma mudança de qualidade (relação interpessoal).*

Ainda dentro da perspectiva psicanalítica, Anzieu (1993) formulou as idéias da ilusão grupal e do grupo como invólucro:

“Em toda situação de grupo (grande ou pequeno, de trabalho ou lazer, de cultura ou vida econômica), há uma representação imaginária subjacente, comum a vários membros do grupo. Melhor: é na medida em que há tal representação imaginária que há uma unidade, alguma coisa em comum no grupo. Essas representações podem ser obstáculo ao funcionamento do grupo, relativamente às metas que lhes são determinadas pela sociedade, pelos seus estatutos ou pelas motivações de seus membros, e podem ser a causa de paralisias no funcionamento interno do grupo ou de

erros na sua atitude acerca da realidade. Mas quando um grupo funciona eficazmente, é também uma representação imaginária que lhe permite encontrar a solidariedade e a eficiência. Não há grupo sem imaginário. Pode-se expulsar um imaginário, ele é substituído por um outro” (Anzieu, 1993:46).

Assim, o grupo seria o continente de uma circulação fantasmática e identificatória que se ativará entre seus componentes.

2.3 Grupos e instituições na experiência humana

“Se a busca pelos espaços individuais monitorou o século que ora finda, a procura pela dimensão grupal irá balizar o que se inicia. Aprender a conviver é o desafio do novo milênio, quer no plano das comunidades onde habitamos quer no das nações a que pertencemos. O prazer da convivência e a prática da solidariedade são o passaporte para a melhor qualidade de vida à qual todos aspiramos” (Osório, 2000:9).

Uma das funções primordiais dos grupos humanos é justamente dar sustentação à fragilidade do ser humano em sua trajetória evolutiva, permitindo que a cada momento encontremos no grupo, o continente de nossas angústias existenciais.

Atribui-se a uma tendência inata do homem agrupar-se para assegurar sua sobrevivência como indivíduo e espécie. Hoje, podemos considerar a família (compreendida como grupo limitado à tríade básica: pai, mãe e filho), como sendo o grupo primordial, o primeiro grupo ao qual pertencemos, uma vez que pela própria condição humana, nós não sobreviveríamos sem os cuidados dos adultos (proteção, agasalho e alimento), durante os primeiros anos de nossa vida.

Cabe a Freud o mérito de haver descoberto o peso exercido pelas experiências dos primeiros anos de vida sobre nosso caráter, destino e saúde mental. Freud canalizou nossa atenção para a unidade psicofísica do ser humano, considerando que as

emoções se baseiam em experiências corporais. Desse modo, a boca do lactente representa um importante órgão sensorial para perceber e saborear seu primeiro mundo fenomênico. As sensações e necessidades corporais determinam a natureza e o estilo das fantasias infantis.

De acordo com Osório (2000), ao longo de toda história da humanidade, o homem agrupou-se, não só para proteger-se dos perigos da natureza, mas para instrumentalizar seu domínio e poder sobre grupos rivais.

“O elemento cimentador das primeiras experiências grupais foi, sem dúvida, a solidariedade. Para enfrentar ameaças externas, sejam elas provindas da natureza ou de outros seres humanos na disputa pela sobrevivência, o grupo primordial - representado pela família nuclear e por suas extensões subseqüentes - desenvolveu sentimentos de lealdade e mecanismos de mútua proteção. Se a rivalidade balizava a relação entre famílias e tribos distintas, no seio de um mesmo agrupamento humano predominava o elemento solidariedade, enquanto persistisse a ameaça externa. Na ausência ou no cessar desta, a competição e a luta pelo poder manifestavam-se entre os membros de um mesmo grupo” (Osório, 2000:10).⁸

A institucionalização ou consolidação dos agrupamentos humanos transforma, gradativamente os grupos de depositários dos desígnios humanos em agentes modeladores dos desejos, pensamentos e conduta de seus membros. Dessa forma, a família, que em suas origens tinha o objetivo de oferecer condições para a sobrevivência da espécie, com sua institucionalização, foi se tornando uma agência corporativa a serviço da manutenção do poder de uma geração sobre a que lhe é subseqüente, bem como da preservação de hierarquias de gênero e idade.

Todo grupo institucionaliza-se para a obtenção ou a manutenção de poder para seus membros e, sobretudo, seus dirigentes.

⁸ Explicitação de configuração da família nuclear na contemporaneidade, baseada no modelo da família nuclear burguesa, estruturada a partir do século XIX.

“A instituição – seja ela a família, um clube esportivo, sociedade científica ou associação empresarial – é o arcabouço, o esqueleto do corpo comunitário. É o que sustenta e possibilita o exercício das funções sociais que dão sentido ao périplo existencial de todos nós. No entanto, as instituições, como os seres humanos, adoecem. E a doença institucional instala-se a partir do momento em que passa ela a operar como mero instrumento para o exercício do poder e para servir aos interesses narcísicos de seus membros” (Osório, 2000:12).

Sabemos que é inevitável na vida institucional a ocorrência de situações de conflitos intra-sistêmicos, cuja resolução ou desaparecimento equivaleriam forçosamente à extinção da própria instituição. Vida é conflito e essa realidade tem que ser estendida também para as instituições. É inerente à sua dinâmica a presença do conflito e a função do terapeuta não seria eliminá-lo, mas sim, identificar sua ação e tentar impedir que se estruture como determinado nível institucional, o que gradativamente leva ao bloqueio e à paralisia de todo o sistema.

“O propósito deve ser o de mobilizar ou agilizar a alternância de poderes dentro da instituição, de tal sorte que se crie um equilíbrio dinâmico que não predisponha à cristalização dos modelos autocráticos ou concentradores de poder, que desvitalizam qualquer instituição e a ameaçam de extinção. A rotatividade do poder é, destarte, sinônimo de saúde institucional” (Osório, 2000:168).

O caráter do grupo institucional não é a simples superposição dos traços caraterológicos de seus membros, mas a resultante dos vetores individuais que compõem e que muitas vezes apontam para distintas direções. Há que se considerar, ainda, a matriz operacional onde se inserem tais vetores e que diz respeito à natureza intrínseca e definitiva de cada instituição.

“A instituição (ou grupo que se institucionalizou) molda o funcionamento do indivíduo dentro dela, tanto quanto a resultante dos vetores pessoais de seus membros confere à instituição uma identidade própria que a distingue de todas as congêneres” (Osório, 2000:162).

Quando somos solicitados a atuar terapeuticamente numa instituição, é preciso ter e deixar claro que a instituição é considerada como uma unidade a ser investigada

em sua totalidade. Desse modo, concordamos com Osório (2000:163) quando se refere a uma situação em um esporte coletivo:

“Em um clube de futebol, por exemplo, não podemos nos limitar a trabalhar com o time e o corpo técnico que o prepara; é indispensável incluir as áreas administrativas e a diretoria do clube ao qual pertence o time para que nossa tarefa possa ser levada a cabo. Cremos ser um erro tático fundamental circunscrever o processo diagnóstico-terapêutico(a) a setores isolados da instituição.”

Lobo (1973) já alertava para esse fato, pois dizia que antes de se preparar o atleta, deve-se preparar o dirigente que vai lidar com ele. Nos clubes, os problemas de interação de grupo surgem do topo para a base da pirâmide. As noções de relacionamento de linha precisam ser divulgadas e suas regras postas em prática.

“O individualismo do dirigente precisa ser substituído pelo princípio da integração e isto advém da necessidade que o atleta, que é um subalterno, sente em encontrar no seu comando atitudes sólidas e perfeito apoio. E isto não destrói a disciplina que o grupo precisa manter. Esta segurança gera o equilíbrio emocional e é básica para a obtenção de bons resultados. A hierarquia se faz respeitada se os dirigentes dispõem de estofo moral para a transmitir. A colaboração é o resultado de trocas mútuas entre dirigentes e dirigidos” (Lobo, 1973:196).

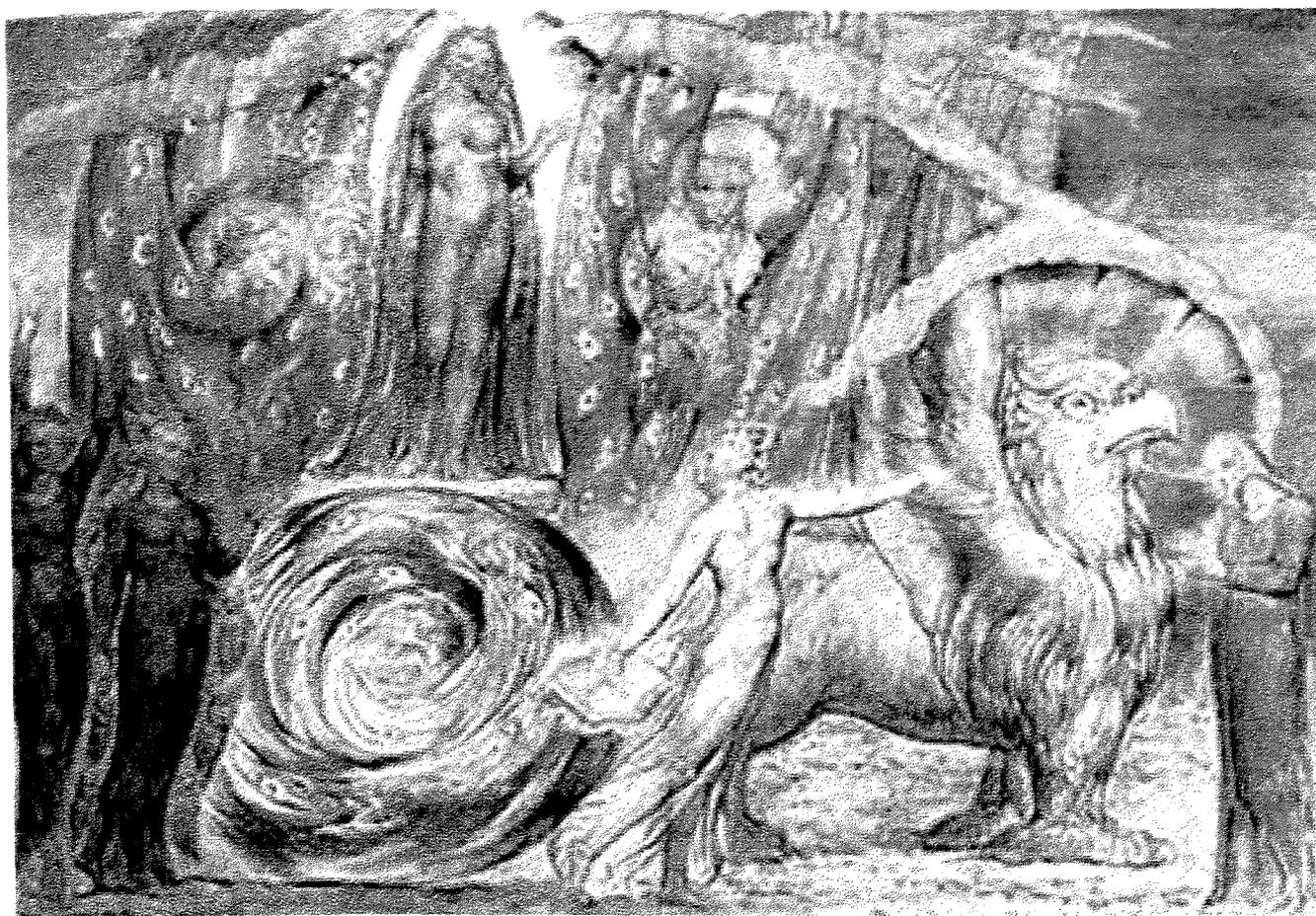
No entanto, não podemos esquecer que, em certos momentos decisivos, precisamente nos momentos em que a decisão deve ser tomada e as ordens devem ser dadas, o dirigente pode, imbuído da autoridade, revelar sua subjetividade essencial no arbitrário do querer, distanciando-se dos dirigidos e podendo atuar no sentido de transformar seres humanos em coisas manipuláveis, a seu arbítrio.

“Infelizmente, a cultura do vencer a qualquer preço ainda vai perdurar por muitos anos. Primeiro, porque os malefícios que ela causa somente são percebidos por uns poucos. E, quando são percebidos, quase que só os efeitos são detectados, sem a consciência das causas profundas. Segundo, porque a maioria dos envolvidos com o desporto de alto nível são indivíduos que dão importância à ação, não se interessando muito com a reflexão. As causas da desumana pressão que os desportistas sofrem são de natureza filosófica. Terceiro, porque a quantidade de dinheiro e de poder político envolvida com o desporto profissional é tão imensamente grande, que a simples idéia de mudança logo é interpretada como ameaça, pelos beneficiários. Apesar de todos os

óbvios pesares, na cabeça de muitos líderes do desporto de alto nível, sem competição acirrada não há salvação”(Feijó, 1998:105).

Feijó (1998) contrapõe competição externa e interna. Na competição externa, o indivíduo sempre é treinado para atingir a melhor forma, em função do nível de performance dos outros. *“A competição externa compara o indivíduo com os outros competidores. Na comparação com os outros, o referencial do desenvolvimento pessoal deixa de ser interno, para ser externo”* (Feijó, 1998:97).

Segundo este autor, a competição interna focaliza a auto-realização e tem como referência os recursos potenciais do indivíduo; o treinador vai se ocupar com o desenvolvimento total do atleta. *“Na competição interna, quando o atleta compreende sua própria responsabilidade, então compreende o que é, de fato, cooperar dentro da equipe. É nesse ponto que o desporto realmente pode ser visto como coletivo”* (Feijó, 1998:99-100).



BLAKE, WILLIAM (1757-1827)

“Beatriz dirigindo-se a Dante (Dante: A Divina Comédia, Purgatório, Canto 30)”

3 GRUPOS ESPORTIVOS

A maioria dos jogos organizados tem em comum os elementos do jogo (habilidade física, tática, competição e acaso). No entanto, a maioria dos jogos não requer preparações técnicas, enquanto que o que caracteriza o esporte de alto rendimento é a exigência de um alto nível de preparação técnica; isso requer muito treinamento, muita prática, uma execução perfeita, um alto nível e organização e, conseqüentemente, um alto grau de qualificação. É aí que reside a nítida distinção entre os jogos e o esporte profissional (Alderman, 1983). Essa ênfase na organização corresponde a uma institucionalização do jogo. O grau de organização de um jogo está diretamente relacionado com seu grau de institucionalização.

A performance final de um determinado atleta é resultante não só das qualidades físicas naturais, da estrutura física, da capacidade motora e de técnicas adquiridas no domínio de um determinado esporte, mas dependem também, em grande parte, da estrutura psicológica do sujeito em questão, de sua estrutura de personalidade, da força de sua motivação para o êxito e do domínio de sua emotividade (Alderman, 1983). É da noção de que a compreensão profunda da estrutura comportamental do(s) sujeito(s) poderia ajudar o treinador e a equipe a atingir os objetivos fundamentais (as condições preliminares à prática de um esporte de competição) que advém a demanda pelo psicólogo do esporte. Seria o resgate das pessoas envolvidas no esporte profissional enquanto sujeitos e não como simples membros de uma classe ou de uma equipe?

Em nossa sociedade, onde a urbanização e a tecnologia não param de crescer, com o desmantelamento da família em sua forma tradicional e a despersonalização na nossa vida cotidiana, sente-se a necessidade crescente de nos afiliarmos a grupos de pessoas que partilhem nossas posições, nossos interesses, nossas crenças, nossos valores, nossas idéias.

Para Alderman (1983), a insatisfação diante do sentimento de alienação quando nos sentimos sem poder algum, sob o comando de sociedades que sequer sabemos a que objetivos aspiram, pode se expressar de diversas maneiras e uma delas, que nos interessa aqui no momento, é o agrupamento de pessoas com mentalidades semelhantes. Essa tendência de buscarmos pessoas semelhantes a nós para nos afiliarmos não é recente, pelo contrário, remonta aos homens das cavernas, que se juntavam para obter calor e proteção. Parece, no entanto, que o fenômeno se acentua atualmente, e que transparece fortemente nos esquemas de comportamento de sujeitos que praticam uma atividade esportiva.

No esporte, os grupos se formam por uma série de motivos, entre os quais podemos citar : políticos, econômicos, sociais e a competitividade em si.

A partir dos referenciais teóricos da psicanálise e da dinâmica de grupos, Pichon-Rivière (1988) elaborou a teoria dos grupos operativos. É a sua concepção de grupo que nos permite uma melhor aproximação dos grupos esportivos : *“Grupo é um conjunto restrito de pessoas, ligadas entre si por constantes de tempo e espaço, e articuladas por sua mútua representação interna, que se propõe, de forma explícita ou implícita, uma tarefa que constitui sua finalidade”* (Pichon-Rivière, 1988:177).

A proximidade dessa concepção com as equipes esportivas se deve ao fato de, no esporte, estar claro o que Pichon-Rivière (1988) chama de tarefa. A tarefa é algo mais do que o movimento para o trabalho; implica a compreensão de seu objetivo - o que se poderia chamar de conscientização - processo e finalidade.

“Sendo assim, as etapas de preparação para um torneio são, cada uma delas, uma nova tarefa, que compreendidas e incorporadas pelo atleta, permitem sua execução, de forma desalienada, podendo culminar no seu sucesso” (Rubio,1998:9).

O propósito geral dos grupos operativos é o esclarecimento, em termos das ansiedades básicas, da aprendizagem, da comunicação, do esquema referencial, da semântica, das decisões, etc. Desta maneira, no grupo operativo coincidem a aprendizagem, a comunicação, o esclarecimento e a resolução de tarefas, porque na operação da tarefa é possível resolver situações de ansiedade, criando-se assim um novo esquema referencial.

“A atividade está centrada na mobilização de estruturas estereotipadas, dificuldades de aprendizagem e comunicação, devidas a acumulação de ansiedade que desperta toda mudança (ansiedade depressiva pelo abandono do vínculo anterior e ansiedade paranoide criada pelo vínculo novo e as inseguranças a ele relacionadas)” (Pichon-Rivière, 1985, apud Osório, 2000:35).

A técnica destes grupos está centrada na tarefa, onde teoria e prática se resolvem em uma práxis permanente e concreta, no “aqui e agora” de cada campo assinalado.

Um grupo torna-se operativo quando existe motivação para a tarefa, mobilidade nos papéis a serem desempenhados e disponibilidade para mudanças que se façam necessárias (Osório, 2000).

A psicologia do esporte foi fortemente influenciada pela psicologia social, uma vez que, por definição, psicologia social é o estudo científico do indivíduo como ser concreto, no conjunto de suas relações sociais, tanto naquilo que lhe é específico como naquilo que nele é manifestação grupal e social.

“Técnicos e atletas, em todas as dimensões do rendimento, procuram dedicar boa parte do tempo em busca de conhecimento e aprimoramento de suas habilidades de comunicação, cooperação e de convivência mediadas por aquilo que é, sem dúvida, a maior qualidade das equipes: ser coesa, eficiente e eficaz” (Rubio, 1998:9).

“Da formação do grupo à coesão grupal, há ainda uma grande distância a percorrer. Equipes esportivas não são bem-sucedidas durante todo o tempo. A vitória e a derrota fazem parte da vida do esportista tanto quanto os treinos ou a rotina doméstica. Porém, o que diferencia o grupo que persiste diante da adversidade daquele que

esmorece ao se deparar com algum obstáculo? Se na psicologia social a dinâmica interna de um grupo é chamada de vínculo, em uma equipe esportiva que se dispõe a superar os obstáculos é chamada de coesão” (Rubio, 1998:11).

Segundo Russel (1993) os técnicos das equipes esportivas acreditam que a principal característica para o sucesso de uma equipe esportiva é a coesão interna. Esta coesão só poderá ocorrer, efetivamente, se o grupo, enquanto uma instância independente e autosuficiente, possuir uma estrutura efetiva de liderança. Segundo este autor, a lealdade é a chave para esse processo.

Antonelli & Salvini (1978) caracterizam a coesão como forma de reação: ambivalências afetivas, dificuldades de adaptação interpessoal e dificuldades em dimensionar os fins e os meios provocam tensões no grupo, geram uma hostilidade intra-grupal que colocam em risco não só a coesão como a própria existência do grupo. São definidas três modalidades de coesão: defensiva, institucionalizada e cooperativa.

- a) Coesão defensiva: uma dinâmica típica de equipes esportivas onde o time adversário é o depositário das projeções de sua própria agressividade interna. Nesta dinâmica a equipe é dependente de um líder carismático e sofre com medos injustificáveis de sabotagem.
- b) Coesão institucionalizada: As tensões individuais são aceitas e justificadas de acordo com a posição que cada membro ocupa dentro do time. Em equipes esportivas essa dinâmica é percebida no conflito existente entre dirigentes, sócios, atletas e torcedores, onde o crítico vale-se de seu papel social para disfarçar uma hostilidade pessoal.
- c) Coesão cooperativa: esta dinâmica soluciona a ameaça desagregadora sobre o grupo através da tomada de consciência e da análise das dificuldades. Esse tipo de coesão se desenvolve quando os atletas submetem seus objetivos pessoais ao

objetivo do grupo, à aceitação da realidade, ao desejo de superar os problemas e ao empenho para levar a cabo mudanças comportamentais em função das normas do grupo.

Assim, a coesão está fundamentada em três pilares: a cooperação, a confiança e o respeito.

A construção desses pilares é tarefa árdua e envolve todos os membros do grupo; portanto, para compreender a dinâmica da equipe, é necessário reconhecer quais os membros do grupo que estão identificados com o que Pichon-Rivière (1988) chama de tarefa.

O objetivo de uma equipe coesa, eficiente e eficaz é o que mobiliza equipe técnica e atletas, em todas as dimensões do rendimento, a dedicar boa parte do tempo em busca de conhecimento e aprimoramento de suas habilidades de comunicação, cooperação e convivência (Rubio,1998).

Os autores ligados à psicologia do esporte vêem as equipes no esporte como um micro-sistema social de rendimento recebendo influência do macro-sistema social; técnicos e atletas convivem com a interligação de ambos os sistemas, havendo espaço apenas para o indivíduo que se destaque na competição e vença. Não há grandes diferenças entre essa visão de equipe e o conceito de grupo desenvolvido por diversos autores na psicologia social, pelo fato de o esporte coletivo envolver tanto interação social interna à própria equipe quanto externa, uma vez que é cada vez mais amplo o envolvimento dos meios de comunicação de massa com o esporte, criando uma relação de proximidade do público com o atleta e a modalidade, conferindo-lhe um caráter integrador (Rubio,1998).

3.1 O fenômeno esporte

O esporte do século XX foi marcado enquanto palco de disputa político-ideológica e por sua crescente mercantilização. O esporte-espetáculo tornou-se, nas últimas décadas, um dos veículos de comunicação mais utilizados pelo mundo empresarial na difusão de produtos e consolidação de marcas mundiais. Entre as primeiras corporações multinacionais que se destacaram por investir em estratégias globais de publicidade estão a Coca-Cola e a Phillips Morris, utilizando eventos esportivos transmitidos ao vivo para dezenas de países, patrocinando, entre outros eventos, a Copa do Mundo e a Fórmula 1.

Historicamente, foram os próprios fabricantes de artigos esportivos que desenvolveram o marketing através do esporte. Segundo Souza (1991) os fabricantes franceses de bicicletas, por volta de 1890, utilizavam o esporte para ganhar espaço na imprensa e divulgar seus produtos, patrocinando provas de velocidade e de resistência e batizando velódromos.

Na versão dos jornalistas Simson e Jennings (1992), a Adidas foi uma das pioneiras na utilização sistemática do marketing esportivo, fazendo questão que atletas de destaque usassem artigos da empresa, pretendendo, com isso, associar o mito olímpico à sua marca. Até a década de 60, porém, a mentalidade amadora dos dirigentes esportivos europeus ainda era antagônica à idéia de atletas olímpicos (todos esportistas amadores) serem pagos para exibir uma marca comercial. Ao longo da década de 70, essa proibição seria implicitamente esquecida, inicialmente por pressão dos próprios atletas, mas e principalmente, pela mudança na estratégia de marketing da Adidas, que passou a negociar com as próprias federações esportivas, contratos milionários de fornecimento exclusivo de material esportivo. No final da década,

muitas federações nacionais já se utilizavam desse tipo de contrato para ajudar a financiar a preparação de suas equipes olímpicas.

“O patrocínio a equipes e torneios esportivos cresceu à medida que empresas de grande porte perceberam que era mais barato e eficaz associar sua marca a um evento de interesse da mídia (de preferência, com credibilidade internacional), levando seus concorrentes a fazê-lo também. Corporações inseridas em mercados globalizados e altamente competitivos, como o de refrigerantes e o de cigarros, passaram a ver aquelas competições esportivas que despertam emoções fortes num público relativamente diversificado como uma ótima ferramenta de publicidade” (Proni,1998:76-77).

Com o tempo, o marketing esportivo passou a englobar uma gama enorme de estratégias e de meios, que não se limitam apenas às campanhas publicitárias.

O processo de crescimento dos investimentos, simbólicos e materiais, na promoção da atividade corporal e dos esportes, ao longo do século, e a importância concedida pelos meios de comunicação, transformaram o esporte em um espetáculo de massas, intensificado a partir da transmissão da imagem ao vivo. Os significados sociais das práticas desportivas e corporais diversificaram-se. Saúde, estética, formação da personalidade, equilíbrio psicológico e físico são algumas das funções atribuídas às práticas corporais e aos esportes no plano da formação e regulação dos indivíduos (Santin, 1987; Betti, 1991;1997; Proni, 1998).

A ciência e a tecnologia assumem a tarefa de aprimorar e reproduzir o espetáculo esportivo. A produtividade do treinamento e das competições é rapidamente aumentada, com a aproximação das ciências aplicadas e dos meios de comunicação de massa, o movimento humano no interior do esporte vai sendo alterado.

“Com o respaldo da ciência e a exigência da popularidade, o gesto esportivo realizado é outro. Sob a alegação da necessidade de eficácia, de performance e de rendimento, se eleva o grau de espetacularidade do esporte, possibilitando sua melhor inserção no mercado, por um superior valor-de-troca” (Souza,1991:143).

O esporte assume novos objetivos que o transformam, cada vez mais, em mercadoria. A mercadoria -esporte-espetáculo- passa a ser um fetiche (Souza,1991). Subordina os homens a seus interesses e moldes. Reforça o processo de reificação já existente na consciência humana. Substitui, a partir da sua difusão, o valor de uso pelo valor de troca, passando este último a ser o objeto da necessidade humana. Na transformação do esporte em mercadoria, não ocorrem apenas mudanças objetivas de regras, gestos, táticas e treinamento. Ocorre, concomitantemente, mudanças subjetivas, relativas a conceitos de estética, a padrões morais, a possibilidades de expressão e comunicação, entre outras. Seria importante conhecer em que medida esta fetichização do espetáculo esportivo está instalada na sociedade, determinando a atividade dos homens que atuam em outros setores, mais distantes da indústria cultural esportiva (Souza,1991). A posição de destaque que os esportes ocupam no cenário das relações sociais e econômicas deve ser examinada a partir do modo como ele se insere na sociedade de consumo de massa. Podemos verificar que a difusão e a popularização das práticas esportivas ajudou a criar novos modelos sociais e a disseminar um certo estilo de vida esportiva (o que inclui também a formação de novos hábitos e novas inclinações), propiciando as condições para o surgimento e crescimento de indústrias de materiais e equipamentos destinados àquelas práticas. Analogamente, a evolução dos esportes de alto rendimento ajudou a formar um público de fãs e espectadores de competições esportivas (Betti, 1991; 1997; Souza, 1991).

Com o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, os eventos esportivos ganharam uma visibilidade e um interesse social muito maiores; vários bilhões de dólares são movimentados, anualmente, na economia norte americana, e porque não dizer mundial, em função das práticas e consumos esportivos (Betti, 1991;1997; Souza, 1991).

As modalidades esportivas são estruturadas em função da comercialização dos direitos de transmissão e da obtenção de patrocínios. Os grandes atletas se transformaram em *mega stars* e são pagos não apenas para competir, mas para fazer propaganda de empresas ou de produtos (Betti, 1997; Proni, 1998).

Durante o treinamento ou a competição esportiva, os atletas profissionais são obrigados a usar certos produtos, porque interessa aos fabricantes que o seu uso se propague rapidamente entre atletas amadores e não-atletas. O esporte está subordinado aos interesses comerciais. Considerando-se também, entre outras possibilidades, a utilização do esporte como veículo de marketing, um meio de fixação de imagens públicas ligadas ao uso de dopings e anabolizantes, que provocaram grandes escândalos nas olimpíadas, assim como má conduta sexual e disputas contratuais fizeram com que esportistas se tornassem menos desejáveis para os anunciantes. A cobertura de eventos esportivos pela TV parece quase que poluída de tantos comerciais de cerveja espalhados pela programação (Proni, 1998).

Embora os esportes ainda dominem a mídia e as empresas ainda invistam bilhões a mais nos esportes, na opinião de Naisbitt e Aburdene (1990:103):

“(...) as artes e os esportes competirão de forma cada vez mais acirrada pelo tempo de lazer e pelo dinheiro das pessoas. As empresas desempenharão um papel decisivo na determinação da velocidade e profundidade em que as artes dominarão”.

A mídia - cuja tendência é voltar-se para o sensacional - contribui, através da manipulação das informações, para a *construção de uma realidade* e para o processo de ocultação da realidade econômica, política e social em que estamos, de fato, inseridos. Muitas vezes ela amplia os fatos sem justificativa real, exercendo com isso uma influência indutora e poderia dizer-se nefasta, sobre o público e a opinião que ele tem do fenômeno esportivo, difundindo informações inexatas e enviesadas. Particularmente, a mídia negligencia tratar corretamente das causas do uso de doping, tanto no plano dos atletas, como dos técnicos. Desse modo, os poucos abusos que são

descobertos tomam dimensões dramáticas, excitantes e sensacionais -não-realistas- e torna-se incompreensível a realidade político-econômica do Comitê Olímpico Internacional (uma unidade com 93 membros e nenhuma dissidência pública, em que não há relatórios da minoria, com uma participação feminina inferior à dez por cento, e onde mais da metade foi nomeada por um político profissional que nunca enfrentou uma eleição democrática, com uma visão de mundo forjada a partir de uma ideologia repressiva e desacreditada).

“Assim como o general do palácio do Pardo, o líder do COI desfruta de poder incontestável e se senta no alto de uma estrutura onde práticas consideradas corruptas em outras esferas da vida são aparentemente aceitas como normais” (Simson e Jennings,1992:319).

A representação pela mídia é parcial. É acentuado o desenrolar do ato culposo e as investigações que permitem julgá-lo. Tudo o que precede o ato e os acontecimentos que contribuem para a realização do ato propriamente dito nunca são informados pela mídia. A mídia não se interessa pelos prejuízos de ordem social ou psicológica, o público os ignora e a tendência manifesta é não considerá-los como um problema grave. O uso de doping é tratado fora do seu contexto social, das relações humanas e colocado em cena em um mundo fictício, fora da realidade. Desse modo, o uso de doping, fora do cotidiano aparece mais dramático, palpitante e sensacional, bem como incompreensível para o comum dos mortais - atletas ainda são semideuses, dotados de poderes que independem da condição humana e de suas limitações -. A exigência sobre velocistas, fundistas, jogadores, é de que recordes sejam quebrados, desafiando-se assim a condição humana de seres humanos. Neste contexto o doping é visto como traição ao espírito esportivo, por um lado, e às conquistas humanas, por outro. Quando se questiona por que homens e mulheres correm tais riscos, uma das respostas poderia ser que a glória e os dólares são atraentes demais para os dirigentes, bem como para os atletas. Outra possibilidade poderia estar nos membros do COI, a nova casta de presidentes esportivos, as companhias de televisão e os patrocinadores que compraram

o esporte e empurraram os competidores para as drogas, para exhibir um espetáculo além dos limites do corpo humano. Na opinião de Simson e Jennings (1992):

“Quando um esporte ‘amador’ começa a render muito dinheiro, graças a televisão e aos patrocinadores, os atletas não são os únicos beneficiados. As federações ganham prestígio e recursos. Mas tudo pode se perder, caso o público descubra que seus heróis vivem a poder de drogas ilícitas. Este temor cria uma cultura da cegueira. Os dirigentes esportivos que deveriam erradicar o doping olham para o outro lado. Pior ainda, começam a proteger suas estrelas, evitar que sejam desmascarados” (Simson & Jennings, 1992:231-232).

A indústria esportiva e seus patrocinadores não escolhem hora nem lugar para vender seus produtos. Ela entra em jogo no formato de placas publicitárias, *out doors* e logotipos nas camisetas, shorts, bolas, luvas, meias e onde mais as câmaras possam, por ventura, passar...Tal poder econômico que rege a sociedade cada vez com mais vigor, não pode ser entendido isolado de um contexto sócio-histórico-econômico-cultural (Proni, 1998).

Nascida da prática guerreira, a disciplina militar ainda é elemento coercitivo das práticas esportivas mais populares e mantém atletas em situação de submissão expressa nas palavras sempre presentes em esportistas: a humildade diante da vitória ou da derrota e pela excreção pública dos subordinados ou insubordináveis.

“O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma ‘anatomia política’, que é também igualmente uma ‘mecânica de poder’, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim, corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele

por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada” (Foucault,1977:127).

O problema não é o esporte, a competição, mas a supervalorização da competição. A questão parece ser subordinar o esporte e o espetáculo a uma ética sujeita a valores humanos.

“Devemos favorecer um novo projeto, onde o esporte esteja em consonância com a vontade popular e esta se expresse nos espetáculos esportivos. Estes poderiam contribuir para a erradicação do analfabetismo físico e esportivo, transformando a passividade do assistente em dinamismo do praticante, consciente da atividade esportiva” (Moreira, Pellegrinotti e Hebling, 1992:22).

Retomando, apenas para situar a valorização do esporte, a história do pensamento moderno, vê-se que este repousava sobre a idéia de progresso como direção única do acontecimento histórico, tratava-se a razão como o motor principal deste processo. No fundo, a modernidade delineava um mundo melhor, com um futuro diferente tanto materialmente quanto espiritualmente. O mundo deixa de ser visto sob a óptica teocêntrica, o homem não tem como fim último, a salvação, mas a construção do reino de Deus na terra. A visão de mundo passa a ser antropocêntrica (que considera o homem como o centro ou a medida do universo, sendo-lhe, por isso, destinadas todas as coisas), enfatizando a vida na terra, mas mantendo o corpo subordinado à razão. Dessas atitudes, trabalhosamente adquiridas como oposição ao suposto obscurantismo da Idade Média, nasce um novo ímpeto, um afã de conhecer o mundo, de explicá-lo, de conquistá-lo. Os ideais modernos eram a solidariedade, o progresso, o entendimento, a paz, a emancipação definitiva do homem. Esse marco de idéias possibilitou dar forma à realidade em que vivemos, à sociedade e suas instituições, ao homem e todas as suas relações sociais. O sistema de (pró)-retroalimentação da aplicação do conhecimento científico ao desenvolvimento industrial e a evolução dos sistemas de trabalho provocaram uma ampla expansão do esporte.

“Os processos de industrialização e sua tradução em um maior lucro quantificável promoveram a idéia do “record”, pilar onde se sustenta todo o esporte moderno. Combinadas no esporte as características de igualdade política e recorde objetivamente mensurável, materializam o ideal da revolução industrial: a racionalidade da produtividade crescente de forma ininterrupta. Foi essa idéia de progresso constante que permitiu do domínio do expansionismo colonial à aceitação do esporte a nível universal dando progressivamente uma consciência esportiva humana comum (Torres,1996:130).

Crendo-se corpo singular, o indivíduo segue, na verdade, padrões impostos pela política da beleza e da moda - ele aspira a ter um corpo e só raramente percebe-se sendo um. Essa contradição não pode continuar sendo observada, analisada, dentro dos paradigmas vigentes, se tivermos como objetivo a superação do dualismo cartesiano. Como adverte Santin (1987):

“A imagem da corporeidade de nossa cultura racionalizada, cientificizada e industrializada em nada garante o cultivo do corpo, ao contrário, o reduz a um objeto de uso, um utensílio, uma ferramenta a ser usada segundo a vontade de cada um ou, pior, conforme os interesses econômicos, políticos e ideológicos de outros grupos” (Santin, 1987:55).

Precisamos superar as visões reducionistas que buscam as simplificações daquilo que sempre se mostrou complexo; a realidade deve ser compreendida em função de totalidades integradas que não podem se reduzir em unidades menores, mas são vistas em um grande sistema de interação. O ser humano é um ser de relações, é intersubjetividade, ser aberto à própria experiência de vir-a-ser plenamente ele mesmo no seu relacionamento com o mundo e com os outros seres humanos.

A partir do momento em que o esporte passou a ser profissão, consagrou-se o epíteto de amadores aos que exercem o esporte sem remuneração. Mas, como lembra Fontanella (1995:123):

“... no início todos os esportes foram praticados por amadores, isto é, todos foram expressão do senso lúdico. Mais ainda. Na Grécia antiga eles eram sagrados e, como tais, levados a sério. Por isso, é possível imaginar o início dos esportes nos tempos míticos. Vivência sagrada é una. Vivência una do homem sem divisão. Hoje não conhecemos esportes sagrados. Mas, evocando suas origens, o esporte ainda permite ao homem a vivência una”.

O esporte como manifestação de auto superação parece se encaixar nos paradigmas vigentes em nossa sociedade atual.

“O esporte pode ser um lugar privilegiado de reflexão e prática sobre as necessidades de equilibrar a cooperação com a competição. Também um excelente campo para se experimentar e se refletir sobre a necessidade de articular a criatividade e ação individual com os acordos reguladores da ação grupal e coletiva. Um lugar, então, no qual os sentimentos de formar parte e os sentimentos de sermos singulares poderiam ser articulados e suas demandas, satisfeitas” (Lovisoló, 1997:167).

A ação de um indivíduo, de um grupo ou de uma instituição, somente passa a fazer sentido quando podemos esclarecer o motivo, a intenção, a finalidade da ação, ou seja, quando podemos dizer qual é o seu sentido. Isso demanda linguagens que expressem esses sentidos. Falar da cultura corporal e dos esportes significa colocar em ação linguagens que nos permitem entender os significados de seus fazeres. No entender de Lovisoló (1997), agimos a partir de três motivos principais:

a) por existirem normas; b) por existirem utilidades, c) por existirem gostos ou vontades. Normas, utilidades e gostos são modos de orientação e entendimento, linguagens, que nos permitem entender as nossas condutas e a dos outros. Enquanto linguagens, são resultado da história, como qualquer outro fenômeno social e cultural (Lovisoló,1997:86-87).

Essas linguagens (da norma, da utilidade, do gosto) nos permitem atribuir vários e diferentes significados, a um mesmo ato. *“Com a linguagem da norma, elaboramos e aplicamos nossas concepções sobre o justo e o bom nos relacionamentos entre grupos, entre homens e coisas sagradas ou profanas e também com o corpo” (Lovisoló, 1997:89).* Usando essa linguagem, do justo e do bom, podemos criticar a disciplina dos

corpos e a conseqüente perda da singularidade na prática dos exercícios padronizados e padronizantes.

Na *linguagem da utilidade*, uma conduta ou ação é racional quando maximiza a relação entre meios e fins, quando utiliza racionalmente meios materiais e conhecimentos para alcançar os objetivos da ação.

A *linguagem do gosto*, que tem suas raízes na estética está vinculada à nossa interioridade, nossa sensibilidade, nossos sentimentos. Desse modo, “*enquanto a linguagem da norma e da utilidade parece nos situar num mundo público, a linguagem dos gostos parece situar-nos no mundo do privado, no mundo da individualização, da construção do eu, da autoconstrução do self*” (Lovisol, 1997:92). Por isso, não se pode desconsiderar que assim como as outras linguagens, a do gosto é igualmente fruto da construção histórica sócio-cultural. Encontramos ao mesmo tempo aqui um paradoxo: sendo profundamente individual, o gosto é amplamente compartilhado, como indicam as bilheterias do cinema, os best-sellers, os discos mais vendidos, as torcidas dos clubes de futebol.

“...o gosto não tem apenas uma função de construção da identidade pessoal. Por meio dos gostos também constroem-se as identidades coletivas, na gastronomia, nas artes, nos esportes, na música popular e em tanto outros campos de afinação dos gostos. Ocorre, também, que o gosto, sendo individual, é um fundamento para as afinidades, para os encontros, para a sociabilidade e assim, fundamento do coletivo”(Lovisol,1997:92).

Conforme os estudos de tendência de Naisbitt e Aburdene (1990), o esporte, o grande fenômeno social e cultural do século XX, parece estar perdendo espaço para investimentos economicamente mais viáveis, para outras áreas, como por exemplo, os programas de massa (novelas, shows, etc.).

No cerne das preocupações do esporte deve estar o homem-sujeito, autor e ator da prática esportiva; portanto ele é a referência para a estruturação da prática e da ética esportiva. Um posicionamento aceito consensualmente é o de Bento (1989), que concluiu que a ética esportiva, apesar da especificidade dos seus contornos, deverá apresentar-se num quadro de concepções, princípios e teorias, coexistindo com uma ética geral. Desse modo, essa ética deverá se assumir como:

“(...) uma ética normativa, prescritiva, suscetível de oferecer critérios responsabilizantes, comprometedores e incriminadores das obrigações e desvios dos implicados, quer o desporto viaje no comboio da educação, da formação, da investigação, da saúde, da recreação, rendimento e desenvolvimento, quer o desporto viaje no comboio da economia, da comercialização, da política. Em qualquer dos comboios o desporto deve assumir o seu estatuto cultural e as obrigações que esta circunstância lhe impõe”(Bento,apud Moreira,1992:20).

Uma ética do esporte remete-nos a uma reflexão de como o corpo é usado na sua prática. Estudos antropológicos revelam que a maneira como as pessoas lidam com seus corpos tem algo a ver com a moral.

“O esporte, como um problema profundamente humano e social, seu significado social, ocorrido principalmente após o redimensionamento conceitual, quando passou a abranger manifestações comprometidas com a educação, participação e performance, precisa ser interpretado como um campo sociocultural de estruturas e conteúdos de grande complexidade, que apresenta-se com grande fascínio para todos os atores ativos e passivos, propiciando oportunidades únicas para a convivência humana” (Tubino,1992:71).

Pensar o espetáculo esportivo na perspectiva ética é permitir um estudo das capacidades desenvolvidas pelo homem em tal situação e ao mesmo tempo procurar integrar esse acontecimento à recuperação do sentido humano do homem. É lutar para não dissociar o desenvolvimento cultural desse espetáculo, do desenvolvimento do próprio homem e das sociedades, recolocando o espetáculo esportivo num espaço de relações humanas, na redescoberta do fascínio do espetáculo, objetivando, quiçá, alcançar a utopia de Constantino:

“Tempo e templo. Templo de novas criações humanas; o estádio. Ai permanecem com o mesmo fascínio e a mesma liturgia. Como local de criação de novos códigos, de novos simbolismos, de novas estéticas, de novas performances, de novos conhecimentos, de uma nova ética. O valor cultural dos saberes e práticas do desporto continuará a encontrar aí o seu fundamento essencial” (Constantino, apud Moreira,1992:27).

Neste trabalho, estamos enfatizando determinados aspectos do fenômeno esporte : o esporte- rendimento, em que a busca de resultados e recordes é o seu objetivo principal.

Entre outras características, o interesse principal do esporte-rendimento é a perpetuação do sistema ou a sua auto-preservação, e o sistema só se perpetua com recordes. Os motivos deste interesse podem ser culturais, econômicos, políticos e ideológicos (GoTani,1996).

O esporte performance ou de rendimento só permite sucesso aos talentos ou aqueles que tiveram condições, o esporte-participação, ao contrário, favorece o prazer a todos que dele desejarem tomar parte. Esta dimensão social do esporte, que permaneceu valendo como conceito de esporte até a década de sessenta, é socialmente importante pelos efeitos que exerce sobre a sociedade. Ao exigir uma organização complexa e investimentos, o esporte-performance ou de rendimento cada vez mais passa a ser uma responsabilidade de iniciativa privada. Traz consigo os propósitos de novos êxitos esportivos, a vitória sobre adversários nos mesmos códigos, e é exercido sob regras pré-estabelecidas pelos organismos internacionais de cada modalidade. Há uma tendência natural para que seja praticado principalmente pelos chamados talentos esportivos, o que o impede de ser considerado uma manifestação comprometida com os preceitos democráticos. E' também a dimensão social que propicia os espetáculos esportivos, onde uma série de possibilidades sociais positivas e negativas podem acontecer (Go Tani, 1996).

3.2 A Psicologia no Esporte

A noção de esporte enquanto instituição estende-se ainda mais se considerarmos como uma instituição social. As instituições de nossa sociedade definem diferentes aspectos da nossa ordem social, particularmente nossos sistemas de valores, centros de interesse e atitudes que determinam as principais dimensões de nossa vida cotidiana (Alderman, 1983). As instituições existem para indicar como devemos agir, como devemos perceber o mundo à nossa volta, como devemos nos comportar e em que devemos acreditar. Sua função é organizar, estruturar e regulamentar o comportamento humano considerando as orientações que a sociedade julga como desejáveis.

Podemos verificar a dimensão do esporte e sua penetração em todos os domínios da sociedade através de sua influência: na televisão, na publicidade, na moda, no culto do herói, e assim por diante.

De acordo com Alderman (1983), se o esporte reflete a sociedade em que ele está e reproduz fielmente os principais aspectos dessa sociedade, podemos considerá-lo como uma instituição dessa sociedade e, nesse sentido, o psicólogo pode atuar desde a idealização até a realização de um programa esportivo, considerando os pressupostos teóricos da Psicologia Social.

Assim, as decisões que são tomadas fora do esporte, muitas vezes trazem conseqüências indiretas para o setor esportivo; a recíproca também é verdadeira: o que acontece no esporte repercute também além de suas fronteiras. No estudo do comportamento das pessoas na prática do esporte (jogador e espectador), é preciso levar em consideração essas influências recíprocas, uma vez que o comportamento

violento durante os jogos de futebol, por exemplo, e em outras situações, são estruturados pelas mesmas normas e valores.

O fato das tentativas realizadas com o intuito de reduzir tais atos de violência mostrarem apenas poucos efeitos não é de se admirar, se considerarmos que as causas de tal violência estão estreitamente ligadas às mudanças sociais gerais. Por isso, as contramedidas, que se restringem apenas a problemas do/no esporte, praticamente são ineficazes ou então podem ser eficazes por um curto período de tempo (Nisbet, 1978; apud Bakker, 1992).

A psicologia do esporte, como campo de pesquisas, encontra-se ainda no início de seu desenvolvimento, apesar da existência de organizações nacionais e internacionais dedicadas à psicologia do esporte e apesar do fato de, em um relatório internacional sobre a situação (Salmela, 1981), estarem listadas cerca de 1000 pessoas de 35 países, que se consideram psicólogos do esporte. Em 1992, o número de psicólogos do esporte no mundo era estimado em aproximadamente 2700 pessoas (Brandão, 1995:134). Não é de se admirar que as sociedades nacionais de psicologia não tenham recebido até agora de braços abertos essa sub-área da psicologia do esporte em fase de desenvolvimento, visto que muitos psicólogos do esporte interessados não possuem a formação acadêmica específica, que pudesse justificar sua participação como membros de tais sociedades. As discussões realizadas na Inglaterra e na Holanda entre representantes de associações de psicólogos do esporte e as respectivas sociedades de psicólogos (British Psychological Society; Netherlands Institute for Psychology) mostram que, nesse sentido devem ser esperadas mudanças (Nitsch, 1989; apud Bakker, 1992).

Até o momento, uma grande parte da literatura sobre psicologia do esporte dedica-se a questões relativas à personalidade e motivação de esportistas. Não

raramente a psicologia do esporte vem sendo “forçada” a dirigir seus estudos quase que exclusivamente aos fatores de rendimento dinâmico-psicológicos. Assim, não obstante ser bastante compreensível a preocupação com as inúmeras questões pertinentes a esse domínio, por terem importantes conseqüências para o esporte dentro dessas áreas - evidentemente que as mesmas não são as únicas áreas temáticas interessantes e tampouco, necessariamente, as mais importantes (Nisbet, 1978; apud Bakker, 1992).

Wilberg (1973; apud Bakker, 1992) diferencia, nessa conexão, o conhecimento *receptivo* (*recipient knowledge*, que é tomado da disciplina-mãe) e o conhecimento *gerado* (*generated knowledge*, que é criado como conseqüência do trabalho empírico), estando diretamente relacionado ao respectivo campo do esporte. Ele previne sobre o risco de se tomar o conhecimento receptivo da Psicologia Geral sem espírito crítico, a fim de responder a formulações de problemas no esporte – o que poderia levar a erro. Apesar disso, tal foi feito com freqüência, pelo menos até agora. Tyldesley e Whiting (1982; apud Bakker, 1992) atribuem isso à situação ambivalente dos psicólogos do esporte: por um lado, almejam reconhecimento de sua especialidade na forma de um atrevimento científico com identidade própria e, por outro lado, é precisamente essa busca por reconhecimento dos psicólogos do esporte que torna muito fácil retornar à psicologia “estabelecida” com os seus métodos acadêmicos reconhecidos. Além disso, a sua posição tem sido dificultada pela hesitação em reconhecer a psicologia do esporte como campo de pesquisas autônomo, independente.

3.2.1 Histórico

O desenvolvimento histórico da psicologia do esporte a nível internacional (Feige,1977, apud Gabler, 1986) pode ser dividido em três etapas: a partir de 1920, entre 1950 e 1970 e de 1970 em diante.

Nos anos 20, a psicologia do esporte recebeu seus primeiros tópicos de desenvolvimento através da construção de laboratórios esportivo-psicológicos na Escola Superior Prussiana para Exercícios Físicos em Berlim-Spandau através de Schulte e na Escola Superior Alemã para Exercícios Físicos em Berlim-Grünwald através de Sippel.

Apoiando-se numa psicotécnica então divulgada como um ramo da psicologia, com a qual se tentava dirigir conhecimentos e processos psicológicos para setores sociais como trânsito, trabalho, educação, arte, esporte e torná-los úteis para fins práticos, propôs Schulte (1926; apud Gabler,1986) processos e aparelhos para pesquisa de velocidade de reação, recursos de concentração para poder fazer funcionar diagnóstico de aptidão no esporte à base de análise de rendimentos esportivos.

O objetivo das pesquisas de Sippel (1927, apud Gabler,1986) consistia, sobretudo em esclarecer através de testes a abrangente conexão entre exercícios físicos e rendimentos mentais na área do ensino escolar.

Em Leipzig, Klemm (1938, apud Gabler, 1986)) deu um impulso de desenvolvimento mais amplo. Utilizando os conhecimentos da chamada psicologia da totalidade e da “Escola de Leipzig”, que acentuava a necessidade de consideração da totalidade (o todo é algo diferente da soma de suas partes), ele e seus alunos superaram, através da introdução do conceito de “forma de movimento” à base das análises de lançamento de dardos, de movimentos de lançamento de disco e tiro ao alvo - o antes usual desmembramento dos movimentos em elementos particulares e encontraram

significativas conexões entre qualidade de vida e comportamentos motores. O mérito do seu trabalho está na demonstração de que:

“(...) o movimento humano representa uma ocorrência psico-física em que o decorrer do movimento objetivamente apreensível e a configuração subjetiva do movimento estão intimamente correlacionados, devendo ser apreciados como um ato unificado” (Thomas,1983:19).

Cabe ressaltar que hoje, depois de quase duas décadas, o movimento humano enquanto ato unificado, ainda não está claro para a maioria dos profissionais da psicologia e do esporte.

Os primórdios da psicologia do esporte reportam ao tempo do nazismo, em especial, da Segunda Guerra Mundial.

Os anos de 1950 até 1970 apresentam uma outra etapa de desenvolvimento da psicologia do esporte. Os primeiros desdobramentos da psicologia do esporte interrompidos pela Segunda Guerra e primeiramente conhecidos através de trabalhos esparsos, foram se fortalecendo de tal modo que hoje vemos uma tendência cada vez maior de expansão e aprofundamento desta nova disciplina.

Ao refletirmos sobre as causas que conduzem a esta ampliada ocupação com temas psicológicos no esporte (Hahn,1983;apud Gabler,1986), tornam-se visíveis quatro impulsos: um primeiro impulso importante veio das associações esportivas que exigiam não só pesquisas médicas, mas também psicológicas e medidas de cuidados no domínio dos esportes de rendimento e esportes de ponta; um segundo impulso veio da Educação Física, em que se impunha cada vez mais o conhecimento, que necessitava, tanto em vista de sua fundamentação teórica, como também de sua realização prática, de conhecimentos esportivo-psicológicos. Um terceiro impulso, para uma atividade cada vez mais sistemática e cientificamente coordenada, veio da fundação de organizações esportivo-psicológicas. Em 1965 teve lugar o primeiro Congresso

Mundial para a Psicologia do Esporte em Roma. Nele foi fundada a Sociedade Internacional para a Psicologia do Esporte.

A atividade desta união internacional levou em 1969 à fundação da Sociedade Européia para a Psicologia do Esporte (FEPSAC) e de comunidades nacionais para psicologia do Esporte. Estas comunidades de trabalho nacionais contemplam seus objetivos particularmente na organização de seminários de trabalho e congressos que servem tanto à pesquisa e ensino como ao fomento e coordenação de projetos de pesquisa no setor de psicologia do esporte. Em quarto lugar, foi de grande significado para o desenvolvimento da psicologia do esporte (especialmente na República Federal Alemã), a criação de cátedras nos Institutos de Esportes de Escolas Superiores cujos ocupantes, por seu próprio entendimento, dedicavam-se como cientistas do esporte e/ou como psicólogos, ao ensino e, sobretudo, à pesquisa de questionamentos esportivo-psicológicos; com isso foram dadas as condições institucionais para o desenvolvimento da psicologia do esporte (Hahn,1983, apud Gabler,1986).

Em relação ao conteúdo, o período de 1950-1970 se distingue especialmente pelos trabalhos em que as teorias psicológicas reconhecidas cientificamente foram levadas ao fenômeno do esporte. Assim, conforme Gabler (1986), Kohl deu continuidade ao tema gestalt-teórico na área de senso-motricidade e Neumann ocupou-se com o fundamento da teoria da personalidade de Lersch, com a estrutura da personalidade de esportistas em comparação a não-esportistas e com o desenvolvimento psicossomático na juventude sob o especial questionamento da influência dos exercícios físicos e esporte.

O desenvolvimento da psicologia do esporte a partir dos anos 70 mostra que o anterior centro de referência (em favor de uma orientação dentro do tradicional sistema da psicologia), mudou. Os psicólogos que foram assumindo os novos postos criados

nos Institutos de Esportes das Universidades passaram a referir-se à Psicologia como “disciplina-mãe”. Isso era feito porque, de um lado, os psicólogos chegados em primeira linha da psicologia apresentavam suas disciplinas pessoalmente preferidas e, de outro, porque os chegados da ciência do esporte e hoje cientistas ativos do esporte, envolvidos em um núcleo psicológico tentaram fundar, justificar e preencher em termos de conteúdo, a nova disciplina psicologia do esporte primeiramente a partir da psicologia.

Dessa forma, a pesquisa sobre psicologia do esporte e sua literatura nos anos 70 centrou-se na área da psicologia do desenvolvimento e aprendizagem, da psicologia da personalidade e da motivação, da psicologia social e crescentemente então da psicologia da ação. Os temas preferidos eram, por exemplo: treinamento mental, aprendizagem sensório-motora, testes de desenvolvimento motor, diagnóstico psicomotor de crianças perturbadas, exigência e fadiga, esporte e angústia, estresse, motivação para o rendimento, aspectos da agressão esportivo-específica, esporte e personalidade, estrutura grupal de equipes no futebol, remo, basquete e vôlei (Hahn,1983, apud Gabler,1986).

Ao lado do ensino e pesquisa, a psicologia do esporte dedicou-se também às atividades de consultoria e dedicação nos esportes de alto rendimento. Atletas particulares e equipes eram preparadas em colaboração com seus patrocinadores para importantes competições em que técnicas de auto-sugestão e medidas de terapia em grupo estavam em primeiro plano.

Conforme este curto retrospecto histórico e considerando-se que nas bases da psicologia do esporte encontramos originalmente seu lastro na psicotécnica, sua tardia ligação especialmente ao esporte de competição e às exigências ligadas a isso para tornar úteis os conhecimentos da psicologia e finalmente sua institucionalização e seu

direcionamento à “disciplina-mãe” (Psicologia) ela pode, em muitos setores, ainda hoje ser compreendida como uma área da Psicologia Aplicada. A questão que se coloca atualmente é: será que as áreas que até agora foram compreendidas sob o conceito da psicologia aplicada, assim como o desenvolvimento da psicologia do esporte em sua ancoragem preponderantemente temática e institucional na ciência do esporte, ainda corresponde a esse ponto de vista historicamente condicionado? Ou será que a psicologia do esporte como área da Psicologia e da Ciência do Esporte não apresenta uma posição especial que arraste trás de si uma série de importantes conseqüências teóricas e práticas? (Hahn, 1983, apud Gabler, 1986).

Considerando-se em um primeiro momento a psicologia aplicada, verificamos que não há clareza em termos de conceito e conteúdo. Enquanto antigamente procedia-se utilizando os conhecimentos e processos da psicologia geral para campos específicos de práxis, hoje algumas das atuais disciplinas da psicologia aplicada se autonomizaram tão fortemente (por exemplo, a psicologia clínica) que, à base de suas teorias e métodos relativamente autônomos não se pode mais falar de uma psicologia aplicada em estrito senso, uma vez que estas disciplinas, por seu lado, geraram frutiferamente outras áreas da psicologia (Franke & Thomas, 1979, apud Gabler, 1986:25). Isto fundamenta principalmente o caso em que – na vivência de um problema prático, por exemplo, o problema das agressões no futebol - a “sobreposição” dos conhecimentos atuais e os processos psicológicos não poderia justificar objetos específicos (neste caso, específico -esportivos).

Tais contribuições freqüentemente imprudentes e pouco críticas levam a ilusões na práxis e incitam com isso a autonomização mais adequada de tais disciplinas quanto aos problemas e objetos. Daí advém que não se pode mais falar de psicologia como disciplina-mãe, mas a psicologia apresenta-se hoje como campo de pesquisa cientificamente bastante aberto com diferentes áreas.

A psicologia do esporte vem confirmar as tendências de desenvolvimento de outras áreas da psicologia aplicada. Uma vez que nas disciplinas fundamentais da psicologia foram negligenciados temas como movimento, restrição de movimentos, e objetivo esportivo – (sobretudo não em sua conexão) –, que constituem os elementos do esporte, a psicologia do esporte pode recorrer a conhecimentos de outras áreas da psicologia apenas limitadamente; cada vez mais será induzida a exercer ela mesma a pesquisa de fundamentos (Gabler, 1986).

A psicologia é determinada em igual medida como disciplina teórica e prática através de diferentes atividades que se sobrepõem muitas vezes umas às outras. A importância destas atividades depende, de um lado, de quais problemas são levados à psicologia do esporte ou nela são lançados e, de outro lado, de quais possibilidades e interesse têm os psicólogos do esporte para resolver tais problemas. Cada vez mais é acentuada a necessidade de atingir também a terceira categoria das atividades psicológicas, a pesquisa dos fundamentos (cf Kunath/Muller,1972:22; Schilling,1974:16; Nitsch,1978:32 U. 1980:469; Franke e Thomas,1979:15; Heckhausen,1979:51; Janssen,1981:6; Eberspächer,1982:257; Simons,1984:166, apud Gabler,1986:27). Disso se deduz que na psicologia do esporte podem ser obtidos conhecimentos, que somente nela podem ser obtidos em função das especialidades do esporte, mas que, conforme o caso, são também de interesse para outras áreas da psicologia. Atualmente, existem áreas de problemas centrais da psicologia, que podem ser expostos paradigmaticamente no campo da psicologia do esporte (Gabler, 1986).

Ações esportivas freqüentemente são estruturalmente determinadas através de uma composição específica de graus de liberdade, de um lado e, por regras e normas, do outro. Particularmente nos esportes de alto rendimento, as pessoas submetem-se à mudanças físicas e psíquicas individuais extremas; são executados extremos

rendimentos e no cumprimento destes rendimentos são feitas extremas experiências que não são objeto de experimentações em outros setores da psicologia. Mas também em outros esportes ocorrem fenômenos específicos. Assim, segundo Gabler (1986), o esporte se distingue especificamente não só através dos fenômenos como movimento, restrição de movimentos e zelo competitivo, mas também e principalmente, através da polêmica com objetos especiais (os aparelhos de esporte e meios, por exemplo, água e neve), que trazem consigo maneiras específicas de comportamento e vivências (por exemplo, no alpinismo, mergulho, pandorga).

3.2.2 O psicólogo do esporte

Tendo em vista a falta de clareza reinante sobre o escopo e a função da psicologia do esporte, existem ainda muitas questões abertas relacionadas ao papel específico dos psicólogos do esporte.

Diante dos atuais desafios no esporte, treinadores (as) não podem continuar a se dar por satisfeitos em possuir apenas conhecimento específico sobre uma modalidade de esporte e um sentimento ligado ao mesmo para a tomada de decisão “correta” em inúmeras situações diferentes. Mesmo que exista uma nítida unidade de pensamento sobre se o treinamento é uma arte, e isso no sentido de que um treinador bem sucedido deve ter uma sensibilidade para a tomada de decisões efetivas, isso não quer dizer que através de resultados empíricos não poderiam ser tomadas decisões ainda melhores (Whiting, 1975; apud Bakker, 1992). Por outro lado, esses resultados não deveriam restringir-se a uma área da pesquisa científica. Se um esportista falhar (ou um treinador), se eles tiverem um desempenho decepcionante ou se não corresponderem às próprias expectativas ou às de terceiros, nestes casos, muitos fatores podem estar

associados: causas fisiológicas, sociais, emocionais, biomecânicas ou atribuíveis ao acompanhamento/cuidado—e isso tanto isoladamente como também em conexão recíproca. Nesse momento é necessário o conhecimento de uma série de diferentes disciplinas científicas, em combinação com o conhecimento ainda mais diferenciado do treinador sobre a modalidade esportiva e sobre cada um dos esportistas, para se decidir sobre uma atuação adequada. Resultados empíricos de diferentes disciplinas devem ser levados em consideração e, se possível, ser integrados.

O trabalho conjunto entre treinador, acompanhantes médicos e cientistas do esporte (em especial psicólogos de desempenho), mesmo não sendo rotineiro, é algo comum.

A psicologia do esporte tradicionalmente enfatizava o estudo da psicologia aplicada, como uma forma de oferecer suporte psicológico a técnicos e atletas. Hoje, as áreas de interesse ampliaram muito e incluem: agressão e violência no esporte, aderência ao esporte, a mulher no esporte, estresse no esporte, cognição e tomada de decisão, identificação de talentos, processos psicossociais no esporte, saúde, bem-estar e psicologia, aplicação dos computadores na psicologia do esporte, psicometria esportiva, etc. Apesar dessa ampliação,

“(...) a viabilidade da psicologia do esporte como uma disciplina científica, impõe um crescimento ainda maior, com o desenvolvimento de novas linhas de pesquisas que busquem observar a efetividade dos programas de treinamento de habilidades psicológicas para a alta performance; com ênfase na investigação do esporte para jovens, com a formação e educação de técnicos qualificados para trabalhar com crianças e adolescentes; com a manutenção de um alto nível metodológico nas pesquisas, através do desenvolvimento de metodologias específicas para o esporte e suas diferentes modalidades esportivas e com o desenvolvimento de pesquisas cross-culturais, que levem em consideração diversidades étnicas, culturais e comportamentais” (Cox,1994, apud Brandão,1995:135).

O desenvolvimento da psicologia do esporte na América Latina teve início nos anos 70. Em 1979 foi fundada a Sociedade Brasileira de Psicologia do Esporte, da

Atividade Física e da Recreação (SOBRAPE) e em 1986 foi criada a Sociedade Sul-Americana de Psicologia do Esporte, da Atividade Física e da Recreação (SOSUPE), tendo como seu primeiro presidente eleito B. Becker, do Brasil (Brandão,1995:134).

Na área de psicologia do esporte existem tantas teorias, definições e interpretações, quantos são os psicólogos do esporte no mundo. Muitos psicólogos do esporte entendem a Psicologia do Esporte como uma área da Psicologia Aplicada (Psicologia no Esporte) e como uma disciplina das Ciências do Esporte. O que se verifica é uma emancipação de sua matriz, a Psicologia. Atualmente ela tem sido considerada como uma disciplina científica independente com suas próprias teorias, métodos e programas de treinamento. Segundo Nitsch (1989:29):

“... a Psicologia do Esporte analisa as bases e efeitos psíquicos das ações esportivas, considerando por um lado a análise de processos psíquicos básicos (cognição, motivação, emoção) e por outro lado, a realização de tarefas práticas do diagnóstico e da intervenção(...) sua função consiste na descrição, explicação e no prognóstico de ações esportivas com o fim de desenvolver e aplicar programas, cientificamente fundamentados, de intervenção levando em consideração os princípios éticos” (Nitsch,1989:29; apud Salmuski,1995:12).

O esporte de alto nível hoje demanda um trabalho árduo e exige dedicação quase que exclusiva dos atletas e treinadores. Aumenta a cada dia o grau de exigência nas competições; a busca pelo rendimento máximo é constante, constituindo o objetivo principal dos programas de treinamento elaborados pelos técnicos. Quando este objetivo não é alcançado, o efeito emocional da derrota é difícil de ser superado pelo atleta.

“Lidar com os sonhos e as lágrimas dos atletas, com as reclamações e cobranças dos pais, informar aos treinadores sobre as potencialidades e dificuldades dos atletas, lidar com as diferentes personalidades dos treinadores e suas influências sobre o rendimento do competidor, são algumas das atividades com as quais um número crescente de psicólogos brasileiros começou a lidar nos últimos anos”(Bomfim,1994:222).

De maneira geral, pode-se dizer que o campo de atuação é novo no Brasil, mas as atividades desenvolvidas não são novas. São, na sua maioria, atividades comuns às diversas áreas da Psicologia, mas dirigidas a um novo público e a uma nova problemática: o atleta e o esporte.

A atividade esportiva, deixando de ser espontânea e amadora, torna-se, cada vez mais, orientada por diferentes profissionais (médicos, fisioterapeutas, preparadores físicos, etc.). Paralelamente, ocorre o processo de profissionalização do esportista, exigindo atenção especial no desenvolvimento de seu trabalho. Uma nova demanda é então constituída no sentido de ser uma boa orientação psicológica para a melhoria da performance.

Assim, o trabalho do psicólogo do esporte orienta-se para o alcance de um melhor desempenho, sendo, em vários aspectos, semelhante às demais atividades de psicólogos que lidam com a questão do trabalho. Trata-se de um profissional que busca valorizar ao máximo o potencial de seu cliente, ao mesmo tempo em que tenta minimizar ou neutralizar suas deficiências. Atua no sentido de melhorar o desempenho e otimizar as relações entre esportistas, técnicos e dirigentes.

“Trabalhar com realizações, decepções, minimizar efeitos negativos das torcidas, ressaltar aspectos positivos de uma liderança, delimitar os papéis dos elementos dos grupos para seus dirigentes, simplificar as cobranças dos pais, fãs e familiares dos atletas são atribuições que, aos poucos vêm sendo assumidas pelo psicólogo do esporte, de uma forma assumida pela Psicologia diante de um público específico em uma situação específica; o atleta ou o espectador e o momento esportivo” (Machado, 1997:10).

Com o objetivo de entender melhor as concepções que orientam a prática profissional, citaremos algumas definições da Psicologia do Esporte:

“É a ciência que estuda as contingências a que estão submetidos todos aqueles que se envolvem com o fenômeno esportivo, em quaisquer de suas variações: atletas e seus

pais, torcidas, dirigentes, imprensa, patrocinadores e toda sociedade flutuante da área, como é o caso dos praticantes de “jogging”, dos envolvidos em movimentos de recreação e lazer, em eventos tais como “Domingo no Parque”, “Ruas de Recreio”, “Passeio Ciclístico” e outros afins” (Machado,1997:17).

“A psicologia desportiva é uma área que procura aplicar os fatos e princípios do aprendizado, desempenho e comportamento humano associados a todo o setor desportivo” (Lawther,1973:1).

“Quanto à psicologia desportiva, poderíamos defini-la muito simplesmente como o estudo do comportamento humano em situação desportiva...” (Brito,1976:10).

“A psicologia do esporte investiga, como disciplina científica, as causas e os efeitos dos processos psíquicos que acontecem com o ser humano, antes, durante e depois de uma atividade esportiva ou de lazer” (Thomas,1980,apud Machado,1997:8).

“A Psicologia do Esporte, como área de estudo, envolve muitos indivíduos de antecedentes diversos, com um interesse em comum: conhecer mais sobre o atleta e o esporte” (Singer,1977:12).

“A Psicologia do Esporte se ocupa com a análise e a modificação de processos psíquicos e de ações esportivas” (Samulski,1995:12).

Essas definições apontam a existência de, pelo menos, duas atividades mais significativas da área: a pesquisa e a aplicação prática. Dentre as áreas de aplicação encontram-se: esporte de rendimento, esporte escolar, esporte recreativo e esporte de reabilitação (Samulski, 1995).

No esporte de rendimento (enfoque que está sendo abordado neste trabalho):

“... trata-se sobretudo da análise e da modificação dos fatores psíquicos determinantes do rendimento no esporte com o fim de melhorar o rendimento e otimizar o processo de regeneração. Se pesquisa em primeiro lugar os seguintes fatores: Esporte e personalidade, agressão no esporte, interação entre treinador e atleta, estresse psíquico na competição, treinamento psicológico (treinamento mental, de concentração, motivação e psicoregulação), assessoria psicológica para atletas e treinadores, diagnóstico psicológico do rendimento esportivo” (Samulski,1995:29).

Enquanto área de pesquisa, a Psicologia do Esporte pretende contribuir para a expansão nas áreas da saúde psicológica, melhoria da performance e da psicologia

social. Dados estudados e oferecidos por Alderman (1983), Bouet (1988), Samulski (1995), Brandão (1995), Machado (1997) e Rubio (1998) mostram que as áreas de interesse de estudo versam sobre:

- A importância psicológica dos processos emocionais;
- Relações entre desenvolvimento emocional e esportes;
- Interação psicossocial no esporte;
- Desenvolvimento da personalidade no esporte e a influência do esporte sobre a personalidade do indivíduo;
- Procedimentos diagnósticos para medir características psicológicas (diagnóstico, avaliação e previsão de rendimento dos atletas);
- Fatores que afetam o nível de desempenho (motivação, percepção, atenção);
- Personalidade de atletas e treinadores;
- Medo e violência no esporte;
- Problemas psicológicos da aprendizagem motora no esporte;
- Socialização pelo esporte;
- Estresse no esporte, especialmente em situações de competições e das que envolvem longos períodos de concentração;
- Influência do público (torcida, pais, familiares) no rendimento do atleta.

Em relação à atuação prática dos psicólogos, esta não se restringe ao atendimento terapêutico, atuando em vários níveis de intervenção, objetivando a melhoria do desempenho dos atletas. Conforme Braga Neto (1993):

“Expliquei várias vezes que atendia atletas com problemas emocionais, ou atletas que treinavam bem, mas competiam mal, porém, cuidava também da preparação psicológica de atletas que não tinham problema algum, mas que podiam melhorar seus desempenhos ainda mais, após um trabalho psicológico especializado” (Braga Neto, 1993: 4).

Esse atendimento com objetivo de melhoria no desempenho, é extensivo à família, aos técnicos, aos dirigentes e ao público, pelo reconhecimento da influência que exerce sobre o atleta.

Ao psicólogo do esporte, dentro de uma equipe esportiva cabe, entre outras funções: assessorar, informar, ensinar e ser agente de transformação. Em qualquer destas funções poderão beneficiar-se desde o atleta ao técnico, do dirigente à família, do torcedor até os profissionais da mídia.

“(...) a formação do profissional da Psicologia do Esporte exige uma grande abrangência, de forma a garantir uma boa cultura geral aliada aos conhecimentos específicos a que se está voltado. Muito mais do que conhecimentos fragmentados, cobra-se uma cultura alicerçada em elementos que contribuam para o entendimento do universo a que pertencem os componentes do espetáculo esportivo” (Machado, 1997:11).

Realçando a importância de oferecer um atendimento global ao atleta, Franco (1993) afirma:

“(...) os psicólogos que trabalham diretamente com os esportistas muito mais do que os aplicadores de teste ou diagnosticadores, devem ter a capacidade de trabalhar profundamente com os dados obtidos, com o emocional efetivamente, enfim, com o atleta por inteiro” (Franco, 1993:6).

Entre as principais atividades desempenhadas pelos profissionais da área podemos destacar: atividades individuais, em grupos, de treinamento e acompanhamento das competições, orientação de pais ou responsáveis, divulgação da profissão, assessoria, ensino e emissão de pareceres, trabalhos em escolas e programas de reabilitação física (Brandão, 1995).

Os atendimentos individuais caracterizam-se por atividades de orientação praticadas individualmente, através de entrevistas ou de atendimento terapêutico

(normalmente, quando há necessidade de um trabalho terapêutico, o atleta é encaminhado para profissionais da área clínica). Riera (1985) e Miracle (1992) enfatizam a importância do atendimento global ao atleta e o fato do atendimento do psicólogo do esporte incluir desde o atleta ao técnico, do dirigente à família, do torcedor até os profissionais da mídia. Ambos ressaltam que, quando houver necessidade de atendimento psicoterápico individual, o psicólogo do esporte deve encaminhar ao psicólogo clínico.

Não sendo muito comum a necessidade do psicodiagnóstico, alguns profissionais o empregam utilizando ora a aplicação de testes psicológicos, ora as medidas de percepção, vigilância, nível de ansiedade, de estresse, etc. Assim, há sempre atividades de orientação individual, desenvolvidas com cada atleta que é intensificado em época de competição, onde o nível de ansiedade é maior, requerendo nestas ocasiões, o aumento da utilização de técnicas de relaxamento e treinamento mental (Samulski, 1995).

Quando a modalidade esportiva exige o bom desempenho de uma equipe, é imprescindível a utilização de técnicas de dinâmica de grupo, técnicas sobre o conflito grupal, técnicas de lidar com a pressão da imprensa, com a torcida e com os dirigentes. Cooperação e competição, importância e troca de papéis, pressão grupal, adversidades, sucessos e derrotas são alguns dos temas frequentemente trabalhados nos grupos, com o objetivo de analisar as situações ocorridas e discutir formas de utilizar a experiência de tais dados em outras ocasiões futuras (Rubio, 1998).

Entre as diferentes abordagens de terapias de grupo, a mais citada é o psicodrama. Utilizado com muita frequência, o psicodrama tem possibilitado a discussão e avaliação dos papéis de cada um na equipe inclusive com a participação dos técnicos. Os trabalhos visam a coesão do grupo e o melhor rendimento do atleta.

As equipes de profissionais relacionados ao esporte (técnico, fisioterapia, preparador físico, médico, etc.) às vezes também são incluídas nos trabalhos (Machado, 1997).

“(...) as interações entre técnicos e atletas vão depender principalmente das necessidades e personalidade dos envolvidos; isto pode influenciar a performance do atleta, tanto negativa como positivamente, quando não existir correspondência com as necessidades requeridas ou sobrarem estímulos inadequados” (Machado, 1997:73).

Considerando-se a importância do vínculo familiar acrescido do poder e autoridade atribuídos aos pais, este poderá ser favorável ou prejudicial para o desempenho do atleta, considerando sua personalidade, experiência, idade e os valores sociais que ele tem diante de situações esportivas, bem como a natureza do evento e sua relevância são fatores que interferem na interação entre família e atleta (Machado, 1997). Para minimizar os efeitos negativos, poderão ser realizados trabalhos quer com grupos de familiares dos atletas, quer com famílias isoladas. Essas atividades envolvem orientações sobre o atleta, a modalidade esportiva, o envolvimento demandado e o investimento psicológico tanto do atleta quanto da família (Machado, 1997).

Para uma melhor orientação do trabalho a ser desenvolvido com os atletas, é vital o acompanhamento dos treinos e competições. Segundo Nitsch (1987:153) e Samulski (1988:36) distinguem-se as seguintes formas psicológicas de treinamento:

“- treinamento das capacidades psicológicas : desenvolver, estabilizar e aplicar as capacidades e habilidades psíquicas em diferentes situações, em forma variada e flexível.

- treinamento de auto-controle : o desportista deve aprender a se controlar (sem ajuda externa) nas situações extremas e difíceis de treinamento e de competição, a fim de evitar reações psicofísicas exageradas (por exemplo: ansiedade, raiva) e comportamento social inadequado(por exemplo, conduta agressiva)”(apud Samulski,1995:17).

A divulgação da profissão e dos trabalhos realizados pelo psicólogo do esporte tem ocorrido através de conferências, palestras, encontros com outros profissionais, ou

ainda via jornais, folhetos, etc. São frequentes os trabalhos de assessoria a escolas, clubes, atletas e treinadores.

“Na assessoria, a tônica da função será auxiliar o técnico ou dirigente esportivo a perceber, entender e avaliar os dados obtidos através de observações. Identificará problemas, recolherá dados e informará a quem de competência, propondo suas formas de abordagens e mudanças (...) Tarefa maior, na assessoria, é a de capacitar aos demais membros do “staff” a identificar essas variáveis e a adotar os procedimentos propostos. Enquanto assessor, acredita-se que o maior número de informações, mais conhecimentos sobre as técnicas esportivas, táticas e regulamentos contribuem para uma maior eficácia no desempenho da função” (Machado, 1997:11).

O quadro a seguir apresenta uma visão geral das principais atividades do psicólogo do esporte conforme Bomfim (1994:229):

Principais atividades	Descrição
Atividades de Pesquisa	Estudos de temáticas da área
Atividades Práticas	Atendimentos individuais Atendimentos em grupos Orientação de pais Treinamento e acompanhamento nas competições Assessoria/Divulgação Reabilitação física
Atividades de Ensino	1º, 2º e 3º graus

Assim, podemos perceber que a Psicologia do Esporte se constitui como uma vasta área tanto de atuação profissional como de produção de conhecimento.

3.2.3 Reflexões sobre a Formação do Psicólogo do Esporte

Refletir sobre a formação do psicólogo nos remete em primeiro lugar à análise da sociedade onde ele atuará. Nossa sociedade apresenta hoje algumas características que foram bem sintetizadas no seguinte texto de Buarque (1991):

“O Brasil mostra uma qualidade de vida pior à dos mais pobres países do mundo: violência sob todas as formas, mortalidade infantil, desnutrição, baixo nível de escolaridade, péssimas condições habitacionais, elevado grau de endividamento, aviltamento monetário, desarticulação social, corrupção, amplo processo de prostituição de todos os tipos, inclusive infantil, falta de solidariedade nacional, vandalismo, falta de confiança no futuro (...) A quase totalidade da população na miséria e uma minoria rica assustada. Uma sociedade violenta e instável em todos os aspectos. A pobreza não é um fenômeno novo. Mas agora ela é fabricada, como consequência das decisões de modernização. A crise urbana foi induzida pela ênfase na industrialização; a modernização agrícola agravou a fome; a desigualdade social deriva das decisões econômicas para viabilizar a modernização” (Buarque,1991:17).

Diante desse quadro de violência e de miséria, a esperança existe na medida em que a sociedade é contraditória, havendo sempre movimentos contra-hegemônicos, que permitem, apesar do instituído, que singularidades e espaços de autogestão coletiva se produzam no trabalho cotidiano do instituinte. Com toda a dificuldade de fruição da afetividade em todos os tipos de relação, as instituições esperam comportamentos que mantenham um equilíbrio e uma produtividade adequada à reprodução das relações sociais de produção.

“A sociedade tem demandado o psicólogo para atividades de ajustamento social, para aumento da eficiência dos indivíduos e do sistema. Surge daí, a preocupação com os instrumentos de medida que servirão para classificar, selecionar, reeducar e tratar. Ao responder a esse tipo de demanda, o psicólogo se compromete com a reprodução das relações instituídas e funciona como legitimador da desumanização do homem” (Castelo Branco, M.T.,1998. In: Psicologia: Ciência e Profissão, ano 18, n 3).

No caso específico do psicólogo do esporte, verifica-se a necessidade de uma “dupla” formação: de um lado, o domínio dos conhecimentos gerais (teorias, métodos e

técnicas da ciência psicológica) e ciências afins (Fisiologia, Sociologia, Filosofia, etc.); de outro lado, os conhecimentos para lidar com o contexto social onde ocorre a atividade esportiva, bem como os conhecimentos necessários referentes à(s) modalidade(s) esportiva(s) com que se trabalha.

“Até a presente data, os psicólogos do esporte existentes no país desenvolveram suas habilidades de duas formas:

- no exterior, através de cursos de pós-graduação;

- no país, como autodidatas ou participando de simpósios e conferências, tendo ou não realizado algum curso de atualização” (Bomfim,1994:231).

A questão da formação dos profissionais que trabalham em Psicologia do esporte no Brasil ainda não é formalmente determinada (não somente no Brasil, mas também nos países onde a Psicologia do Esporte existe desde o início deste século); não existe a disciplina Psicologia do Esporte nas Faculdades de Psicologia; a disciplina é oferecida na graduação dos alunos de Educação Física. Desse modo não estão claros: o delineamento do que faz um profissional da Psicologia do Esporte, e que formação ele necessita (capacitação requerida para atuar em cada campo).

“O que está claro é que a formação exige uma grande abrangência, de forma a garantir uma boa cultura geral aliada aos conhecimentos específicos a que se está voltado. Muito mais do que conhecimentos fragmentados, cobra-se uma cultura alicerçada em elementos que contribuam para o entendimento do universo a que pertencem os componentes do espetáculo esportivo” (Machado,1997:11).

Diante da falta de clareza no que diz respeito à formação do psicólogo do esporte, o objetivo desse trabalho será verificar entre os psicólogos atuantes em equipes esportivas do Estado de São Paulo, quais os fundamentos que estão dando sustentação à suas atuações práticas.



BLAKE, WILLIAM (1757-1827)
"O Papa simoniaco (Dante: A Divina Comédia, Inferno, Canto 19)"

4 METODOLOGIA

4.1 Método

O método científico é um padrão de acordo com o qual se compõe aquele discurso que denominamos ciência: corpo de conhecimento aceito, codificado, coeso. Mas não é um padrão para realizar descobertas, nem regra geral para elaborar teorias. Tampouco é norma que torne o discurso científico único e estático - esse discurso se altera com a variação dos métodos, do objeto e dos propósitos da pesquisa (Trinca, 1984).

A Psicologia, como ciência, originalmente adotou o método das ciências naturais, que envolve observação, formulação de hipóteses, construção de uma teoria que conduza a leis gerais. Isso ocorreu sob a influência do pensamento positivista, onde à realidade social são atribuídas as mesmas características dos fenômenos naturais, o que pressupõe que o observador pode manter um caráter asséptico em relação ao fenômeno observado, que o observador é desprovido de qualquer bagagem de pensamento ou sentimento em relação ao fenômeno antes e durante o ato de observar e, que o observador pode ser neutro e não influente no fenômeno observado (Thiollent, 1985).

Esse tipo de compreensão da relação sujeito-objeto tem sido contestada por alguns autores, entre eles Alves (1989:36):

“(...) basta reconhecer que, empiricamente o tal sujeito portador de uma subjetividade livre de valores nunca foi encontrado por razões óbvias. Pensar a vida divorciada de elementos libidinais é uma impossibilidade, pois a vida é preconceitualmente seletiva e embaraçosamente parcial em suas estruturações”.

O ato de observar, que envolve a percepção do observador, está proximamente intrincado com a rede de investimento pulsional⁹, o que já indica o alto grau de envolvimento do observador no ato da observação:

“(...) a percepção não é um processo puramente passivo. O ego envia periodicamente pequenas quantidades de catexia para o sistema perceptual, mediante as quais classifica os estímulos externos e então, depois de cada um desses avanços experimentais, se recolhe novamente” (Freud,1925:299).

A partir do momento em que a Psicologia reconhece que os processos mentais são muito mais complexos, passa a questionar a hegemonia das pesquisas positivas e a realizar pesquisas no intuito de mostrar essa complexidade e as contradições dos fenômenos singulares, assim como a imprevisibilidade e a originalidade criadora das relações interpessoais e sociais. Essas novas pesquisas passaram a enfatizar os fatos representativos e a priorizar os aspectos qualitativos dos fenômenos humanos, demonstrando, dessa maneira, a complexidade da vida humana e evidenciando significados até então ignorados da vida social. A ênfase é deslocada da verificação das regularidades dos fenômenos para a análise da multiplicidade e variabilidade de significados que os indivíduos dão às suas ações, considerando-se o contexto sócio-cultural em que estas se dão.

“A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações” (Chizzotti,1991:79).

Os fenômenos humanos não são em essência científicos, dentro do paradigma

⁹ Investimento pulsional: investimento das forças que supomos existirem por trás das tensões geradoras de necessidades do id. O sujeito tem à sua disposição uma determinada quantidade de energia, que repartiria de forma variável na sua relação com os seus objetos e consigo mesmo. Em termos fenomenológicos, a idéia de intencionalidade.

das ciências físicas e naturais. Não são diretamente observáveis e a compilação e análise, colocam pesquisador e o objeto da pesquisa em interação.

O método que está sendo aqui utilizado refere-se à pesquisa qualitativa exploratória e descritiva (Muchielli,1991), com vistas à avaliação interpretativa dos dados coletados nos artigos. Nesse método, permite-se a utilização de pequenas amostras e até mesmo de um único sujeito com o intuito de se obter conhecimento.

A este tipo de estudo, embora de caráter bibliográfico, pode-se aplicar o termo estudo de caso (ou tipologia qualitativa), cuja concepção é de que um caso pode ser paradigmático e, portanto, pode-se expandir para casos semelhantes os resultados encontrados para o caso paradigmático. Prioriza a subjetividade do pesquisador, bem como o universo de emoções presentes entre ele e as pessoas estudadas. Nesse sentido rompe com o modelo da ciência positivista, sujeito-objeto, e faz emergir um outro modelo, o da relação sujeito-sujeito, na qual o pesquisador é sujeito do conhecimento sobre a prática de um outro também sujeito gerador de conhecimento.

Este método se caracteriza pela busca de conhecimento de um problema já circunscrito, não da verificação de uma hipótese previamente estabelecida.

Assim, menos do que estabelecer um método de leitura ou para um estudo de caso com as especificidades anteriormente citadas, o que se procurou aqui foi sistematizar um conjunto de conhecimentos sobre a prática do psicólogo no âmbito esportivo. Esta sistematização envolveu desde a revisão ou releitura da história da psicologia, do ponto de vista de suas matrizes filosóficas até a formulação de uma interpretação da prática do psicólogo no esporte. A vinculação entre as matrizes filosóficas e a interpretação da descrição de uma prática deve-se ao fato de que, por razões de acontecimentos muito recentes neste campo, tentou-se explicitar o que

entendemos por terapias esportivas com base no conhecimento de uma ciência (nos moldes da concepção filosófica de ciência) e aquelas com base no ecletismo das tendências de práticas disponíveis no “mercado” da auto-ajuda.

Considerando a diversidade das perspectivas teóricas na Psicologia, não nos ocupamos em apontar a tendência teórica que o psicólogo utiliza na sua prática; detivemo-nos em focalizar os fundamentos que sustentam sua intervenção prática no esporte de rendimento, tal como ele a expõe à medida que tece considerações acerca de seu trabalho. Os dados sobre a natureza e os fundamentos da prática do psicólogo na área esportiva, foram obtidos do livro *Psicologia do Esporte: interfaces, pesquisa e intervenção*.

4.2 Sobre os dados

O livro *Psicologia do Esporte: interfaces, pesquisa e intervenção* foi organizado por Kátia Rubio e editado pela Casa do Psicólogo, em 2000, como resultado do empenho de um grupo de profissionais integrantes da Comissão de Esportes do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. O principal objetivo na organização da coletânea, composta de 11 artigos, foi apresentar a atuação - em diferentes abordagens teóricas, campos de atuação, procedimentos e intervenções - da Psicologia do e no esporte no nosso país.

Considerando o tema do nosso trabalho - as possibilidades de atuação e intervenção do psicólogo no esporte de alto rendimento - os dados aqui discutidos referem-se a 7 artigos do total de 11 artigos, sendo 6 de autoria de psicólogos, todos atuando na área do esporte, e 1 de autoria de um profissional da Educação Física, doutor em Psicologia Social. Os demais artigos (4) não foram incluídos por não tratarem de questões específicas relativas ao esporte de alto rendimento.

Mais especificamente utilizamos os seguintes critérios para escolha dos artigos:

- autores psicólogos e profissionais que trabalham na psicologia do esporte há mais de um ano com equipes esportivas no Estado de São Paulo, que tenham desenvolvido algum projeto e acompanhado o desenvolvimento de uma equipe esportiva;
- autores que trabalharam em clubes reconhecidos pelas federações estaduais em suas modalidades esportivas.

As informações obtidas nos artigos citados balizaram nossa reflexão sobre a profissão do psicólogo, sua função social, e a sua forma de atuação e intervenção no campo esportivo. Segue abaixo grade com os artigos utilizados na nossa análise, com indicação dos títulos e respectivos autores:

AUTORES	TÍTULOS
I- De Rose Junior, Dante	<i>O esporte e a psicologia: o enfoque do profissional do esporte</i>
II- Franco, Gisela Sartori	<i>Quando o esporte encontra o psicodrama</i>
III- Angelo, Luciana Ferreira	<i>Psicanálise e Psicologia do Esporte: é possível tal combinação?</i>
IV- Matarazzo, Fabíola	<i>A tipologia junguiana e sua utilização no esporte</i>
V- Cillo, Eduardo Neves P.	<i>Análise do comportamento aplicada ao esporte e à atividade física: a contribuição do behaviorismo radical</i>
VI- Martini, Luís de Andrade	<i>Fundamentos da preparação psicológica do esportista</i>
VII- Figueiredo, Sâmia Hallage	<i>Variáveis que interferem no desempenho do atleta de alto rendimento</i>

Estabelecemos como principais questões que nortearam e foram objeto de reflexão desse trabalho:

- a) Quais os fundamentos que orientam a atuação profissional dos psicólogos do/no esporte?
- b) Como é a atuação do psicólogo na equipe esportiva?

Tais questões nos auxiliaram a levantar os aspectos (categorias) para discutir e analisar os dados circunscritos no nosso objeto de estudo presentes nos artigos.

4.3 Levantamento de categorias

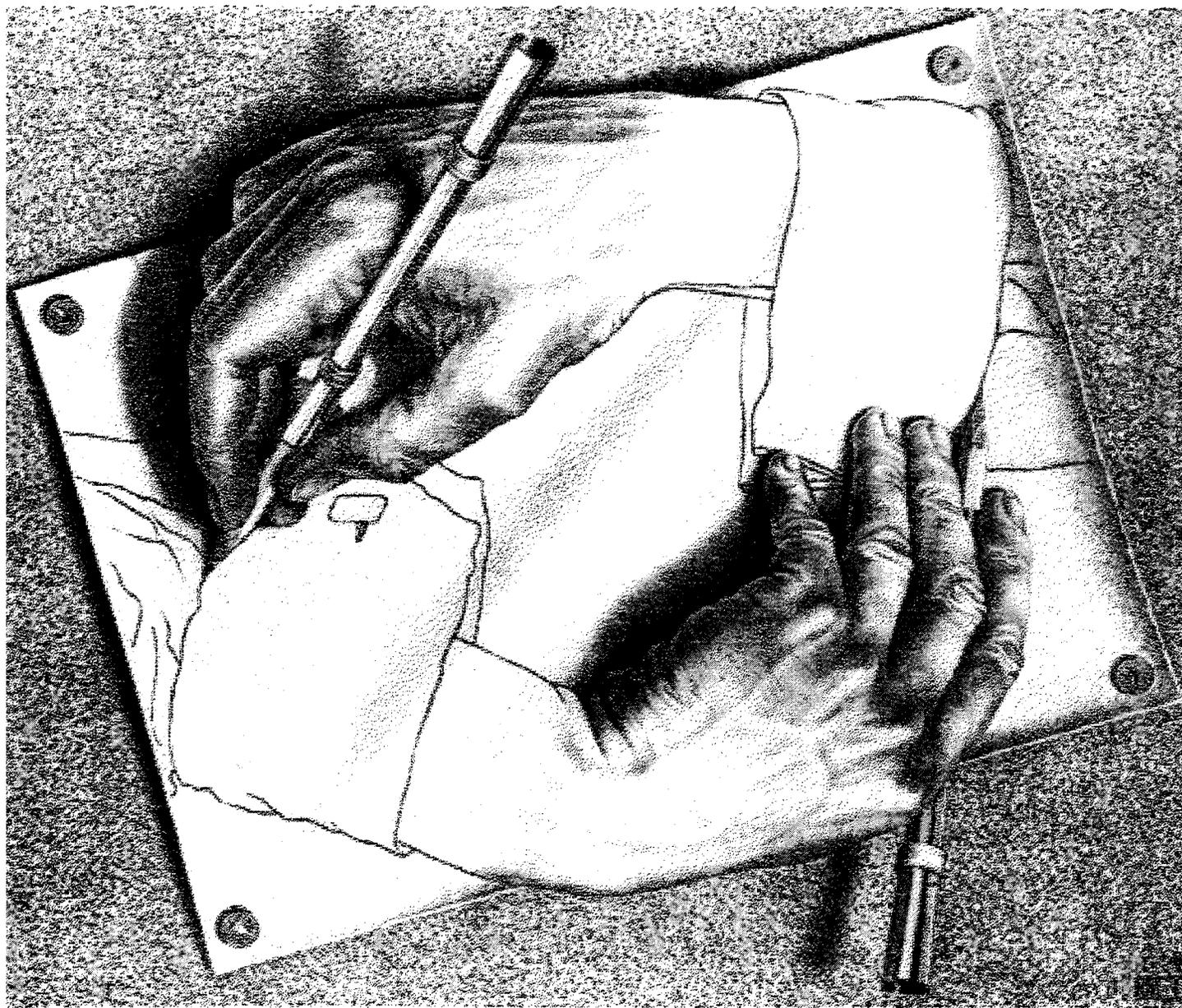
A leitura dos artigos, tendo como referência as questões anteriormente descritas, levou-nos à um conjunto de categorias e sub-categorias, segundo atributos presentes nas concepções dos autores em relação à Psicologia do Esporte, ao psicólogo do esporte, enquanto sujeito da ação profissional, às atividades profissionais específicas, às diferentes formas de intervenção e objetivos da ação profissional.

Apresentamos no quadro a seguir, o levantamento de categorias que encontramos e sistematizamos para organizar a análise dos dados obtidos dos textos trabalhados e cujas discussões e análises serão tratadas no próximo capítulo.

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1-Ausência de formação específica em psicologia do esporte no Brasil	<ul style="list-style-type: none"> •o profissional tem que estar familiarizado com o mundo do esporte
2-O trabalho do psicólogo no mundo do esporte	<ul style="list-style-type: none"> •preparação psicológica envolvendo participação ativa do atleta e comissão técnica •desenvolvimento de programas em conjunto com a comissão técnica •definição do papel do psicólogo na estrutura da equipe
3- Estratégias de intervenção do psicólogo no mundo do esporte	<ul style="list-style-type: none"> •definição, discussão e avaliação de papéis na equipe •conhecimento, orientação e aproveitamento das capacidades e potenciais individuais e grupais •estimular a competição positiva no grupo •promoção da coesão grupal
4-Conhecimento do mundo do atleta: influências internas e externas	<ul style="list-style-type: none"> •conhecimento das características da personalidade do atleta •conhecimento dos estados psíquicos do atleta e dinâmicas envolvidas

Dos artigos, foram retiradas essas quatro categorias. Uma quinta, é resultante da análise das quatro, a qual denominei: **O fascínio do/no mundo do esporte: uma preocupação-** onde trabalhei com o conceito de ideal. Esta quinta categoria resume os

aspectos psicológicos não tratados nos textos analisados e aponta para as questões vivenciadas pelos atletas a partir de expectativas veiculadas à imagem do atleta (imaginário social e o atleta como modelo idealizado, vencedor super-herói). De outro lado, como este imaginário nasce da relação entre as expectativas do público e o desempenho de atletas, para o público, a expectativa frustrada do desempenho do herói (modelo idealizado) gera igualmente pressões que se manifestam como violência, tanto a nível individual como coletivo.



FWOW

ESCHER, M. C. (1898-1972)
(1948) *"Mãos Desenhando"*
Litogravura, 28,2x33,3 cm

5 ANÁLISE DOS DADOS

A análise apresentada a seguir teve como ponto de partida as categorias levantadas na leitura dos artigos, já descritas anteriormente.

5.1 Ausência de formação específica em psicologia do esporte no Brasil

No Brasil não há formação específica em Psicologia do Esporte. Os autores sugerem a necessidade de formação específica e de contato desse profissional com o mundo do esporte. Os cursos de Psicologia não oferecem em sua grade curricular, a disciplina Psicologia do Esporte, sendo oferecido, atualmente, em algumas faculdades de Psicologia, apenas como disciplina optativa (De Rose Júnior, 2000; Martini, 2000, Rubio, 2000).

Diante da demanda crescente do mercado, os psicólogos encontram dificuldades significativas para intervir adequadamente, por não terem, durante a formação, informações sobre a possibilidade de atuação prática na área esportiva.

Os autores mencionam que muitos problemas são decorrentes da ausência de formação específica, como por exemplo, a resistência por parte dos técnicos e atletas em aceitar o psicólogo como componente da equipe esportiva.

“Não possuindo essa complementação em sua formação, o psicólogo não acostumado ao esporte encontra uma grande resistência por parte dos técnicos e atletas, por não falar e não entender a linguagem cotidiana das quadras, dos campos, das pistas e das piscinas” (De Rose Júnior, 2000:34).

Há preocupação dos autores com a fundamentação teórica e o estabelecimento de parâmetros bem definidos no exercício de suas práticas.

“É óbvio que nesse contexto ocorrem os exageros e se extrapolam as funções, criando-se um conflito de competência, que os profissionais da educação física e do esporte acostumaram-se a enfrentar, pois em nosso país qualquer pessoa (formada ou não) julgava-se e ainda se julga capaz de atuar como técnico em equipes, prescrever exercícios e elaborar metodologias para atividades, entre outras coisas” (De Rose Junior, 2000:36).

Estando a Psicologia do Esporte na interface entre o Esporte e a Psicologia, é necessário delimitar as funções do psicólogo e as funções dos demais profissionais que trabalham com esporte.

Entre as funções do psicólogo são ressaltadas: a atuação com os atletas e comissão técnica, o desenvolvimento de técnicas para se lidar com estresse, a promoção de reuniões para discussão de problemas grupais ou sessões individualizadas. Os autores enfatizam a necessidade do conhecimento específico de questões relacionadas com o universo do atleta, das especificidades das diversas modalidades esportivas e da dinâmica de grupos esportivos.

“O psicólogo deve procurar conhecer a linguagem do esporte e entender o atleta não como um paciente de consultório, mas como alguém que vive sob constantes pressões e tem no seu local de treino e/ou competição o ambiente ideal para o desenvolvimento de estudos e investigações” (De Rose Junior, 2000:38).

A formação do psicólogo direcionada para a área esportiva facilita o contato, a interação e a interlocução com o treinador e demais membros da equipe.

Além disso, a formação profissional específica está imbricada em outro aspecto por nós levantado: a peculiaridade do mundo dos esportes. Isto significa que o psicólogo deve saber trilhar o território, a “realidade” do mundo esportivo.

5.2 O trabalho do psicólogo no mundo do esporte

Os autores que abordaram o tema da formação profissional apontaram a falta de formação específica para o psicólogo no Esporte. Além disso, advertiram para a compreensão do mundo esportivo como uma realidade à parte, da qual a formação usual do psicólogo não toma conhecimento. Esta realidade implica em estratégias de trabalho próprias que abordaremos a seguir. Há, entretanto, indicações de funções imaginárias - estas não foram explicitadas em suas particularidades - na esfera do esporte que também concernem ao trabalho do psicólogo. Em virtude da ausência de evidências indicativas -referimo-nos aos sete artigos dos quais obtivemos os dados trabalhados - concernentes à “realidade” peculiar ao esporte, utilizamos também referências bibliográficas outras que nos permitiram fundamentar esse aspecto. Deixaremos esta discussão para o final deste capítulo e trataremos em seguida das estratégias utilizadas na prática pelo psicólogo do esporte, assunto que está vinculado também ao aspecto já apontado: as peculiaridades do trabalho do psicólogo no mundo dos esportes.

O trabalho do psicólogo no esporte concerne igualmente à formação do profissional, principalmente na perspectiva de uma formação continuada. Pensamos que, embora a graduação do psicólogo mais voltada à área clínica, permita fundamentar o conhecimento teórico para compreensão do humano no fenômeno esportivo, concordamos com De Rose Junior (2000:34) que não se deve realizar a transposição da “realidade” do paciente na clínica para a “realidade” do atleta no mundo esportivo – “(...) *o atleta não pode e não deve ser tratado como um paciente de consultório*”.

O psicólogo do esporte se encontra em uma posição fronteira, na interface entre a Psicologia e o Esporte. Daí a importância da inserção do psicólogo na realidade do mundo do esporte. Na realidade do Esporte, este deve ser entendido em sua

totalidade cultural, os significados sendo apreendidos em sua particularidade e totalidade.

“Além do conhecimento específico acumulado no curso de psicologia, como modelos de intervenção e uso de medidas de avaliação para diagnóstico, ele necessita de um vasto conhecimento das questões relacionadas com o universo do atleta, como noções de biomecânica e anatomofisiologia e as especificidades das várias modalidades esportivas, bem como a dinâmica de grupos esportivos, A necessidade de todo esse conhecimento justifica-se pelas condições particulares em que vivem e atuam indivíduos e equipes que têm sua vida limitada pelo contexto vivido, ou seja, treinamentos, competições e seleções, e a interação com um meio restritivo com períodos de isolamento e concentração” (Rubio, 2000:26).

Segundo os autores estudados, uma das tarefas do psicólogo do esporte de alto rendimento constitui na preparação do atleta para enfrentar as diferentes solicitações de uma competição, embora não possa ser reduzido apenas a este objetivo. Há consenso entre os autores, em afirmar que a preparação psicológica deveria acompanhar continuamente o treinamento anual do atleta, semelhante ao trabalho de preparação física, técnica e tática.

“A preparação psicológica é um processo objetivo que se promove em determinado grau na prática esportiva. Ela não deve ser feita de modo acidental ou fortuito e sim por meio de intervenções sistemáticas, realizadas dentro de uma programação que acompanhe e considere a sucessão de acontecimentos esportivos” (Martini, 2000:103).

É de fundamental importância que se defina claramente a contribuição que cada especialização pode dar no contexto de um trabalho coletivo, dentro de estruturas organizacionais complexas com grande número de pessoas e profissionais, uma vez que valores, princípios, diretrizes, ou pressupostos trazidos pelos profissionais especialistas para o âmbito da organização não deverão comprometer o esforço conjunto e integrado na direção de metas bem-definidas.

Os psicólogos (Figueiredo, Franco, Martini, Matarazzo) que explicitaram seus procedimentos na prática convergem quanto à importância da participação ativa do

atleta e comissão técnica (programas de treinamento) no processo de preparação psicológica.

Lobo (1973) já alertava para esse fato, pois afirmava que antes de se preparar o atleta, deve-se preparar o dirigente que vai lidar com ele.

“O individualismo do dirigente precisa ser substituído pelo princípio da integração e isto advém da necessidade que o atleta, que é um subalterno, sente em encontrar no seu comando atitudes sólidas e perfeito apoio. E isto não destrói a disciplina que o grupo precisa manter. Esta segurança gera o equilíbrio emocional e é básica para a obtenção de bons resultados. A hierarquia que faz respeitada se os dirigentes dispõem de estofos morais para transmitir. A colaboração é o resultado de trocas mútuas entre dirigentes e dirigidos” (Lobo, 1973:196).

O psicólogo do esporte deve atuar sempre em conjunto com a comissão técnica, nunca perdendo de vista os objetivos traçados por ela, deve lembrar sempre que nessa estrutura o técnico é o ponto central e é quem toma as decisões sobre o aproveitamento ou não de determinado atleta (De Rose Junior, 2000: 35).

“O psicólogo do esporte tem muitas tarefas a cumprir, que basicamente comportam o tratamento, o assessoramento e as questões educacionais e preventivas da comunidade esportiva. Principalmente, no que tange ao atleta, este deve ser preparado psicologicamente nos seus diversos níveis de operação psicológica, que compreendem o nível personológico, social e psicofisiológico” (Martini, 2000:110).

Os autores convergem quanto ao papel do psicólogo do esporte, explicitado por Samulski (1995), que compreende: descrição, explicação, diagnóstico e o prognóstico de comportamentos com o fim de aplicar e desenvolver programas de intervenção, buscando o melhor rendimento dos atletas e respeitando os princípios éticos.

Martini (2000) reforça a opinião de que a preparação psicológica deveria acompanhar o ciclo de treinamento anual do atleta, que envolve fases distintas: preparação psicológica geral, pré-competitiva, especial e de trânsito. Para cada uma

dessas fases, precisam ser estabelecidos os objetivos específicos, os conteúdos psicológicos, as tarefas do especialista em psicologia do esporte, os meios e procedimentos, métodos de treinamento, e os métodos de intervenção psicológica.

“A preparação psicológica é um processo objetivo que se promove em determinado grau na prática esportiva. Ela não deve ser feita de modo acidental ou fortuito e sim por meio de intervenções sistemáticas, realizadas dentro de uma programação que acompanhe e considere a sucessão de acontecimentos esportivos” (Martini, 2000:103).

Bouet (1988) afirma que uma preparação psicológica bem programada e bem administrada nas atividades conseguirá trabalhar o nível motivacional, a aquisição de maior confiança, o equilíbrio emocional, fazendo com que o indivíduo transponha as barreiras do desempenho como: adversários, preparação física, integração com o grupo e personalidade.

Segundo Howe (1986) a preparação psicológica deveria equiparar-se com o cuidado e o tempo gastos com a preparação física.

“A dificuldade de aceitação por parte de alguns técnicos em relação ao trabalho de preparação psicológica pode estar ligada às experiências de fracasso no emprego de algumas técnicas psicológicas realizadas pelos próprios técnicos ou por profissionais mal preparados, ou porque alguns técnicos não sabem como implementá-lo e acham que devem dar conta de todos os problemas do time e dos atletas, não aceitando a colaboração de outros profissionais e também por uma falta de investimento pessoal ou de tempo maior na execução destas. A visão simplista e irreal da aplicação das técnicas psicológicas gera expectativas altas demais em relação a pequenas intervenções técnicas” (Martini, 2000:110).

Cabe aqui uma reflexão acerca da origem dessa visão simplista e irreal salientada por Martini (2000). Ela está diretamente vinculada tanto à formação - na perspectiva do psicólogo -, quanto à especificidade da sua atuação.

Vamos pensar na imagem social do psicólogo como mágico, imediatista, o solucionador de problemas, aquele que vai atuar quando da iminência de um problema

ou quando o problema já ocorreu, enfatizando exclusivamente o caráter remediativo da profissão/atuação, esquecendo-se do potencial de caráter preventivo de seu trabalho.

Considerando a formação do psicólogo, os conhecimentos nela adquiridos para a compreensão do comportamento humano, tanto “normal”, quanto “anormal”, utilizando o estudo da psicopatologia para auxiliar na compreensão dos fenômenos, possibilitou a geração de uma imagem social desse profissional e - por que não dizer, a imagem pessoal de alguns profissionais psicólogos -, de um solucionador de problemas psíquicos. É esquecido, muitas vezes, que o estudo da psicopatologia foi útil e ainda é, para nos esclarecer que as fronteiras entre o normal e o patológico não são estáveis e definitivas. A psicopatologia na verdade nos auxilia compreendermos a fragilidade do ser humano, nosso desamparo diante da força da natureza, e nos permite compreender a origem multicausal dos problemas, possibilitando, dessa forma, buscarmos uma atuação e uma intervenção, a fim de evitarmos, justamente, futuros problemas.

Assim, a imagem social de caráter remediativo está ligada ao modelo da clínica médica, o que se deve ao fato de, nos primeiros anos de existência enquanto profissão (a partir de 1962), a Psicologia foi erigida como um campo de conhecimento apoiado na perspectiva da Medicina clínica articulada aos “saberes leigos” sobre as “faculdades mentais”. Embora desde o início do século passado, as práticas psicológicas serem exercidas no país, inclusive o ensino de “psychologia” (Massimi (1990); Penna (1992), apud Mancebo, 1997), os cursos eram ministrados no âmbito de diversas áreas do conhecimento: Teologia, Direito, Medicina, Pedagogia e Filosofia e era com este perfil fragmentado e “adaptado” a outros saberes, que ocorria o repasse e construção do pensamento psicológico entre nós (Mancebo, 1997).

A delimitação legal deste novo campo do saber foi marcada por lutas corporativas quanto à ocupação de espaços institucionais e de mercado de trabalho, não

tendo propriamente operado cortes no sentido da construção de um novo saber. A manutenção das tradições anteriores na formação do psicólogo tem modelado um tipo de exercício profissional cuja abrangência social é restrita, pelo fato de recaírem no modelo hegemônico (clínico-individual), dificultando a possibilidade de diversificação do exercício da Psicologia (Francisco & Bastos, 1992, apud Mancebo, 1997).

Observamos que, atualmente, o campo de atuação do psicólogo não está bem definido, devido, em parte, a essa complexidade epistemológica que diversificou e amplificou os campos de atuação do profissional da Psicologia.

“O que se observa em nível de desenvolvimento de idéias psicológicas é uma ampliação das concepções teórico-práticas, no sentido de encarar a Psicologia como uma subjetividade inter-relacionada, ou como assinala a filosofia fenomenológica, como uma intersubjetividade, o que implica na inserção do indivíduo na sociedade e nas relações culturais, como agente e promotor de mudanças” (Holanda, 1997:4).

Toda essa ampliação do campo de atuação parece ainda não ter sido suficiente para modificar a imagem da profissão. Pesquisando alunos ingressantes no Curso de psicologia, verificamos que a imagem que os alunos possuem parecem estar, sobretudo, centralizadas no “desejo de conhecer a si mesmo e aos outros”; a busca dos estudantes iniciantes na Psicologia é a resolução de seus próprios problemas (Mello, 1978). À medida que os estudos vão avançando, ocorre uma certa desmistificação da Psicologia e os alunos passam a vê-la mais no seu aspecto intelectual e revêem suas aspirações, sem, contudo, muitas vezes, conseguir definir as funções do profissional, encontrando, os alunos do 5^o ano, por exemplo, muitas dificuldades para precisar o que vem a ser o trabalho do psicólogo, uma vez que lhe falta uma consciência ampla das funções dos profissionais.

A hipótese levantada por Mello (1978) é de que o Curso de Psicologia desmistifica apenas superficialmente a imagem que o aluno tem do profissional, uma

vez que não substitui uma imagem específica por outra, racional e científica, apresentando novos modelos de atuação para o psicólogo.

Diante desse quadro, parece justificável a centralização das preferências dos alunos pela Psicologia Clínica. É a Psicologia Clínica que transmite a imagem das atividades profissionais que podem ser exercidas de forma autônoma, pela similaridade que sua imagem evoca com a figura e as atividades do médico, padrão de profissional liberal bem sucedido (Mello, 1978; 1989;1996)).

Como podemos observar, a promoção de uma tal imagem não favorece nem ao psicólogo, nem à própria Psicologia.

“A Psicologia não é um ramo da medicina e o psicólogo não é um médico. É à ciência psicológica que o psicólogo deve os conhecimentos e as técnicas que utiliza em seu trabalho e, portanto, a imagem que ele deve promover, é a do psicólogo, isto é, a do profissional que está empenhado na solução de problemas afetos ao comportamento humano, onde quer que esse comportamento ocorra, e não de um profissional empenhado na cura de doenças” (Mello, 1978:146-7).

O que estamos ressaltando nessa imagem social do psicólogo como um profissional liberal, semelhante ao médico, é que todas as outras modalidades de aplicação da Psicologia, que não a clínica particular, acabam sendo desvalorizadas. Isso reduz as possibilidades de extensão dos serviços psicológicos a uma parcela significativa da população.

A orientação unidimensional da Psicologia Aplicada e sua vinculação à imagem profissional do médico reduzem a Psicologia a uma atividade de luxo, extremamente limitada em sua abrangência social, além do fato de quando a Psicologia é aplicada às outras áreas, a expectativa parece ser sempre a de “cura” (Carvalho, 1982; Mello, 1978; 1989; 1996).

As imagens da Psicologia e do psicólogo mais comumente divulgadas pelos meios de comunicação de massa, pelo cinema, pelas revistas e pela televisão reproduzem a imagem mistificada da ciência e da profissão.

“As imagens apresentadas reduzem todos os aspectos técnicos ou científicos à banalidade. Ao excluírem a especificidade da formação técnica do psicólogo, e ao tornarem insignificante o papel da ciência, mistificam (quando não ridicularizam) o trabalho do profissional, reduzindo-o ao nível da magia ou do mistério” (Mello, 1978:142).

Como podemos perceber, a criação e manutenção de uma imagem da Psicologia, e dos serviços que ela pode prestar ao público, depende fundamentalmente do profissional psicólogo, está diretamente relacionada às atividades dos profissionais; o significado social da profissão, e dos serviços devem ser e se apresentar como sendo, qualitativamente diversos das práticas pré-científicas. De acordo com Mello:

“O problema da imagem de uma Psicologia socialmente atuante prende-se, porém, a dois outros: em primeiro lugar, é necessário que o psicólogo possua uma imagem adequada das funções sociais da profissão; em segundo lugar, é necessário que os seus serviços possam ser dispensados a uma faixa tão ampla quanto possível da população, ou, em outras palavras, que o seu conhecimento e suas técnicas possam ser utilizados na solução de uma grande variedade de problemas, que afetam a um grande número de pessoas, em situações muito variadas” (Mello, 1978:143).

Assim, será que foi essa imagem de “curador de almas”, mágico, solucionador de problemas, que o esporte captou? Essa imagem social de caráter remediativo não exclui outras formas de atuação. O psicólogo é, antes de tudo, educador, função que ainda não é compreendida, nem aceita pela sociedade, nem mesmo por alguns psicólogos.

Na perspectiva do psicólogo no campo do esporte, sua atuação deve estar mais direcionada para o resgate da dimensão humana no atleta, do seu bem-estar, e menos

na perpetuação da imagem de super-homem geralmente associada ao atleta¹⁰. Ao psicólogo deve ser vetada essa distorção, a de tomar o atleta pela sua imagem social, pois dessa maneira estará cobrando o tempo todo a emergência da figura e desempenho de um super-homem. Não devemos esquecer que a imagem pode tanto escravizar quanto hominizar o que é humano, e, o atleta, antes, durante e depois de atleta, é humano. Talvez o olhar do psicólogo possa voltar-se para o humano nesse atleta (ajudando-o a tomar consciência de suas possibilidades e limites)- onde a maioria só consegue enxergar o super-homem, o psicólogo vê o homem.

Enquanto educador, o psicólogo participa do processo como um todo, colaborando com o que especificamente faz parte da área de conhecimento da Psicologia. O psicólogo é mais um dos profissionais envolvidos no processo de preparação geral dos atletas, e, como tal, colabora para que esse processo possa atingir os objetivos estabelecidos. Nessa medida, os conhecimentos da Psicologia sobre o desenvolvimento humano, sobre os processos de aprendizagem, sobre as relações humanas, são colocados em prática para possibilitar, junto com outros conhecimentos, de outros profissionais, que a preparação psicológica ocorra da melhor forma possível, entendendo que a preparação psicológica é uma parte integrante da preparação geral do atleta.

Diferentemente da postura clínica, a postura que estamos designando aqui, de educador frente ao processo de preparação de atletas, implica o trabalho do psicólogo sempre em equipes multiprofissionais e o envolvimento direto com o processo, sendo o psicólogo figura importante no estabelecimento das condições necessárias para a eficácia da preparação psicológica do melhor desempenho do atleta.

“A importância da preparação psicológica está em acelerar processos naturais de desenvolvimento das qualidades psíquicas e propriedades da personalidade mais

¹⁰ A questão do imaginário social que cria uma “aura” entorno do atleta colocando-o como uma figura de capacidades extras, superestimadas- super-homem- será tratada no capítulo 6.

relevantes ao sportista (...) Ela contribui para desenvolver a tendência a auto-educação da vontade e do auto-aperfeiçoamento ativo do sportista” (Judadov,1974, apud Martini, 2000:103).

Desse modo, o psicólogo participa do estabelecimento dos objetivos da equipe, das estratégias a serem utilizadas, do treinamento com o técnico da equipe, podendo oferecer informações básicas. Estamos adentrando o terceiro aspecto levantado no conteúdo dos artigos estudados: as estratégias de intervenção do psicólogo no mundo do esporte.

5.3 Estratégias de intervenção do psicólogo no mundo do esporte

Todos os autores estudados indicam que a participação do psicólogo numa equipe esportiva deve oferecer subsídios relativos aos aspectos do comportamento envolvidos na dinâmica esportiva, orientar o técnico na criação de situações mais adequadas de treinamento, alterando, por exemplo, técnicas de coerção e introduzindo no programa de treinamento técnicas de manejo do estresse, exercícios de visualização de situações e condições almejadas, o desenvolvimento de auto-confiança-habilidades psicológicas estas consideradas importantes pelos atletas de elite, treinadores de atletas de elite, administradores e treinadores de esporte para jovens e especialistas da Psicologia do Esporte.

Os participantes da pesquisa sustentam o caráter preventivo da atuação do psicólogo e a necessidade de utilizar estratégias de intervenção tanto individuais quanto grupais, e enfatizam a relevância da coesão do grupo, já evidenciada na revisão da literatura referente ao tema.

Observamos, contudo, na leitura de alguns dos textos (e isto em virtude do tema abordado, que não trata especificamente da questão) a ausência de explicitação de formas específicas de intervenção. Apenas 50% dos autores explicitam seus procedimentos de intervenção, enquanto os demais focalizam a fundamentação teórica que suporta suas práticas. Com a preocupação de fundamentar seus trabalhos, os autores fazem breves descrições de diferentes teorias da personalidade e a possibilidade de sua utilização na psicologia do esporte; diferentes modalidades teóricas são utilizadas na descrição dos trabalhos de intervenção prática.

Dentre os referenciais que podem estar dando suporte à intervenção prática dos psicólogos, encontramos nos textos: a psicanálise, através da autora Luciana Ferreira Ângelo, o psicodrama, apresentado por Gisela Sartori Franco, o behaviorismo radical, com a contribuição de Eduardo Neves P. De Cillo e a psicologia analítica, com a utilização da tipologia junguiana, apresentada por Fabíola Matarazzo. Abordaremos a contribuição de cada um dos autores citados, com a preocupação de compreender os fundamentos e formas de atuação no âmbito esportivo.

Através da psicanálise, a autora considera a possibilidade de utilizar na intervenção as características da técnica analítica, como associação livre, resistência, transferência, contratransferência, confrontação e clarificação. Sustenta que a técnica psicanalítica poderia ser utilizada também na compreensão de distúrbios psicossomáticos dos atletas:

“Vale a pena ressaltar, também, a importância dos processos de dor em contusões sofridas por atletas ou mesmo crianças, que, do ponto de vista médico, não possuem diagnóstico clínico real, porém a dor psicológica impede a continuidade da prática de determinada atividade física” (Ângelo, 2000:64).

Acreditamos que introduzir no esporte um corpo vivido e permitir-lhe exprimir-se, é um tanto revolucionário. Na tentativa de compreender essa afirmação, vamos nos

estender sobre a questão do corpo, na psicanálise. O corpo é um corpo simbólico e encarnado, uma linguagem simbólica. O corpo não é somente meio de expressão, ele é, antes de tudo, receptáculo: lugar de inscrições primitivas que se efetuam na aurora da vida e até mesmo antes, quando o aparelho de pensar do sujeito ainda não se encontra constituído (Rezende, 1989).

O corpo do recém-nascido, na sua impotência, recebe a marca dos estímulos internos e externos que o assaltam e é o lugar onde se inscrevem a harmonia e a desarmonia dos ritmos entre o bebê e sua mãe, as frustrações e as satisfações das necessidades fundamentais. Por isso podemos dizer que o corpo é memória: memória das fantasias da mãe, do inconsciente materno. Não importa se a origem é interna ou externa, os estímulos deixam as marcas no corpo. Por ocasião de um trauma, por conta da imaturidade de suas estruturas (e, há sempre imaturidade no que diz respeito ao humano), o sujeito pode encontrar-se transbordado por uma quantidade de excitação que ele não consegue elaborar - há sempre um grau de insuficiência do sistema protetor, seja ele interno ou externo-, o indivíduo pode encontrar-se na situação de incapacidade de pensar e de dizer, mas o corpo se expressa: *“O corpo é escritura: ali onde a palavra se furta, o pensamento e o dizer se desvanecem; uma postura, um movimento, um timbre de voz podem estar no lugar de uma representação que falta”* (Rocha,1990:25).

A criança não faz, desde o início, a experiência de seu corpo como uma totalidade unificada.

“Psicólogos e psicanalistas (Wallon; Gesell; Lacan) mostraram a importância do estágio do espelho na constituição dessa unidade: a criança, diante do espelho, brinca com as imagens especulares, quando reconhece que são imagens, e não pessoas reais, e que, no meio dessas imagens, uma é a imagem dela, ela contempla, fascinada, essa imagem que a assegura de sua unidade corporal e a noção de seu Eu fica escorada sobre uma base visível” (Anzieu, 1993:32).

Dessa forma, a criança, ainda em estado de impotência e com a coordenação motora insuficiente, antecipa imaginariamente a apreensão e o domínio de sua unidade corporal através de uma identificação à imagem do semelhante como forma total.

“Para a psicanálise, o corpo é o que eu sou. O corpo começa sendo o ego corporal e só depois com a linguagem é que nós vamos poder ir mais longe e dizer que o ego corporal também se transforma num ego psíquico. Num self como outros dizem, ou simplesmente num sujeito. O corpo humano não é biológico, é humano. O corpo humano não é fisiológico, é humano. É o próprio corpo que é humano. Humano não vem depois do corpo, humano não se acrescenta ao corpo por um processo qualquer. Não! O humano é humano, desde o começo até o fim. O processo de hominização é que vem atrás, mas o processo de humanização é um processo vivido globalmente desde o início. A psicanálise é um processo de humanização a começar pelo próprio corpo. Não há nada no homem que não seja humano. O que não é humano no homem é a negação do homem. Quando o homem se nega ele está deixando de ser humano, quando ele está se fazendo de Deus ou de Demônio, ele está se negando” (Rezende,1989).¹¹

Esse momento de apreensão do corpo unificado através da imagem refletida no espelho é simultâneo ao momento da constituição do ego - é o que nos lembra Freud quando afirma que a instância psíquica do ego é antes de tudo corporal. Trata-se do registro do narcisismo, o ego e o corpo tendo em comum a forma imaginária.

“O ego é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal; não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é, ele próprio, a projeção de uma superfície(...) o ego em última análise deriva das sensações corporais, principalmente das que se originam da superfície do corpo. Ele pode ser assim encarado como uma projeção mental da superfície do corpo, além de, como vimos acima, representar as superfícies do aparelho mental”(Freud,1923:40).

Assim, sob o ponto de vista psicanalítico, o que orientaria a intervenção do psicólogo, em diferentes contextos, seria a dinâmica psíquica própria do sujeito e sua relação com o objeto. Desse modo, a questão corporal, egóica, fortemente imbricada nas práticas esportivas, bem como as relações que o sujeito estabelece com o objeto - o

¹¹ Excerto do texto de Rezende retirado de material oferecido no curso Fundamentos Filosóficos da Psicanálise, do Programa de Pós-Graduação do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, em 1989.

ambiente em geral: o adversário, o parceiro, o grupo, o treinador - são relevantes e devem merecer cuidados especiais por parte do psicólogo.

Os pontos acima mencionados, relativos à dinâmica psíquica do sujeito, dizem respeito, igualmente, às influências internas e externas citadas pelos autores estudados como aspectos importantes na prática do psicólogo do esporte. Voltaremos brevemente a esse assunto mais à frente.

Ainda nos mantendo no assunto referente à fundamentação teórica relativa às intervenções psicológicas individuais e grupais, apresentaremos agora as contribuições da autora Fabíola Matarazzo, com a teoria tipológica junguiana.

A preocupação com o relacionamento, a comunicação interpessoal, sempre foi significativa para Jung. Tanto na vida comum, quanto na clínica, observava que a presença do “outro” é um desafio constante. O outro não é tão semelhante a nós como desejaríamos, ao contrário, ele nos é extremamente dessemelhante. Nas relações afetivas, de amizade e de trabalho, encontramos frequentemente desentendimentos, desencontros, que deixam cada personagem perplexo face às reações do “outro”, sem que os separem sensíveis diferenças de idade, de educação ou situação social. Entre outras contribuições, Jung deixou-nos uma classificação dos tipos psicológicos.

No caso da teoria tipológica junguiana, a autora defende sua utilização para a compreensão da estrutura psicodinâmica de atletas e comissão técnica, facilitando tanto o trabalho de intervenção psicológica como as relações pessoais de todo o grupo esportivo. O aproveitamento da tipologia na intervenção individual e grupal seria um meio facilitador das relações humanas. A consciência obtida através do conhecimento e compreensão das características individuais e do grupo contribuiria para a coesão do grupo: *“O esquema tipológico é extremamente útil para a compreensão da psique*

humana e, sendo bem desenvolvido, muito tem a contribuir para o trabalho inter-relacional da pessoa consigo, com o outro, com o grupo e com o mundo” (Zacharias,1995:3, apud Matarazzo,2000:83-84).

A autora enfatiza que o uso da teoria tipológica junguiana depende do conhecimento teórico dos pressupostos de Jung, dos quais não devemos nos esquecer quando utilizarmos a tipologia; o que nos permitiria estar atentos ao fato de que o ser humano é dinâmico e extremamente flexível e evitarmos incorrer no risco de enquadrá-lo numa tipologia como se fosse algo estático e inflexível.

“O conhecimento, a orientação e o aproveitamento das habilidades individuais e grupais são formas de investir no potencial existente e facilitar o caminho a ser percorrido (...) Para o treinador, assim como para todos os componentes do grupo esportivo, a utilização da tipologia pode facilitar e melhorar o relacionamento e a comunicação. O conhecimento das habilidades individuais pode abrir caminhos para a execução de papéis ainda não explorados, como, por exemplo, as substituições (que ocorrem nos esporte coletivos) serem baseadas também nas características psicológicas do atleta” (Matarazzo, 2000:68-80).

A autora Gisela Sartori Franco aborda uma outra perspectiva teórica de se trabalhar, utilizando o psicodrama¹² no esporte. A autora justifica a escolha do psicodrama em função das semelhanças entre o esporte e o psicodrama - ambos favorecem os encontros entre os homens, possibilitando o autoconhecimento e a transformação dos aspectos psicológicos. A autora trabalha alguns conceitos do psicodrama, pelas suas semelhanças com o esporte:

*“-Por considerar o homem um ser espontâneo e criativo por natureza
-Por acreditar que seu desenvolvimento se dá na relação Eu-Tu
-Por se utilizar da ação, da energia fluente e dinâmica
-Por valorizar o jogo como forma de aprendizagem
-Por focar, delimitar e trabalhar com os diferentes papéis que cada um assume nos diferentes contextos”* (Franco, 2000:48).

¹² Psicodrama é a denominação genérica dada à abordagem proposta por J. L. Moreno como forma de terapia individual e grupal. O psicodrama propriamente dito trabalha a problemática do sujeito e suas relações; o Sociodrama trabalha a problemática do grupo, suas relações, crenças e valores; e o Axiodrama desenvolve a ação dramática a partir de crenças e valores do grupo.

Em termos metodológicos, Moreno (1999) propôs três etapas da sessão psico, sócio ou axiodramática, cada uma delas representando um momento diferente no processo. As etapas seriam: o aquecimento (onde se trabalha com a idéia de aleatoriedade através de jogos que envolvem a linguagem verbal, do corpo e a imaginação); a dramatização (onde alguma situação já adquiriu significado para o grupo); e o compartilhar (o momento da troca de sentimentos, impressões e reflexões, de dar significado ao acontecido).

“Para Moreno, a teoria dos papéis é um dos construtos fundamentais do psicodrama. Na sua concepção de desenvolvimento bio-psico-social, o bebê nasce numa matriz de identidade, ou seja, numa família ou ambiente e já começa a desempenhar papéis fisiológicos, psicossomáticos, culturais e imaginários que são os psicodramáticos. A mãe ou pessoa que cuida é o primeiro ego-auxiliar e é a partir desse desempenho interativo de papel e contra papel, que o “eu” se desenvolve” (Mesquita, 2000:34-35).

Moreno (1999) afirma em vários momentos de sua obra, que o desempenho de papéis é anterior ao surgimento do eu. Os papéis não emergem do eu; é o eu que emerge dos papéis. As noções de papel e contrapapel desenvolvidas por Moreno, deram origem a diversos estudos sobre a propriedade sociodramática no tratamento sistêmico-construtivista dos conflitos nas relações familiares, individuais e grupais.

Na medida em que o psico, sócio ou axiodrama contextualizam as relações, os valores e crenças dos grupos e dos indivíduos nos grupos, é bastante compreensível e pertinente sua utilização, oferecendo um instrumental terapêutico rico nos processos de treinamento esportivo. Bomfim (1994) afirma que dentre os métodos psicoterápicos de ação grupal, o psicodrama é o mais utilizado para o embasamento do trabalho com esporte, pois tem possibilitado a discussão e avaliação dos papéis de cada um na equipe.

“Na prática diária da Psicologia do Esporte, um outro método de aplicação permeia o trabalho; trata-se do Sociodrama. A abordagem de grupo no psicodrama enquanto método refere-se a situações privadas por maior que seja o número de participantes, mas, logo que os indivíduos são tratados como representantes coletivos de papéis da sociedade, o psicodrama converte-se em um Sociodrama.(...) Transpondo para o esporte, podemos dizer que um grupo de atletas está fazendo psicodrama quando se refere a aspectos emocionais e psicológicos peculiares de cada um, diferenças individuais, ao passo que estará participando de um Sociodrama quando estiver em voga, por exemplo, a questão das renúncias dos nadadores ou das pressões sofridas pelos técnicos de futebol e não de um nadador específico ou um determinado técnico”(Franco, 2000;49).

A autora enfatiza a necessidade de qualificação e formação dos profissionais que utilizam as técnicas psicodramáticas, caso contrário, corre-se o risco de destruir um bom grupo esportivo.

“A aplicação de uma única técnica psicodramática não tem tanto o poder de resolver, como em um passe de mágica, um problema vivido por um grupo, mas, por ironia, talvez, tem maiores chances de em uma única vivência exterminar um atleta ou um grupo” (Franco, 2000:50).

Para Moreno (1999), a realidade é construída significada pelo sujeito através de sua ação no mundo e através do outro. Isso é um movimento que implica interações grupais, os valores, a ética e a estética de um determinado grupo social. O psicodrama constrói a realidade através da imaginação que se concretiza na ação do representar. Nele, o sujeito está implicado integralmente no seu fazer, seja pela palavra, pelo sentir, pelo gestual do corpo, pela expressividade plástica, assim como também pelo olhar do outro através do encontro, do compartilhar.

Para os psicólogos que trabalham com intervenção, diretamente com os esportistas, acreditamos na importância e salientamos o viés ético da proposta da autora, independentemente da abordagem teórica utilizada:

“(...) porque não tornarmos o papel do psicólogo mais holístico, mais voltado para os valores essenciais da vida, em que ele não veja o atleta como uma máquina de fazer mais e mais gols ou cestas, mas sim seres humanos que podem, por meio de uma

prática esportiva mais consciente, encontrar autonomia, prazer e transcendência? (...) Os psicólogos que trabalham com intervenção, muito mais do que aplicadores de testes ou diagnosticadores, devem ter a capacidade de trabalhar profundamente com os dados obtidos, com o emocional efetivamente, enfim, com o atleta por inteiro. E trabalhar profundamente significa trabalhar com discernimento, ética e sabedoria” (Franco, 2000:51).

5.4 Conhecimento do mundo do atleta: influências internas e externas

Para atuar profissionalmente, o psicólogo precisa conhecer os fatores envolvidos na situação e contexto do sujeito, bem como aqueles que mobilizam sua ação.

Na psicologia do esporte, estudos sobre a relação entre personalidade e esporte sempre mereceram muita atenção dos pesquisadores na área, e dentre os pesquisadores, encontravam-se aqueles que defendiam a tese de mecanismos internos como reguladores de conduta, contrapondo-se aos que defendiam a tese dos mecanismos externos como reguladores de conduta. Porém, parece não ter sido necessário muito tempo para o reconhecimento dos efeitos de ambas variáveis sobre a conduta, ganhando relevo o paradigma interacionista, que considera as variáveis sujeito e ambiente e a interação entre ambos como a base para a formação e estruturação da personalidade (Myers, 1999).

Os autores estudados apontam, dentre as variáveis- consideradas internas- envolvidas no desempenho geral do atleta, as motivações, emoções, desejos, necessidades, aptidões, assertividade, auto-estima, padrão comportamental, crenças irracionais, afetos, etc.

Embora a categoria, conhecimento do mundo do atleta: influências internas e externas, seja unânime entre os autores, ela não se encontra explicitada em todos os

textos utilizados. Em virtude do tema abordado nos artigos, somente dois textos apresentam pormenorizadamente, as variáveis imbricadas no processo de preparação e no desempenho do atleta: *Variáveis que interferem no desempenho do atleta de alto rendimento*, de Sâmia Hallage Figueiredo e *Análise do comportamento aplicada ao esporte e à atividade física: a contribuição do behaviorismo radical*, de Eduardo Neves P. de Cillo.

Segundo Figueiredo (2000), os pesquisadores da área de psicologia aplicada ao esporte destacam: atenção, concentração, motivação, emoções (ansiedade e tensão) e coesão de grupo como variáveis que interferem no desempenho de atletas.

A concentração diz respeito a dois processos: um que coloca o sujeito em contato com um estímulo discriminativo favorável à resposta e o outro processo é relativo à habilidade a ser desempenhada. Nesse sentido, a concentração implica atenção, e coordenação entre percepção e ação motora na execução de uma atividade.

As estratégias utilizadas para promover e manter a concentração incluem:

“... programas de treinamento de atenção e de deslocamento de atenção de acordo com as mudanças ambientais (...) técnicas de concentração, visualização, exercício de relaxamento(...) como conhecer os fatores de distração, manter-se rigorosamente na rotina de aquecimento, preparar pensamentos padronizados que possam ser utilizados quando ocorrer alguma distração durante a competição, respirar profundamente e relaxar”(Figueiredo, 2000;114-115)

Cabe ressaltar que a autora, ao apresentar, em forma de revisão de literatura, o desenvolvimento dessas estratégias, enfatiza as contingências ambientais e a criação de condições específicas ambientais que precedem, acompanham e seguem os comportamentos estudados, objetivando a obtenção de respostas almejadas.

O uso de técnicas comportamentais (a autora utiliza a abordagem behaviorista como fundamento de sua prática) no âmbito esportivo, estende-se desde tornar o ambiente da prática mais reforçador (aumento de motivação) para os participantes, até o aperfeiçoamento do desempenho nos esportes de alto rendimento.

“Encarando as ações motoras e os eventos privados (pensamentos, emoções, etc.) como comportamentos, passamos a preocupar-nos com seus agentes de controle e a forma como o exercem. Um primeiro passo é analisar as contingências em que os praticantes estão envolvidos para entender o que está controlando seus desempenhos (inclusos os encobertos) para, em seguida, propormos um rearranjo de contingências, quando necessário, que permita relações saudáveis entre os envolvidos e um rendimento otimizado quaisquer que sejam os objetivos dos praticantes” (Cillo, 2000:97-98).

A motivação - processo que mobiliza a atenção, o interesse, mobilizando a ação do sujeito em determinada direção - do atleta está associada a aspectos particulares, próprios do sujeito e a aspectos extrínsecos (relativos às recompensas como medalha, dinheiro, prêmios...):

“As razões que impulsionam os atletas em direção a determinados comportamentos não podem ser reduzidas a conceitos rígidos, pois variam de acordo com a história de vida do atleta e as contingências do ambiente. Ou seja, um atleta escolhe determinado esporte e participa dele com determinada intensidade e dedicação de acordo com experiências anteriores ou situações recentes” (Figueiredo, 2000:116).

Martin (1992; 1996) afirma que os trabalhos em relação ao esporte concentram-se em: desenvolvimento de habilidades, aumento da frequência de comportamentos de práticas (treino), diminuição de comportamentos-problemas em ambientes esportivos, habilidades de gerenciamento de avaliação e desenvolvimento de comportamento para a utilização de técnicos e preparação para competição. São descritas pelo autor técnicas para desenvolver o autogerenciamento e a monitoração de comportamentos pelos próprios atletas, além de relaxamento, visualização (para imaginar a cena competitiva), prática encoberta, auto-instrução, estabelecimento de objetivos, treino sob condições simuladas e o uso de *checklists* acerca da *performance* esportiva. O autor enfatiza a

necessidade de ter claro que as habilidades mentais, tanto quanto as físicas, exigem muito treinamento. Assim, as estratégias utilizadas devem focalizar o desenvolvimento das variáveis que influenciam o desempenho do atleta, sejam aquelas já citadas aqui, seja uma modalidade que possa emergir em circunstâncias eventuais, dadas as contingências.

Baseadas no modelo comportamental-cognitivo, as estratégias de intervenção mais utilizadas são: estabelecimento de objetivos (a curto e longo prazos), treinamento mental, treino de relaxamento, controle de estresse, auto-instrução, *feedback* através de fitas de vídeo, reestruturação cognitiva e modelagem. Estas estratégias podem ser utilizadas isoladamente ou em um “pacote”, conforme o contexto.

A avaliação dos procedimentos aplicados é uma etapa muito importante da intervenção, porque é através de medidas objetivas que se pode saber a efetividade das técnicas e o quanto elas podem ajudar a resolver problemas.

Figueiredo (2000) e Cillo (2000) atribuem ao psicólogo, quando da realização do trabalho de preparação psicológica do atleta, o papel de convencer os dirigentes do aspecto global, contínuo, progressivo e duradouro de sua missão. Silva (1967:93) alerta para a imagem distorcida imprimida à função do psicólogo:

“Muitos dirigentes esportivos, na melhor boa-fé, julgam que o trabalho do psicólogo consiste apenas em aplicar os testes, interpretá-los, comunicar o que couber aos dirigentes, treinador, etc. e, pronto, a tarefa está terminada. O trabalho do psicólogo não tem sentido nem eficácia total, sem a orientação e assistência. É o ‘counselling’ o que deve caracterizar nosso programa de trabalho. Aplicar testes é apenas coleta de dados.”

Em relação ao esporte, as influências externas tendem a ser marcantes para o atleta, pois permitem a alteração do estado de conduta positiva ou negativa. Como exemplo de influenciadores externos podemos citar: além das condições sócio-

econômicas, culturais e de existência, os vínculos emocionais com pais, outros membros da família, namorados, amigos, imprensa, fãs, técnicos e torcida.

O tipo da torcida e sua atuação são fatores que interferem direta e indiretamente em atletas; sua composição vai desde a família do jogador, a torcida organizada, o telespectador no campo ou ginásio, o telespectador pela televisão ou rádio, a imprensa, o técnico, e os próprios companheiros de equipe, entre outros fatores.

Se pensarmos na torcida como a linha fronteira que demarca a subjetividade coletiva e a subjetividade individual, percebemos sua relevância, uma vez que pode contribuir tanto de forma positiva como negativa, para o desempenho do atleta. Sabemos que, muitas vezes, um clima de euforia exagerado pode modificar a tensão emocional de toda a equipe. Assim, o atleta deve estar previamente preparado para enfrentar a exigência da torcida e não sucumbir às pressões psicológicas externas.

“A torcida cria e destrói mitos. Ela sofre interferência dos meios de comunicação de massa que amplificam os seus anseios e reclamos. O prestígio, através do endeusamento, ou a marginalização, via virulência crítica, provocam reações de euforia ou depressão no atleta, modificando seu comportamento e, conseqüentemente, a sua performance” (Lobo, 1973:189).

Segundo Cratty (1984), nunca a atuação do atleta deixa de sofrer influência de alguma assistência; em várias circunstâncias, tem sobre ele a vigilância de colegas de equipes, técnico, amigos, família e torcedores ocultos, que interferem em seu rendimento, mesmo que de maneira discreta.

“Ao mencionarmos o comportamento do torcedor diante de eventos esportivos, temos que considerar as situações que levam ou levaram este torcedor ao estádio ou ginásio, as atividades exercidas em seu cotidiano, a frequência deste em eventos esportivos, seu nível sócio-econômico-cultural, entre outros aspectos. Também temos que considerar a sociedade em que vivemos, que se apresenta extremamente competitiva, levando-nos a competir quase o tempo todo, e onde ganhar torna-se uma maneira de satisfação, de recompensa. Isto é transferido para o esporte, passando a vitória a ter grande significado ao torcedor, e o evento esportivo passa a se identificar com o seu dia-a-dia” (Machado, 1997:115).

Um fenômeno que Machado (1997) aponta como ainda corrente no esporte é a transferência dos processos emocionais entre o praticante e a torcida. O praticante, identificando-se com a torcida, pode vir a sentir mais confiança no seu desempenho, reduzindo o nível de ansiedade frente à incerteza do resultado obtido (o medo e a dor são elementos considerados geradores de ansiedade).

“O fenômeno esportivo inclui facetas da importância social de sua prática e de sua audiência, bem como todo esse alcance cultural. Isso porque, no momento esportivo, não apenas os atletas são elementos em ação, mas também as torcidas presentes e ausentes, os dirigentes, a mídia e os objetivos daquele encontro. O universo estará sendo composto por microssistemas que, à distância, influenciam para que uma determinada conduta seja explicitada, num momento ou noutro” (Machado, 1997, apud Buriti, 1997: 83).

Estes microssistemas apontam para uma questão já levantada anteriormente, mas não trabalhada, a dimensão imaginária (a criação de situações de fascínio) que veicula no campo das competições, engendrando idealizações e antagonismos em torno da figura do atleta:

“O esporte, em sua feição competitiva, entra na vida moderna constituindo-se num fenômeno social que passa a interferir no cotidiano, de forma irreal. Tal interferência é dona de uma força cujo impacto determina para o homem comum uma grande gama de influências que, geralmente, não são entendidas ou não são conscientes” (Machado, 1997, apud Buriti, 1997: 83).



BLAKE, WILLIAM (1757-1827)
"Dia Feliz"

5.5 O fascínio do/no mundo do esporte: uma preocupação

“O atleta é símbolo. Desperta cobiça e inveja. Podemos nos sentir deprimidos ou realizados perante o mito. É capaz de uma solução econômica ou administrativa a um clube ou a um esporte. Ou um fracasso. No êxito ou na derrota é um exemplo. Para ser seguido ou abandonado. Há, popularmente, uma auréola de feitiço em torno do ídolo. De certa forma o prestígio de um esporte pode estar dependendo da presença de um ídolo. No fundo, ele é um carisma” (Lobo, 1973:191).

O esporte espetáculo atrai milhões de expectadores, por satisfazer, de alguma maneira, as necessidades dos seres humanos. Feijó (1998:114) aponta quatro características do esporte espetáculo que justificariam sua imensa atração. A primeira coisa atraente é a satisfação da necessidade estética das pessoas. *“(…) O espetáculo oferece beleza visual, harmonia auditiva, equilíbrio e graciosidade de movimentos, autenticidade de interpretação”.*

A segunda característica é o relaxamento das emoções, eliminação das ansiedades; um jogo bonito consegue a participação emocional dos aficionados, fazendo vibrar com a garra, o estilo, o arrojado, a técnica, a elegância dos atletas.

Terceiro, o espetáculo ajuda o expectador a escapar da realidade. O espetáculo belo cria, ainda que temporariamente, um universo mais agradável.

“A partida bem jogada mobiliza a concentração do expectador, transportando-o para um mundo de magia. Não é por acaso que uma copa mundial de Futebol é transmitida pela televisão de quase duas centenas países, aprisionando a atenção de centenas de milhões de expectadores. Durante 90 minutos, as populações da Terra se envolvem na parte dos campeões da bola e se esquecem de sua fome, suas injustiças, suas misérias”(Feijó, 1998:115).

A quarta característica que os expectadores esperam do esporte espetáculo é uma compensação para as suas frustrações. *“O grande espetáculo de esporte fornece*

ao expectador a cota de vitórias que a vida lhe negou. É uma espécie de auto-realização concretizadora da pessoa, mas sentida dentro da pessoa” (Feijó,1998:115).

Sendo o esporte um fenômeno da existência humana, como uma categoria antropológica, seu redimensionamento exige a recuperação da fisionomia unificada do ser humano. Implica na compreensão de um ser humano não dicotômico entre sua cultura e sua subjetividade, já que a subjetividade é, ela mesma, um dos produtos da cultura.

Já vimos que a subjetividade se constrói com as mediações - Outro, palavra, ação - estas mediações tentam apaziguar as lacunas que constituem o que somos. Como se viu, Machado (1997) e Lobo (1973), descrevem o papel da torcida tanto como aquele que resgata parte das frustrações cotidianas, quanto participa do próprio processo de criação/destruição dos símbolos e representações do herói (o atleta ou o time).

“A filosofia ocidental impôs de forma tão insistente sua tradição de centrar-se ou no objetivo ou no subjetivo, que o espaço de intersecção entre os dois freqüentemente se perde. Entretanto, é exatamente neste espaço que melhor se podem entender as raízes da atividade simbólica e das representações sociais. (...) É no espaço de mediação entre sujeito social e alteridade, na luta para dar sentido e entender o mundo, que os trabalhos das representações sociais se encontram. Representações sociais portanto emergem e circulam em espaços de realidade intersubjetiva” (Jovchelovitch, 2000:178).

Talvez o Esporte seja uma das formas pela qual a sociedade nos permite temporariamente expressar a liberdade do demoníaco no coletivo, sairmos do anonimato (May, 1978); ser uma individualidade no meio da multidão (torcedor investido de uma identidade subjetiva criadora, mágica, de poder demoníaco).

“A antropologia procura sempre o entendimento e a interpretação do «outro», que nos é desconhecido mas ao mesmo tempo nos é familiar. Este «outro» não é distante apenas no tempo ou espaço, mas está nos meandros de nossa psique. O olhar

para o «outro» volta-se, então, sobre nós mesmos. Compreender antropologicamente a realidade é instrumento importante porque desvenda a lógica muitas vezes escamoteada de nossas construções simbólicas” (Guerriero, 2000:5)

O esporte pode auxiliar a recuperar a unidade do homem, a intencionalidade, o simbólico (o significado da gestualidade), o lúdico, a sensibilidade (as emoções) e a corporeidade (Moreira, 1992).

Para compreender o humano, é preciso considerar o campo das representações de mundo como construções simbólicas que expressam diferenças entre as infinitas possibilidades de ser...Pensar as crenças, os mitos, a magia e a espiritualidade faz parte da compreensão da complexidade humana (Morin, 1986; Betti, 1991; Santin, 1987; Campelo, 1996).

“O olhar antropológico para as diferenças entre os grupos, o simbólico, o sistema corpo/mente e a construção de crenças auxilia a realizar um trabalho psicológico mais aprofundado, pois traz à tona condicionantes sociais, conscientes e inconscientes” (Guerriero, 2000:98-99).

O esporte deve ser abordado, enquanto fenômeno, em diferentes dimensões: antropológica, histórica, social, cultural e ética, pois à frente de todos os rendimentos deve estar a dignidade do homem-atleta: o homem-sujeito, autor e ator da prática esportiva (Moreira, 1992).

Silva (1967) concluiu, pela sua experiência profissional com atletas, que eles pertencem a um mundo diferente, um mundo de características especiais, similar ao mundo do espetáculo, dos artistas de cinema, de tv, de rádio, especialmente os atores de teatro, que têm contato direto com o público; o ator faz arte, ficção, o atleta faz espetáculo, às vezes com pouca arte, outras vezes, com muita arte.

O que está sendo assinalado aqui, enquanto semelhança, é a dinâmica psicológica, o intercâmbio emocional entre o atleta e o público: os mecanismos de identificação e projeção com uma figura de prestígio que mobilizam as emoções da massa e que funcionam de forma semelhante no esporte, no teatro, na tv. Em suma, a figura do atleta campeão corresponde a uma imagem pública idealizada:

“É esta semelhança de ambiente, que permite estabelecer, do ponto de vista caracterológico, “uma síndrome do jogador –artista”. Esta síndrome tem duas fases: na primeira, a ânsia de entrar, de maneira irreversível, na classe dos grandes, e constituir uma carreira segura; a segunda fase, a da estabilidade, o problema da permanência, de manter o que foi conseguido, inicia-se a insegurança oriunda do ambiente em que vivem e atuam, oscilando entre a derrota e a consagração”(Silva,1967:112)

A análise antropológica do Esporte poderá ajudar na compreensão do campo de atuação dos psicólogos e a captar a sua legitimação na sociedade.

“O esporte distingue-se de muitas outras de atividades humanas por sua elevada emocionalidade. Os sentimentos provocados pelas competições são vivenciados não só pelos participantes diretos, como também por numerosos observadores e expectadores. São exatamente a riqueza emocional e os numerosos momentos de tensão que atraem milhões de pessoas”(Tscherwikowa,1975; apud Buriti, 1997:73).

O esporte define uma forma autônoma e intrínseca da cultura, é um fenômeno de cultura. Contrária à idéia de uma significação do esporte é a perspectiva do atleta-robô (atleta despersonalizado, que perdeu a imagem de si, o que provoca obsessão pela plenitude):

“(…) a obsessão da plenitude é o resgate de um mundo no qual os fetiches substituem os seres humanos. Desse modo, se os objetos são todo-poderosos, o homem também pode ser. Assim, troca sua limitada potência por uma onipotência imaginária” (Chagas,1999:66).

A fantasia do domínio total, a realização da onipotência é o que propõe o discurso da auto-ajuda, fascinante e sedutor, tendo em sua estrutura uma proposta que

vai ao encontro do individualismo, da manipulação entre os homens, da competição, do consumo, dificultando as trocas sociais, aumentando a solidão, acabando com a solidariedade *“o ser humano vivente deixa de ser um fim em si e torna-se um meio para os interesses econômicos de outro homem, ou de si mesmo, ou de um gigante impessoal - a máquina econômica”* (Fromm, 1974, apud Chagas, 1999:52).

“Os pregadores de auto-ajuda, de um modo geral, colocam em evidência o estímulo à competição e à manipulação entre as pessoas. Também estabelecem uma espécie de estado paranóico, principalmente, quando passam a transmitir a idéia de que a vida passa a ser uma desilusão se o indivíduo não souber agir adequadamente, ou seja, se não souber competir, lutar e vencer. A honestidade, a inteligibilidade de propósitos, deve sempre partir ou ser concedida, primordialmente, pelo outro, ainda mais hoje, quando se vive numa espécie de jogo, competição permanente. Portanto, alguém tem de levar a melhor, triunfar, provar que é o melhor, o mais esperto, o mais inteligente, o mais feliz. Entretanto, para “entrar nesse jogo” e sair vencedor, é necessário utilizar os instrumentos ou as “armas” de que se dispõe hoje. Para muitos, tais alternativas são perfeitas e oportunas, pois produzem nos indivíduos a mais alta aspiração. Elas são manifestadas pelas alusões específicas que os referidos autores de auto-ajuda consagram. Nesse caso, eles assumem tal expediente como algo fundamental para qualquer pessoa que busca ideais dignos de apreço”(Chagas, 1999:60).

E Chagas (1999) continua:

“Nos meios de comunicação de massa, observa-se um reforço permanente da competição entre as pessoas. Torna-se cada vez mais evidente a falta de conexão dos valores morais e éticos com as imagens publicitárias de marketing continuamente espalhadas pelo imaginário social. Distintamente, o que se sobressai em muitos anúncios de publicidade, não são os valores humanos que exprimem relações de cidadania, respeito e dignidade de uns para com os outros, por exemplo, mas, sim, conexões de objetos com as imagens idealizadas, que reúnem encantamento perfeito e que são cotidianamente colocadas à vista dos consumidores para que não possam se contradizer. São imagens associadas à sensação de liberdade, de poder e de satisfação de gozo sem limites. Imagens ou configurações com idealizações perfeitas para o esquecimento de “qualquer” mal-estar ou fracasso humano, portanto, de defesa, de resistência¹³, de subterfúgio, de ilusões” (Chagas, 1999:60).

¹³ A idéia de resistência não implica em opor-se à, mas em estratégia para a acomodação, assim como no interior da acomodação estão resquícios de resistência visando a sobrevivência psíquica em situações de excessivo controle social ou psicológico.

Se o discurso dominante na nossa sociedade aponta para os ideais propostos pelo estabelecimento da cultura moderna, o único modo possível para o reconhecimento do sujeito no social é vinculando-se a esse discurso, uma vez que:

“O importante, para os grupos, organizações ou indivíduos, é o sucesso nos negócios e na vida, sucesso reconhecido e invejado pelos outros, indispensável, de qualquer forma, para se manter na corrida e não se tornar desacreditado pelo sistema (...) todo mundo, pensando ter chance de fazer parte dos vencedores (...) os bons triunfam e os maus sucumbem” (Enriquez, 1991:285, apud Chagas, 1999:59).

Vamos procurar as implicações psíquicas que determinam, de algum modo, a crença e a adesão a esse discurso, na dialética do pensamento de Freud, que, ao mesmo tempo, reforça os contornos do indivíduo e o faz parte inseparável de seu substrato humano.

Buscando compreender a natureza das massas, Freud recorrerá à concepção da Libido, e dirá: *“tentaremos nossa sorte, então, com a suposição de que as relações amorosas (ou, para empregar uma expressão mais neutra, os laços emocionais) constituem também a essência da mente grupal. (...) um grupo é claramente mantido unido por um poder de alguma espécie; e a que poder poderia essa façanha ser mais bem atribuída do que a Eros, que mantém unido tudo o que existe no mundo?”* (Freud, 1921: 117).

Assim, Freud apresenta a idéia de um poder unificado que soldaria os indivíduos à massa e que, para ele consistiria na Libido.

Ressaltando o papel dos laços emocionais, Freud analisa o mais precoce destes laços: a identificação. A identificação é assim sistematizada no Vocabulário da Psicanálise: *“Processo psicológico pelo qual o indivíduo assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo*

modelo dessa pessoa. A personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações”(Laplanche & Pontalis, 1991:226).

E, mais adiante: *“O conceito de identificação assumiu progressivamente na obra de Freud o valor central que faz dela, mais do que um mecanismo psicológico entre outros, a operação pela qual o sujeito humano se constitui”*.

Após destacar que o capítulo VII de Psicologia de grupo e análise do ego é a exposição mais completa de Freud sobre o assunto, Laplanche e Pontalis vão salientar a maneira como o processo de identificação organiza as instâncias da personalidade: *“(...) eis um fato essencial, o conjunto das identificações de um indivíduo forma nada menos que um sistema relacional coerente; por exemplo, no seio de uma instância como o superego, acham-se exigências diversas, conflituais, heteróclitas. Do mesmo modo, o ideal do ego é constituído por identificações com ideais culturais não necessariamente harmonizados entre si”* (Laplanche & Pontalis, 1991:230).

É apenas no seio de relações que o homem pode fazer-se homem. *“A sociedade moderna incentiva-nos a retardar e a anestesiar o processo de individuação¹⁴, reduzindo o sujeito a mero consumidor e transformando o resgate da “humanidade do homem” em questão fundamental para os estudiosos de psicologia social”* (Freitas, 2000:9).

¹⁴ Individuação: noção central de toda psicologia de Jung; processo pelo qual um ser torna-se um indivíduo psicológico, isto é, uma unidade autônoma e indivisível, uma totalidade. A individuação é o contrário do individualismo, não exclui o universo, inclui-o.



MATISSE 52

Henri Matisse (1869-1954) "Nu Bleu IV" (1952)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa tese não pretende ser conclusiva. Assim, as reflexões deste capítulo são literalmente considerações.

Essas considerações partem das duas questões propostas na introdução referentes à inserção do psicólogo no espaço de uma psicologia voltada para o Esporte, e por que o psicólogo e não um outro profissional treinado?

Para responder essas questões, foi necessário recapitular as matrizes do pensamento psicológico como forma de encaminhar o leitor primeiramente para a cisão entre corpo e mente que orientou a Psicologia por muito tempo e que atualmente vem sendo questionada a própria prática do psicólogo, tanto quanto a produção do conhecimento sobre essa prática.

Essa retomada das matrizes teve como objetivo central compor um quadro da concepção de ser humano cuja psique/alma encontra-se encarnada e se manifesta através da Corporeidade.

Entretanto ao tentar unificar essas duas dimensões do ser humano depara-se com aquilo que é característico da Psicologia e de sua prática – a dispersão. Essa dispersão é semelhante àquela que o Esporte também apresenta. Porém, se a dispersão na Psicologia é um aspecto teórico que encaminha pensamento e ação, no Esporte, a dispersão dá-se pela variedade de práticas e diversidade de habilidades no interior de uma mesma prática, ou seja, no lugar da teoria estabelecem-se estratégias.

Nesse sentido, na leitura dos textos que informaram esta pesquisa observou-se em dois deles, explicitamente, parte da resposta à primeira questão. Segundo os textos, a formação específica para um psicólogo do esporte deveria considerar a realidade do esporte, ou seja, não se pode levar o espaço da clínica para o espaço do esporte, mas se pode trazer as estratégias do esporte para dentro da psicologia e só a partir daí repensar a Psicologia como um auxiliar na preparação dos atletas.

Em relação à segunda questão (por que o psicólogo do esporte e não outro profissional treinado?) acreditamos que, primeiro, ele teria um conhecimento e domínio do entorno que circunscreve o sujeito atleta, por um lado; por outro, ele desenvolveu a competência necessária para abordar as subjetividades em interação a partir da multiplicidade de olhares sobre desempenho, relacionamentos, necessidades de afirmação, temores ligados ao desempenho e repercussões das expectativas simbólicas e concretas depositadas sobre estas, pelo conjunto social mais amplo.

Assim, uma competência teórica voltada para a Psicologia do Esporte demanda igualmente um conhecimento da dispersão própria da Psicologia e do Esporte, de modo a compatibilizar o referencial teórico que for mais adequado em determinado momento, à estratégia que esteja em vigência naquele momento.

Aparentemente esta demanda formaria profissionais aprioristicamente nomeados de ecléticos. O ecletismo, porém, seria apenas aparente. Trata-se antes de receber uma formação mais abrangente e um treinamento mais flexível do que aqueles psicólogos cuja formação tradicional o endereça para uma única “escola” e, para uma única forma de procedimento. Se, a pluralidade de estratégias é que estabelece a multiplicidade de fatores físico-emocionais no desempenho do atleta e do time, uma perspectiva psicológica unidirecionada e dogmática de possibilidade de intervenção do psicólogo no processo da constituição de subjetividades em constante interação e dependentes

desta interação tenderia a ser menos eficaz do que aquela que se propõe a observar, intervir e se necessário, alterar estratégias ineficazes.

Após a leitura dos textos á luz da análise do pensamento psicológico observamos que na base de alguns estudos voltados para a Psicologia do Esporte prevalece uma corrente humanista cujas características mais evidentes podem ser reconhecidas como: historicamente, a subjetividade humanista esperada de esportistas envolve uma formação física baseada na tradição greco-romana, representante de uma fase do Renascimento; a subjetividade do ponto de vista ético-cognitivo é concebida levando em consideração apenas os aspectos positivos de uma condição humana idealizada destituída de aspectos negativos e, portanto, pressupondo uma subjetividade voltada para o pleno desenvolvimento de ações bem sucedidas. Desta concepção expurgam-se qualidades tidas como negativas sejam elas produto dos processos de socialização constitutivos de subjetividades sejam aquelas decorrentes das condições atuais de formação e/ou desempenho dos atletas; sejam ainda aquelas que, historicamente destituíram de seus aspectos específicos de competição para transformar esportes e atletas em empresas e empregados.

A prevalência de uma perspectiva humanista nestes moldes vem sendo contestada por uma outra perspectiva, de ordem fenomenológica, a qual sustenta como conceito básico a Corporeidade. Por Corporeidade entenda-se o ser humano no mundo dotado de intencionalidade e de uma subjetividade não dicotômica e em constante vir-a-ser.

Logo, o ideal estático de beleza, força física, força psíquica, destino, onipotência, narcisismo – estereótipo de heróis- vai sendo desmontado para dar lugar às subjetividades formadas no e para o coletivo, reconhecidas em sua dimensão

dialética: benéfica-maléfica, vencedora-perdedora, construída-destruída, presente-ausente. Metamórfica.

A psicologia no esporte exercida por profissionais formados á luz da unicidade da Psicologia no interior da dispersão e que conceba subjetividades complexas, porque não idealizadas, é, ainda, uma possibilidade. O que temos, enquanto realidade e atuação nesta área é uma retomada do humanismo e seus ideais estáticos de atletas, situados nos clubes, nas federações e nos times em situação de disputas nacionais, internacionais ou olímpicas. Estamos nos referindo aqui ao humanismo neoliberal, sob o ideal de autonomia individual, que elimina do sujeito o conflito, a ambivalência, a própria condição humana. Ora, a crise do homem pós-moderno advém da descrença nos modos de subjetivação relacionados à história do humanismo moderno, que acreditou que o homem ocupava o centro do mundo e, deste lugar, tudo poderia ver, tudo poderia controlar, que era o senhor absoluto de seu destino. A grande preocupação que surge se refere aos rumos que pode tomar a psicologia do esporte, uma vez que a forma contemporânea deste humanismo reforça times enquanto empresa, resultado decorrente do esforço pessoal, reconhecimento individual, enquanto crença no sucesso permanente. Garantidos e garantidores de uma política da continuidade das relações de poder de poucos, das lideranças autoritárias, dos interesses externos ao universo da competição enquanto interação e formadora de subjetividades flexíveis e mais estáveis nas situações de vencer e/ou perder.

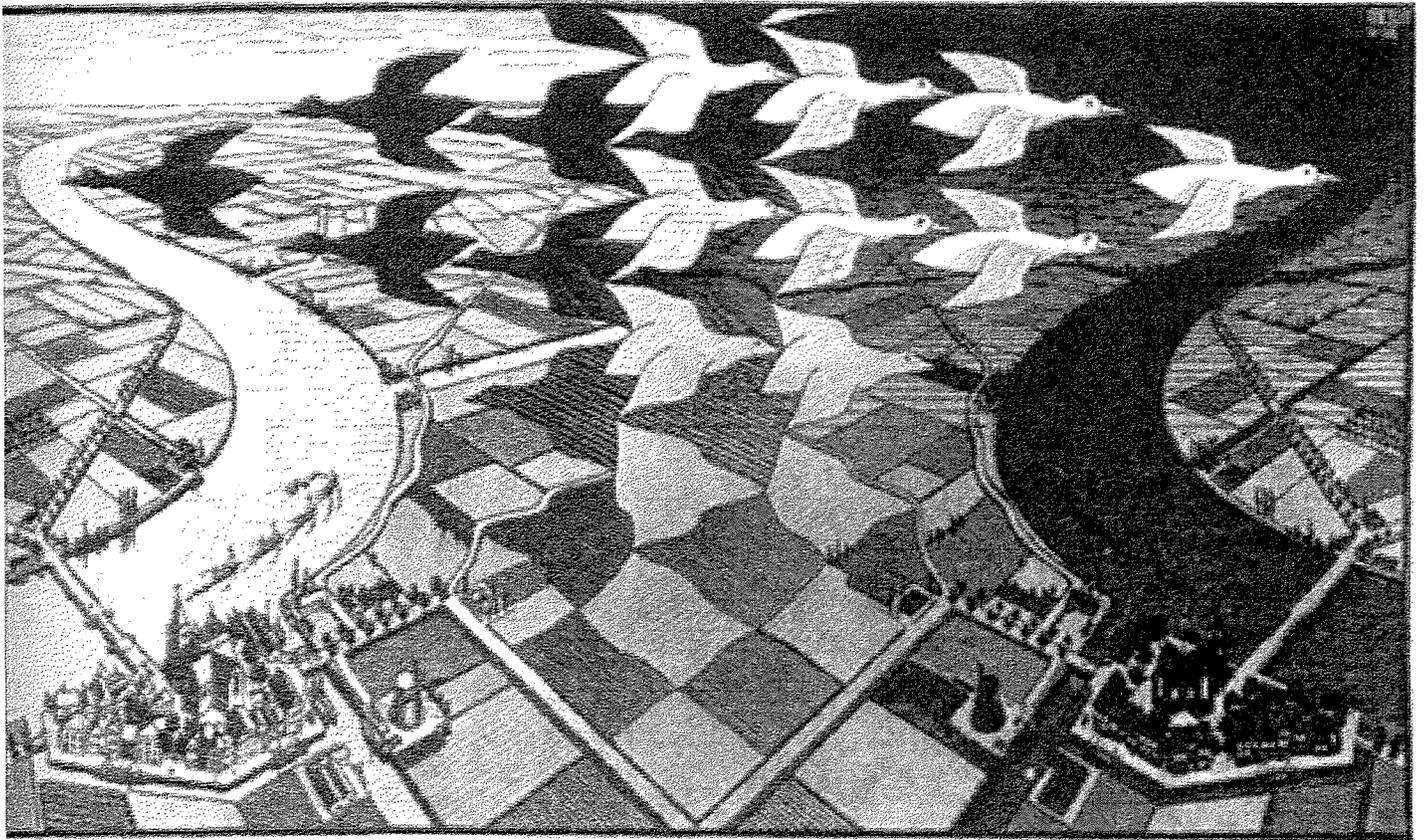
Este humanismo caracteriza os modelos de auto-ajuda, no qual a psicologia é, menos que eclética, utilitária e, enquanto suporte para situações críticas, constitui-se em contra-ajuda.

Fica como sugestão final, para futuros estudiosos desta questão - psicologia e formação do psicólogo do esporte- explorar em profundidade os embasamentos da

chamada psicologia de auto-ajuda, suas práticas e resultados; mais do que uma descrição deste modelo, sugerimos a crítica que auxilie a estabelecer os parâmetros para a formação do psicólogo do esporte efetivamente envolvido com a complexa situação das subjetividades no esporte e preparado adequadamente para prestar ajuda relevante e transformadora para a Psicologia, a partir da análise da competência atual e das possibilidades futuras.



ESCHER, M.C. (1898-1972)
(1948) *"Sol e Lua"*
Xilogravura, 25,2x27,7cm, 4 cores



ESCHER, M.C. (1898-1972)
1938, "Dia e Noite"

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRÃO, B.S. História da Filosofia. *Coleção Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- ALDERMAN, R.B. *Manuel de Psychologie du Sport*. France: Editions Vigot, 1983.
- ALVES, R. *Conversas com quem Gosta de Ensinar*. São Paulo: Cortez, 1989.
- ANDRADE, C.D. *Corpo: novos poemas*. Rio de Janeiro: Record, 9ª edição, 1986.
- ÂNGELO, L.F. Psicanálise e psicologia do esporte: é possível tal combinação? In: *Psicologia do esporte: interfaces, pesquisa e intervenção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- ANTONELLI, F. & SALVINI, A. *Psicologia del deporte*. Valladolid: Editorial Minõn, 1978.
- ANZIEU, D. *O grupo e o inconsciente: o imaginário grupal*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1993.
- ÁVILA, L.A. *Doenças do Corpo e Doenças da Alma: Investigação Psicossomática Psicanalítica*. Tese de Doutorado, São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1995.
- BAKKER, F.C., WHITING, H.T.A., BRUG, H. van der. *Sportpsychologie: Grundlagen und Anwendungen*. Huber: Bern, 1992. Tradução de Valter Frank.
- BETTI, M. *A Janela de Vidro: esporte, televisão e educação física*. Tese de Doutorado, Campinas: Faculdade de Educação, UNICAMP, 1997.
- BETTI, M. *Educação Física e Sociedade*. São Paulo: Editora Movimento, 1991.
- BION, W.R. *Experiências com grupos: os fundamentos da psicoterapia de grupo*. Rio de Janeiro: Imago. 1970.
- BOCK, A.M.B. Formação do Psicólogo: Um Debate a Partir do Significado do Fenômeno Psicológico. In: *Psicologia Ciência e Profissão*, 1997, 17, (2), 37-42.

- BOMFIM, E.M. Psicologia Social, Psicologia do Esporte e Psicologia Jurídica. *Psicólogo brasileiro: práticas emergentes e desafios para a formação*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.
- BOUET, M. *La motivacion des sportifs*. Paris: Editions Universitaires, 1988.
- BRAGA NETO, J. Histórico do I Simpósio Prático de Psicologia & Esporte. *Anais do I Simpósio Prático de psicologia & Esporte*. Rio de Janeiro - RJ: 4, 1993.
- BRANDÃO, M.R.F. Psicologia do Esporte. In: *As Ciências do Esporte no Brasil*. Campinas: autores Associados, 1995,133-146.
- BRITO, A.P. Psicologia Desportiva. *Cultura e Desporto*. Lisboa, 43 (1),1976.
- BUARQUE, C. O colapso da modernidade brasileira e uma proposta alternativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- BURITL, M.A. (org.). *Psicologia do esporte*. Campinas: Alínea, 1997.
- CAMPELO, C.R. *Cal(e)idoscorpos: um estudo semiótico do corpo e seus códigos*. São Paulo: ANNABLUME, 1996.
- CARVALHO, A.M.A. A profissão em perspectiva. In: *Psicologia*, 8 (2), 5-17,1982.
- CASTELO BRANCO, M.T. Que Profissional Queremos Formar? In: *Psicologia Ciência e Profissão*. Ano 18, número 3, 1998.
- CHAGAS, A.T.S. *A ilusão no discurso da auto-ajuda e o sintoma social*. Ijuí: UNIJUÍ,1999.
- CHAUI, M. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 1997.
- CHIZZOTTI, A. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez, 1991.
- CILLO, E.N.P. Análise do comportamento aplicada ao esporte e à atividade física: a contribuição do behaviorismo radical. In: *Psicologia do esporte: interfaces, pesquisa e intervenção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- CRATTY, B.J. *Psicologia no esporte*. Rio de Janeiro: Prentice-Hall do Brasil, 1984.
- DE ROSE JÚNIOR, D. O esporte e a psicologia. Enfoque do profissional do esporte. In: Rubio, K. (org.). *Psicologia do esporte: interfaces, pesquisa e intervenção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

- FADIMAN, J. & FRAGER, R. *Teorias da personalidade*. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1979.
- FEIJÓ, O. *Corpo e movimento: uma psicologia para o esporte*. Rio de Janeiro: Shape, 2ª edição, 1998.
- FIGUEIREDO, L.C.M. & SANTI, P.L.R. *Psicologia, uma (nova) introdução*. São Paulo: EDUC, 1998.
- FIGUEIREDO, L. C. M. *A invenção do psicológico: quatro séculos de subjetivação (1500-1900)*. São Paulo: Escuta, 1994.
- FIGUEIREDO, L. C. M. *Revisitando as Psicologias: Da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos*. São Paulo: Educ;Petrópolis: Vozes, 1996.
- FIGUEIREDO, L.C. *Matrizes do Pensamento Psicológico*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- FIGUEIREDO, L. C. M. Convergências e divergências: a questão das correntes de pensamento em psicologia. *Transinformação*, 4 (1,2,3): 15-26, jan/dez,1992.
- FIGUEIREDO, S.H. Variáveis que interferem no desempenho do atleta de alto rendimento. In: *Psicologia do esporte: interfaces, pesquisa e intervenção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- FONTANELLA, F.C. *O corpo no limiar da subjetividade*. Piracicaba: UNIMEP, 1995.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- FRANCO, G.S. Esporte e Psicodrama. *Anais do I Simpósio Prático de Psicologia & Esporte*. Rio de Janeiro - RJ: 6, 1993.
- FRANCO, G.S. Quando o esporte encontra o psicodrama. In: Rubio, K. *Psicologia do esporte: interfaces, pesquisa e intervenção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- FRANCO Jr., H. *A Idade Média e o Nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- FRANKL, V.E. *Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo*. Aparecida - SP: Editora Santuário, 1989.
- FREITAS, M.G. Os desafios da psicologia social. In: *Insight: psicoterapia e psicanálise*. Ano X, 112, p.9.

- FREUD, S. (1925a) Negativa. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- FREUD, S. (1921) Psicologia de grupo e análise do ego. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- FREUD, S. (1923) O ego e o id. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- GABLER, H., NITSCH, J.R., SINGER, R. *Einführung in die Sportpsychologie*. Schorndorf: Hofmann, 1986. Tradução de Valter Frank.
- GO TANI. Cinesiologia, Educação Física e Esporte: ordem emanente do caos na estrutura acadêmica. *Motus Corporis: Revista de divulgação científica do mestrado e doutorado em Educação Física* Vol.3, n. 2, Rio de Janeiro, dezembro, 1996.
- GUATTARI, F. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34 Ltda, 1998.
- GUERRIERO, S. (org.) *Antropos e Psique: o outro e sua subjetividade*. São Paulo: Olho d'água, 2000.
- HOLANDA, A. Os conselhos de psicologia, a formação e o exercício profissional. In: *Psicologia, Ciência e Profissão*, ano 17(1), 3-13,1997.
- HOWE, B.L. Motivation for success in sport. In: *International Journal of Sport psychology*, 17: 1-9,1986.
- INÁCIO DE LOYOLA, SANTO. *Exercícios Espirituais*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- JAPIASSU, H. *Introdução à epistemologia da psicologia*. Rio de Janeiro: Imago, 1982.
- JOVCHELOVITCH, S. *Representações sociais e esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- LALANDE, A. *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

- LANE, S.T.M. & CODO, W. (orgs). *Psicologia Social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- LAPLANCHE & PONTALIS. *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- LAWTHER, J.D. *Psicologia Desportiva*. Rio de Janeiro: Forum Editora, 1973.
- LOBO, R. J. H. *Psicologia dos esportes*. São Paulo: Atlas, 1973.
- LOVISOLO, H. *Estética, esporte e educação física*. Rio de Janeiro: Sprint, 1997.
- MACHADO, A. A. *Psicologia do esporte: temas emergentes, I*. Jundiaí: Ápice, 1997.
- MAISONNEUVE, J. *A Psicologia Social*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- MANCEBO, D. Formação do psicólogo: uma breve análise dos modelos de intervenção. In: *Psicologia, Ciência e Profissão*, 17 (1),20-28,1997.
- MARTIN, G. Applied Behavior Analysis in Sport and Physical Education: Past, Present, and Future. In: *Designs for Excellence in education. The Legacy of B.F.Skinner*. Edited by Richard P. West and L.A. Hamerlynch, Sopris West, Inc., Nongmont, 223-257,1992.
- MARTIN, G. *Sport Psychology Consulting: Pratical Guidelines from Behavior Analysis*. University of Manitoba, 1996.
- MARTINI, L.A. Fundamentos da preparação psicológica do esportista. In: *Psicologia do esporte: interfaces, pesquisa e intervenção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- MASLOW, A. *Introdução à psicologia do ser*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1968.
- MATARAZZO, F. A tipologia junguiana e sua utilização no esporte. In: *Psicologia do esporte: interfaces, pesquisa e intervenção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- MAY, R. *Psicologia e dilema humano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977, terceira edição.
- MAY, R. *Eros e repressão: amor e vontade*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- MC DAVID, J. & HARARI, H. *Psicologia e comportamento social*. Rio de Janeiro: Interciência, 1980.

- MELLO, S.L. Currículo: quais mudanças ocorreram desde 1962? *Psicologia, Ciência e Profissão*, 9(1), 16-18, 1989.
- MELLO, S. L. *Psicologia e profissão em São Paulo*. São Paulo: Ática, 1978.
- MELLO, S.L. Formação, informação e disposição ética. *Jornal do Federal*, 42, fev., p.3, 1996.
- MESQUITA, A. M. O. O psicodrama e as abordagens alternativas ao empirismo lógico como metodologia científica. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 20(2), 34-35, 2000.
- MIRACLE, L. *Las profesiones del mundo del deporte*. Barcelona: Editorial Planeta, 1992.
- MOREIRA, W.W., PELLEGRINOTTI, I., HELLING, J.C. *Futebol Evolução*. Piracicaba: UNIMEP, 1992.
- MORENO, J. L. *Psicoterapia de Grupo e Psicodrama: introdução à teoria e à prática*. Campinas: Livro Pleno, 1999.
- MORIN, E. *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo I: neurose*. Rio de Janeiro: Forense - Universitária, 1986.
- MORIN, E. *El Metodo. III. El Conocimiento del Conocimiento*. Madrid: Cátedra, 1988.
- MUCCHIELLI, A. *Que sais-je? Les Méthodes Qualitatives*. Paris: Presses Universitaires de France, 1991.
- MYERS, D. *Introdução à Psicologia Geral*. Rio de Janeiro: LTC - Livros Técnicos e Científicos, 1999.
- NAISBITT, J. & ABURDENE, P. *Megatrends 2000*. São Paulo: Amana-Key, 1990.
- OSÓRIO, L. C. *Grupos: teorias e práticas - acessando a era da grupalidade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- PICHON-RIVIÈRE, E. *O Processo Grupal*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- PENNA, A.G. *História e Psicologia*. São Paulo: Vértice, 1987.

- PRONI, M.W. Marketing e organização esportiva: elementos para uma história recente do esporte-espetáculo. *Conexões: educação, esporte, lazer*. Campinas, V.1, N. 1- Julho/Dezembro 1998: FEF- UNICAMP, pp 74-84.
- PRONI, M. W. *Esporte-Espectáculo e Futebol-Empresa*. Campinas: FEF/UNICAMP, 1998, mimeo. Tese de Doutorado.
- REZENDE, A. M. *O corpo nas linguagens simbólicas*. Campinas, UNICAMP, 1989. (mimeografado).
- RIERA, J. *Introducción a la psicología del deporte*. Barcelona: Ediciones Martinez Roca, 1985.
- ROCHA, F. O corpo na psicanálise. In: *Agenda de psicanálise 2: o corpo na psicanálise*. Rio de Janeiro: Dumará, 1990.
- ROGERS, C.R. *Tornar-se pessoa*. Lisboa: Moraes Editores, 1970.
- ROSENBERG, R.L. Envelhecimento e Morte. In: Kovács, M.J. (coord.). *Morte e Desenvolvimento Humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.
- RUBIO, K. *Et, Niat, Niatat: Sobre o Processo de Formação de Vínculo em uma Equipe Esportiva*. São Paulo, 1998, 128 p. Dissertação (Mestrado)- Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo.
- RUBIO, K. (org.) *Psicologia do Esporte: Interfaces, Pesquisa e Intervenção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- RUSSEL, G.W. *The social psychology of sport*. New York, Springer-Verlag, 1993.
- SAFRA, G. *A face estética do self: teoria e clínica*. São Paulo: UNIMARCO, 1999.
- SALMELA, J.H. Comparative Sport psychology. In: J.M.Silva, R.Weinberg (Ed.). *psychological foundations of sport*. Champaign: Human Kinetics, 1984.
- SAMULSKI, D.M. *Psicologia do Esporte: teoria e Aplicação Prática*. Belo Horizonte: Imprensa Universitária/UFMG, 1995.
- SANTI, P. L. R. *A construção do eu na Modernidade: da Renascença ao século XIX- um texto didático*. Ribeirão Preto, Holos, 1998.

- SANTIN, S. *Educação Física: uma abordagem filosófica da corporeidade*. Ijuí: UNIJUÍ, 1987.
- SICHEL, E. *O Renascimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- SILVA, A. R. *Psicologia esportiva e preparo do atleta*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1967.
- SILVA, M. E. L. *Pensando o pensar com W. R. Bion*. São Paulo: M. G. Editores, 1988.
- SIMSON, V. & JENNINGS, A. *Os Senhores dos Anéis: poder, dinheiro e drogas nas Olimpíadas Modernas*. Rio de Janeiro: Best Seller, 1992.
- SINGER, P. *A formação da classe operária*. São Paulo: Atual, 1994.
- SINGER, R. N. *Psicologia dos esportes: mitos e verdades*. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1977.
- SOUZA, A. M. *Esporte espetáculo: a mercadorização do movimento corporal humano*. Florianópolis : UFSC, dissertação (mestrado),1991, mimeo.
- THIOLLENT, M. *Crítica Metodológica- investigação social e enquete operária*. São Paulo: Polis, 1985.
- THOMAS, A. *Esporte: introdução à psicologia*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983.
- TORRES, C. R. El Deporte y El Tiempo Libre: El Tránsito de La Modernidad a La Posmodernidad. In: *Coletânea –Terceiro Congresso Latino-Americano- Esporte, Educação e saúde no Movimento Humano*. 30 de julho a 5 de julho de 1996. Foz do Iguaçu : Paraná , 124-138.
- TOURINHO, E. Z. & CARVALHO, M.B.N. As fronteiras entre a psicologia e as práticas alternativas: algumas considerações. *Psicologia no Brasil: Direções epistemológicas (81-110)*. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 1995.
- TRINCA, W. *Diagnóstico Psicológico: Prática Clínica*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1984.
- TUBINO, M. J. G. *Esporte e Cultura Física*. São Paulo: IBRASA,1992.